



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**RELACIONAMENTO ROMÂNTICO
ENTRE MULHERES BRASILEIRAS E HOMENS ESTRANGEIROS**

CLAUDIA BALESTREIRO PEPINO

VITÓRIA
2014

CLAUDIA BALESTREIRO PEPINO

**RELACIONAMENTO ROMÂNTICO
ENTRE MULHERES BRASILEIRAS E HOMENS ESTRANGEIROS**

Tese de Doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Psicologia, da Universidade Federal do Espírito Santo.

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia

UFES
Vitória, Julho de 2014

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

P422r Pepino, Claudia Balestreiro, 1972-
Relacionamento romântico entre mulheres brasileiras e
homens estrangeiros / Claudia Balestreiro Pepino. – 2014.
188 f.

Orientador: Agnaldo Garcia.
Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Federal do
Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Casamento misto. 2. Aculturação. 3. Cultura. 4.
Relacionamento romântico. I. Garcia, Agnaldo. II. Universidade
Federal do Espírito Santo. Centro de Ciências Humanas e
Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

RELACIONAMENTO ROMÂNTICO ENTRE MULHERES BRASILEIRAS E
HOMENS ESTRANGEIROS

CLAUDIA BALESTREIRO PEPINO

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Psicologia.

Aprovada em 03 de setembro de 2014, por:



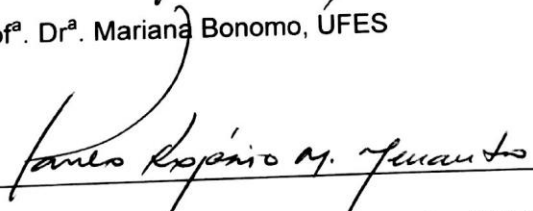
Prof.Dr. Agnaldo Garcia - Orientador, UFES



Prof^a. Dr^a. Manuela Vieira Blanc, UVV



Prof^a. Dr^a. Mariana Bonomo, UFES



Prof. Dr. Paulo Rogério Meira Menandro, UFES



Prof^a. Dr^a. Raquel Ferreira Miranda, UFV

DA MINHA ALDEIA vejo quanto da terra se pode ver no
Universo...
Por isso a minha aldeia é grande como outra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura...
Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram nosso olhar para longe
de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos
olhos nos
podem dar,
E tornam-nos pobres porque a única riqueza é ver.

*Alberto Caeiro, em "O Guardador
de Rebanhos"*

AGRADECIMENTOS

“Não havíamos marcado hora, não havíamos marcado lugar. E, na infinita possibilidade de lugares, na infinita possibilidade de tempos, nossos tempos e lugares coincidiram. E, deu-se no encontro” (Rubem Alves). Encontro e presença genuína potencializaram ideias e afetos! A todos aqueles que potencializaram essa trajetória, com uma palavra de incentivo e com perguntas inquietantes, e assim desalojaram verdades e obrigaram a refazer rotas, a minha gratidão. Fica na memória os momentos partilhados na construção deste trabalho.

Ao meu pai, pelos ensinamentos de perseverança e conquista, e que, além de tudo, é minha inspiração e encantamento pelo tema da migração, revelando os sabores e dissabores do projeto migratório, em cujas cartas descobri a dor da saudade do “seu lugar” e dos seus laços de afetos.

À Maria Heloisa, mãe, compreensiva e incentivadora deste projeto, meu carinho e agradecimento. Generosidade e tolerância aprendi um pouquinho, pois igual não é possível!

Especialmente ao companheiro, Carlos Gilberto, incansável presença que suavizou os momentos de elaboração solitária de uma tese.

A todos os meus irmãos, Raquel, Rosa e Elder, que ofereceram tempo, atenção e afeto, inclusive com as demandas cotidianas. E à Marila, por todo suporte tecnológico e de organização dos inúmeros arquivos e papéis.

Agradeço a todos os Professores do PPGP, em especial ao Prof. Paulo Menandro pela valorização da temática retratada neste trabalho; ao Prof. Elizeu Batista

Borloti pelas contribuições apresentadas na banca de qualificação; à Prof^a Edinete Rosa, pela atenção e incentivo

À Lucia Fajóli, secretária do PPGP, pelas informações de créditos e prazo. Ufa, conferimos os créditos tantas vezes, que sobraram!

À Claudia, bolsista de iniciação científica, sempre disposta a atender às demandas urgentes.

À revisora de português, Raquel Vaccari de Lima, pela dedicação e contribuições na finalização deste trabalho.

Às amigas Lilian Bedendi, pelas indicações das participantes em sua rede de contatos internacionais; Garbem, pelo apoio constante com as palavras mágicas de incentivo; Scheila, pelas preciosas dicas de bem-estar; Manuela Blanc, Luciana Borges e Isabel Girão, pelas contribuições a este trabalho. Ao amigo Paulo Storch pela amizade e apoio.

À Marcia Prezotti, pelas contribuições e ser grande incentivadora para a realização deste projeto. A qualidade inexorável de um amigo é a generosidade! Generosidade para ouvir, para dedicar seu tempo, para contribuir e sugerir.

Agradeço especialmente a Agnaldo Garcia, pela oportunidade e aposta no meu trabalho e a dedicação à orientação desta tese.

E, mais do que especial, às mulheres participantes da tese, que ofereceram seu tempo e, de forma generosa, narraram suas histórias de amor e reviveram suas memórias.

RESUMO

Pepino, C.B. (2014). Relacionamento Romântico entre Mulheres Brasileiras e Homens Estrangeiros. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória/ES.

A configuração contemporânea globalizada, marcada pela tecnologia, tem facilitado contatos e relacionamentos afetivo-sexuais interculturais. Considerando a escassez de trabalhos científicos a respeito desses relacionamentos e tendo como referencial teórico as propostas para o estudo do Relacionamento Interpessoal de Robert Hinde, buscou-se investigar relações românticas entre mulheres brasileiras e parceiros de nacionalidade distinta, atentando-se para casos de homens não falantes da Língua Portuguesa. Foram conduzidos três estudos interdependentes. O Estudo 1 analisou perfis de mulheres brasileiras em um site de relacionamento em busca de parceiro estrangeiro; o Estudo 2 dirigiu-se à fase inicial do namoro a fim descrever diferenças culturais percebidas na forma de se relacionar com homem estrangeiro; o Estudo 3 buscou compreender a fase de adaptação conjugal do casal intercultural em contexto migratório. Cada estudo utilizou metodologia específica. Em relação ao Estudo 1, observou-se que as mulheres cadastradas no site elaboraram propositadamente um perfil pautado em atributos em que acreditam ser valorizados por um parceiro em potencial, desconsiderando possíveis diferenças culturais entre eles. O Estudo 2 revelou uma valorização do relacionamento com homem estrangeiro devido ao comprometido deste com o relacionamento e devido à complementaridade a partir das trocas interculturais na relação. No Estudo 3, os resultados apontaram que o apoio do cônjuge à parceira na adaptação ao local de residência revela-se fundamental para adequação conjugal e qualidade do relacionamento. Os resultados encontrados sugerem que as diferenças culturais têm significados distintos, de acordo com a etapa do relacionamento e o contexto de residência dos parceiros oriundos de nacionalidades distintas.

Palavras-chave: Relacionamento Romântico; Relacionamento Romântico Intercultural; Diferenças Culturais.

ABSTRACT

In this globalized contemporary society where travel and communication technologies decrease physical distances between diverse people across the world, thus intercultural contacts and intercultural relationships has been facilitated. Regarding the incipient phase of scientific studies on romantic relationship it was decided to present the current doctoral thesis focused on Robert Hinde's framework about Interpersonal Relationship. Thus, the current thesis focused on the case of Brazilian women in romantic relationships with men from other nationality, attending to cases of men who do not speak the Portuguese language. Three interdependent studies were conducted. Study 1 focused in the initial phase of the relationship in order to describe cultural differences perceived as relating to foreign man. Study 2 investigated how Brazilian spouse accommodates herself during the stage of adaptation on marital life in an intercultural relationship. Study 3 examined Brazilian women's profiles registered in an international dating site in order to date a foreign partner. Each study was based in a specific methodology. The results indicate that cultural differences are perceived as positively diversity and complementarity in the initial phase of the relationship but along the marital life can be perceived negatively facing certain challenges. The spousal support to partner in adapting to the place of residence become crucial for marital adjustment and quality of relationship. In the Study 3 it was observed that women registered on the website purposely presented attributes on the profile they believe to be valued by a potential partner, disregarding possible cultural differences between them. The findings suggest that not only cultural differences matter on the relationship but also the situation where the couple meets each other present several implications for the relationship.

Keywords: Romantic Relationship; Intercultural Romantic Relationships; Cultural Differences.

RÉSUMÉ

Pepino, C. B. (2014). Relations amoureuses entre les femmes brésiliennes et étrangères hommes. Thèse, programme d'études supérieures en psychologie, Université fédérale de Espírito Santo, Vitória / ES.

Le cadre contemporain globalisé, marqué par la technologie, a facilité les contacts inter-culturels et relations affectives sexuelles interculturels. Compte tenu de la rareté des études scientifiques sur ces relations et des propositions fondées théoriquement pour l'étude des Relations interpersonnelles par Robert Hinde, nous avons cherché sur la relation amoureuse entre les hommes et les femmes de différentes nationalités, en accordant une attention à des cas d'hommes qui ne parlent pas la langue portugaise. Trois études ont été menées interdépendants. En ce qui concerne l'étude 1, on observe que les femmes inscrites sur le site volontairement développé un profil guidé par attributs qu'ils croient être évalué par un partenaire potentiel, sans tenir compte des différences culturelles possibles. Étude 2 révèle l'appréciation de l'homme étrangère engagée, et la relation marquée par enchantement de la diversité culturelle. Dans l'étude 3, les résultats indiquent que la pension alimentaire de se associer pour se adapter au lieu de résidence est fondamentale pour l'adéquation et la qualité de la relation conjugale. Les résultats globaux montrent que les différences culturelles ont des significations différentes, selon le stade de la relation et de la résidence de son contexte par des gens de différentes nationalités partenaires.

Mots-clés: relations amoureuses; Relations amoureuses interculturelles; Les différences culturelles.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	13
Relacionamentos Afetivo-sexual Inter-raciais, Interétnicos, Interculturais e Internacionais: complexidade terminológica	19
Relacionamento Afetivo-Sexual Intercultural	21
Relacionamento Interpessoal: A Obra de Robert Hinde como Referencial Teórico	31
ESTUDOS	36
Estudo 1 – Perfis de Mulheres Brasileiras em um Site de Relacionamento	36
Estudo 2 – Início de Relacionamento Amoroso entre Mulheres Brasileiras e Homens Estrangeiros	76
Estudo 3 – Adaptação ao Casamento entre Mulheres Brasileiras e Homens Estrangeiros Vivendo no Exterior	119
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	176
Apêndices	182
Apêndice A- Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa	182
Apêndice B - Cadastro de Perfil de Mulher Brasileira em Site de Relacionamento (ESTUDO 1)	183
Apêndice C - Ilustração de Perfis de Mulheres em Site de Relacionamento (ESTUDO 1)	184
Apêndice D – Roteiro de Entrevista (ESTUDO 2)	185
Apêndice E – Roteiro de Entrevista (ESTUDO 3)	186

APRESENTAÇÃO

O mundo contemporâneo, marcado pela facilitação de contatos por meios de comunicação como a Internet, massificação do turismo, aumento do fluxo de emigrantes, globalização do mercado com empresas internacionalizadas, projetos de cooperação internacional, tem facilitado os contatos interpessoais entre pessoas de diferentes países ou culturas, que podem eventualmente evoluir para um relacionamento romântico intercultural (Killian, 2009; Bystydzienski, 2011).

Nesse contexto, emerge o objeto de estudo desta tese – relacionamentos afetivo-sexuais interculturais, especificamente entre mulheres brasileiras e homens de outra nacionalidade (estrangeiro). Para isso, investigou-se os perfis de brasileiras em um site de relacionamento em busca de parceiro de outra nacionalidade (Estudo 1); em seguida buscou-se analisar a etapa inicial desses relacionamentos (Estudo 2); e, a adaptação conjugal no contexto migratório (Estudo 3).

Esta proposta de estudo vincula-se à pesquisa desenvolvida durante o mestrado: trabalho feminino e conjugalidade. Objetivou-se compreender o exercício profissional feminino no contexto do matrimônio. A questão feminina no contexto estrangeiro emergiu para além da minha trajetória acadêmica, mas também no plano pessoal, considerando a experiência como imigrante na Inglaterra.

Esta tese apresenta-se sob a forma de artigos empíricos. Desta forma, organiza-se por uma Introdução seguida de três artigos independentes. Ao final, são apresentadas as considerações gerais sobre os estudos. As referências

bibliográficas reúnem apenas as referências relativas à Introdução. Devido à estrutura da tese, optou-se por não apresentar um capítulo específico de Método, sendo que cada artigo possui uma seção metodológica específica e independente.

INTRODUÇÃO

Dentre as tendências para o novo milênio pode-se apontar uma maior diversidade multicultural, com um salto grande no número de casais e famílias multiculturais que desafiam novas pesquisas e formas de intervenção clínica (Kaslow, 2001). Alguns autores (Killian, 2009; Romano, 2008) destacaram as vulnerabilidades e os desafios desses relacionamentos, como, por exemplo, a comunicação, a religião e a adaptação ao novo contexto de residência.

Diversos estudos (Romano, 2008; Bustamante, Nelson, Henriksen & Monakes, 2011; Killian, 2009) sugerem que os casais interculturais enfrentam mais dificuldades devido a uma maior complexidade e diferenças encontradas entre os cônjuges nos seus valores, percepções, padrões de interação e estilos de comunicação. As dificuldades vividas pelo casal não são diferentes das vividas por casais de mesma origem nacional ou cultural (Killian, 2009), contudo existem dificuldades mais acentuadas, como a língua usada pelo casal e as práticas religiosas.

Dificuldades próprias devido à cultura de origem e estereótipos do grupo no qual o companheiro se insere podem interferir na dinâmica desses relacionamentos. Alguns trabalhos indicaram que o índice de insatisfação matrimonial e divórcio é maior entre casais interculturais do que naqueles da mesma nacionalidade (McGoldrick & Preto, 1984; McGoldrick & Rohrbaugh, 1987; McGoldrick, Preto, Hines & Lee, 1991). Eventualmente estes casais podem recorrer à terapia, o que requer especificidade de intervenção.

Contudo, é incipiente a pesquisa na área da Psicologia a respeito de

casais e famílias interculturais no Brasil. Algumas investigações, como as de Piscitelli (2002, 2004a e b, 2007, 2011), Silva (2012) e Assunção (2012) abordam a questão das mulheres brasileiras no contexto da Antropologia, e alguns trabalhos têm o foco na prostituição (Piscitelli, 2004; 2007; 2011). Pesquisadores brasileiros na área da Psicologia passaram a conceder atenção especial à variável cultural da década de 1990, provavelmente dado ao fluxo emigratório intensificado e ao contato cada vez mais regular com grupos culturais distintos (DeBiaggi & Paiva, 2004).

O objetivo geral foi investigar o relacionamento afetivo-sexual entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros com base nas propostas de Robert Hinde (1997). Assim, três estudos independentes foram conduzidos sobre o tema. No Estudo 1 foram analisados os perfis de mulheres brasileiras em busca de parceiro estrangeiro em sites de relacionamento. O Estudo 2 investigou a fase inicial do relacionamento romântico entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros. O Estudo 3 buscou compreender o processo de adaptação da mulher ao casamento no contexto migratório.

Neste trabalho, optou-se pela denominação relacionamento afetivo-sexual intercultural para abordar o relacionamento entre mulheres brasileiras e homens de outra nacionalidade, o que pode implicar em algumas diferenças culturais. Uma compreensão do que se entende por cultura é essencial para o estudo de relacionamentos interculturais. Nesse sentido, referimo-nos a cultura como um sistema de significados aprendidos de crenças, valores, símbolos, costumes e comportamentos que membros de um grupo utilizam para atribuir sentido ao mundo, bem como promover um senso de identidade compartilhada (Hall, 2000;

Sandoval, 1995). A cultura não é uma dimensão estática, pronta e acabada, mas ao contrário este é em processo contínuo de mudanças. Assim, o intercultural refere-se à interação entre pessoas com sistemas de significados distintos dada a origem nacionais a que pertencem.

Considerando a extensão e complexidade das diversas interpretações sobre cultura, adota-se aqui a concepção de Geertz (1989) em que a cultura refere-se a um sistema de símbolos e significados. O autor apresenta um conceito de cultura essencialmente semiótico, uma teia de significados que o homem teceu e a ela está amarrado. Os padrões culturais não representam elementos secundários na compreensão de determinada sociedade; pelo contrário, representa uma condição essencial dotada de sentido para seus membros, ou seja, sem os homens não haveria cultura, assim como, sem a cultura, não haveria homens (Geertz, 1989).

As representações das teias de significados tecidas pelos indivíduos compreendem as regras, valores, leis, estruturas e símbolos pelos quais a sociedade humana se comunica, se reproduz e influencia o comportamento social dos indivíduos. A cultura, então, é constituída por sistemas de representações que caracterizam a dinâmica de um contexto social, sendo, portanto, constituída das particularidades das relações sociais sob a qual é construída.

A cultura não se apresenta de forma determinística ou cristalizada, mas em uma constante de resignificação das práticas e vínculos sociais. Assim, a cultura não pode se pautar noções estáticas ou de essência, ao contrário, é dinâmica, fluida e emergente (Laird, 2003). A cultura é contextual, ou seja, a cultura muda e emerge, dependendo contexto social. Determinadas

características culturais podem estar mais presentes em certos contextos e menos em outros. A categorização de gênero e classe social, por exemplo, não é estável e fixa, podendo assumir significados distintos em determinado contexto temporal e espacial do que noutro. A cultura não pode ser descontextualizada e servir para uma avaliação ou definição, porque não é entendida como uma “coisa”, mas como um conjunto narrado de significações. A cultura não só reflete e recria significações existentes, como cria novas significações.

Embora possa haver muitas definições diferentes de cultura, existe, segundo Triandis (1996), um amplo acordo de que a cultura consiste em elementos partilhados, que fornecem os padrões para a percepção, crenças, avaliação e comunicação, que atuam entre aqueles que partilham a mesma língua, o mesmo período histórico e a mesma localização geográfica. Estes elementos, que incluem suposições e padrões de procedimentos, são transmitidos e modificados de geração para geração e refletem o que funcionou num dado momento histórico, para um grupo cultural.

Compreendemos que um casal intercultural refere-se a um espaço de encontro de duas culturas, pode enfrentar desafios acentuados em relação a um casal monocultural. Assumindo uma posição dinâmica e interacionista entre a cultura e os processos psicossociais, interroga-se sobre a influência cultural na conjugalidade. Triandis (1996), defende que valores partilhados por grupos sociais desempenham papéis importantes no funcionamento cognitivo, emocional e social dos indivíduos.

Compreende-se, a cultura como contexto (Hinde, 1997). O autor assinalou que os indivíduos inserem-se diferentes níveis como a família, e que

estão inseridos num sistema mais abrangente como a cultura. A cultura não é vista como uma propriedade individual, mas como algo construído, que interage com um contexto mais vasto.

As relações interpessoais entre sujeitos de culturas distintas têm sido abordada a partir da perspectiva da Psicologia Intercultural (Paiva, 2004). A Psicologia intercultural enfatiza o estudo do indivíduo e o comportamento interpessoal, investigando categorias como identidade, gênero, relação interpessoal, preconceito e aculturação entre outros. Essa área de estudo desenvolveu-se nos anos sessenta e investiga a interface das variáveis psicológicas com as variáveis culturais (Paiva, 2004).

A Psicologia Intercultural parte do ético, e busca entender seu objeto no escopo da diversidade, isto é, construído por duas ou mais culturas em interação. Pesquisadores brasileiros na área da Psicologia passaram a conceder atenção especial à variável cultural a partir da década de 90, provavelmente, dado o fluxo emigratório intensificado, o contato cada vez mais regular com grupos culturais distintos (DeBiaggi, 2004).

As diferenças culturais entre parceiros de nacionalidades distintas foram analisadas por Perel (2008) a partir da distinção realizada por Hall (1990). Este autor identifica duas configurações culturais dos países: países de alto contexto e culturas de Baixo Contexto, em que o primeiro caracteriza-se por interesses individuais acima dos interesses coletivos; já os países de baixo contexto são marcados pela valorização do coletivo.

Em culturas de alto contexto há uma valorização dos interesses do grupo acima dos interesses individuais inserem-se numa rede de comunicação social; já nas culturas do “eu” predomina sobre o “nós”, independência e autonomia.

Individualista: O “eu” predomina sobre o “nós”; independência e autoconfiança altamente valorizadas; “cada um por si”; poucas obrigações em relação às outras pessoas (exceto com os familiares mais próximos); o controle social é exercido com base na culpa individual e o medo de perder o respeito por si mesmo; universalista; luta por regras e leis que possam ser universalizadas, por modelos amplamente aplicáveis e por fórmulas.

Segundo esta perspectiva, a cultura coletivista valoriza os interesses e a identidade do grupo acima das necessidades pessoais; a identidade pessoal está inscrita numa rede de comunicação social; o controle social é exercido através do medo e da vergonha; manter a harmonia é mais importante do que exteriorizar os próprios pensamentos; particulariza; enfatiza a diferença, a genuinidade e as exceções; os relacionamentos têm mais importância que as regras e as leis (“Por um amigo posso mudar as leis se for necessário.”).

Em uma cultura de baixo contexto, o casal deve considerar os interesses da díade, ou seja, o casal é a unidade de decisão prioritária. O casamento diz respeito separa as necessidades individuais de cada membro do casal e do próprio casal das necessidades familiares (“Você deve fazer o que é bom para você”); as obrigações familiares são minimizadas; a educação dos filhos pauta-se na autonomia do sujeito.

A família extensa é muito importante; o casamento é entre duas famílias; as necessidades familiares estão ligadas às individuais; respeito pelos ancestrais

(“Sua avó se viraria no túmulo...”); a educação dos filhos dá prioridade a um forte senso de relação e lealdade; alta coesão familiar.

Homens e mulheres experimentam maior flexibilidade em suas funções e, conseqüentemente, maiores confusões; ênfase na igualdade e na distribuição de poder mais equitativa; as mulheres são economicamente mais independentes, e mais críticas e usam mais seus direitos. Papéis fixos; alto grau de diferenciação entre os sexos e uma demarcação nítida da distribuição do poder; as mulheres definem-se mais em função de sua relação com o homem do que por meio de conquistas pessoais.

Relacionamentos Afetivo-sexual Inter-raciais, Interétnicos, Interculturais e Internacionais: complexidade terminológica

O relacionamento romântico entre pessoas de diferentes origens, raças e etnias tem sido investigado como relacionamentos, casamentos ou casais inter-raciais, interétnicos, interculturais e internacionais ou transnacionais, além de biculturais, binacionais e multiculturais. Sullivan e Cottone (2006) ressaltam que os casais interculturais são identificados com base em quatro fatores: raça, etnia, origem nacional e religião, estando a maioria dos estudos relacionada à questão racial. Os autores ainda reconhecem que muitos casamentos transnacionais também são inter-raciais e/ou interétnicos.

É possível identificar diferentes termos na literatura internacional para tratar de casais de origens distintas. Diante disso, Lind (2012) realizou uma sistematização bibliográfica com o objetivo de tipificar esses termos. O autor assevera que dentre as inúmeras denominações utilizadas pela literatura anglo-

saxônica, por exemplo, podem-se citar: transcultural – atravessamento de outras culturas; multicultural – múltiplas culturas dos seus membros; interétnico – casamento entre membros de etnias distintas; inter-racial – casamento entre membros de raças distintas.

Os casamentos entre cônjuges de diferentes nacionalidades têm sido denominados de casamentos transculturais (*cross-cultural marriages*), como em Sullivan e Cottone (2010) e em Remennick (2005); casamentos interculturais (Romano, 2008) e “intercasamento” (*intermarriage*) como Roer-Strie & Ben Ezra (2006).

Os termos inter-raciais e interétnico são tipicamente utilizados na literatura estadunidense para definir identidades étnicas como uma medida para a alocação e estratificação social do indivíduo nesta sociedade. Estes termos, porém, se mostram insuficientes para denominar tais relações, uma vez que traduzem raça (inter-racial) e etnia (interétnicos). Quando se trata de raça, os conceitos se resumem apenas ao fenótipo humano, o que quer dizer que sujeitos de diferentes culturas, no entanto da mesma cor, por exemplo, podem ser vistos como mais semelhantes entre si do que pessoas do mesmo contexto, mas que apresentam fenótipos (cor branca ou negra) diferentes. Em relação à etnia, o conceito interétnicos comporta as características (ou ideologia) de um grupo de pessoas baseadas numa ideia de origem e cultura comum, que se diferencia de outras populações e/ou é considerada por outras populações como sendo diferente (Bystydzienski, 2011).

A literatura anglo-saxônica utiliza o termo *cross-cultural marriage*, o que na tradução significa transcultural, isto é, atravessamento de outras culturas. Essa

mesma literatura e a alemã usam o termo *multicultural*, o que seria interessante quando se considera várias gerações com múltiplas culturas dos seus membros. Outra designação utilizada é *intermarriage*, que remete ao “entre”, isto é, encontro entre duas culturas.

No caso do Brasil, não há uma nomenclatura específica para tratar dos relacionamentos conjugais entre brasileiros e parceiro de origem nacional distinta. Neste trabalho, adota-se a denominação relacionamento romântico intercultural por se acreditar ser o termo mais adequado para o estudo proposto, já que se busca compreender casais formados por indivíduos com experiências culturais distintas.

Relacionamento Afetivo-Sexual Intercultural

Para o presente estudo é imprescindível a indagação sobre os critérios para que um casal seja considerado intercultural. No sentido restrito da palavra cultural, todos os casais podem ser considerados interculturais, dadas as suas experiências e socializações distintas. No entanto, considera-se aqui por intercultural as diferenças concernentes aos critérios de língua materna e à origem nacional. Um casal formado por uma mulher brasileira e um homem português poderia ser considerado intercultural quanto à origem nacional e a origem das famílias. No entanto, brasileiros e portugueses possuem laços históricos estreitos, o que os tornam próximos em certa medida, principalmente em relação à língua materna, já que o idioma implica em desafio para o casal, quando da opção pela língua de comunicação entre o casal e os filhos, bem como a lida com conflitos de ordem semântica.

A literatura da área vem utilizando critérios variados para abordar interculturalidade conjugal, dentre os quais podem ser citados dificuldades na interação entre os membros devido a diferenças de hábitos e crenças, raça e religião. Lind (2012), em seu estudo, utilizou três critérios para definir “casal bicultural”: língua materna distinta entre os cônjuges; diferente país de origem dos cônjuges; diferente país natal das famílias de origem dos cônjuges.

Um ponto recorrente na literatura é que tais relacionamentos são marcados por dificuldades devido às diferenças culturais e étnicas (Laurenceau, Lewis-Smith & Troy, 2006). Segundo esses autores, a maioria dos estudos voltados à realidade norte-americana focam as características pessoais (traços de personalidade) dos envolvidos em relacionamento romântico inter-racial, em vez de focar em aspectos específicos da relação em si. Nesse trabalho, os autores ainda se propõem a comparar a literatura sobre relacionamento inter-racial. A visão negativa a respeito de conjugalidade intercultural com maior risco de conflitos e divórcio foi frequentemente enfatizada nos primeiros trabalhos, o que foi questionada por estes autores, que identificaram elevado nível de satisfação e conflitos semelhantes ao casal monocultural.

Estudos recentes (Bustamante et al., 2011; Molina; Estrada & Burnett, 2004), levaram em consideração os fatores de proteção, enfatizando os recursos que esses casais dispõem para uma relação conjugal satisfatória. O processo de adaptação do casal e os recursos que seus membros podem lançar mão dependem de uma série de fatores, como o país de residência do casal e o fato de esse país ser o país de origem do homem ou da mulher, entre outros,

importantes fatores na formação, no desenvolvimento e na manutenção da relação.

Crohn (2003) enfatizou a importância de uma compreensão mútua da origem cultural do cônjuge. Desta forma, o principal objetivo é fazer com que o casal adquira uma visão adaptativa, equilibrada e flexível sobre suas semelhanças e diferenças. Tanto a minimização ou a negação das diversidades culturais, como um exagerado enfoque nas diferenças interculturais pode resultar num relacionamento desequilibrado.

Karis e Killian (2009) apontam o crescimento do número de casais interculturais, assim como uma maior aceitação social destes, além de se referir a um novo cenário para as relações transculturais, já consideradas inerentemente problemáticas. Os autores cobrem uma ampla gama de tópicos sobre a inter-relação entre pares de culturas diferentes, incluindo casais bilíngues, relacionamentos interconfessionais, as lutas na formação destes casais, diferentes métodos de buscar soluções e o uso da Internet para encontrar parceiros de diversas origens.

Karis e Killian 2009 abordam a ambiguidade como uma solução para a questão de casamentos interculturais, trata da administração de conflitos em casais de nacionalidades diferentes, faz um exame das considerações prevalentes sobre relacionamentos interculturais, além de outros temas. Os autores também discutem combinações culturais em particular, como casamentos entre russos e norte-americanos e imigrantes latinos e norte-americanos não hispânicos, entre outros.

Bystydzienski (2011) discute as diferenças e o processo de negociação destas entre casais interculturais. A autora reconhece a presença crescente de pares de nacionalidades distintas nos Estados Unidos e em todo o mundo, bem como a falta de informações sobre esses casais. Bystydzienski (2011) procura explorar as experiências de tais relacionamentos com base em entrevistas com pessoas vivendo como parceiros (hetero e homossexual), representando um amplo espectro de *background* étnico, racial, religioso, socioeconômico e nacional. Nestes relacionamentos, cada par traz consigo um conjunto diferenciado de experiências culturais, que pode incluir expectativas de gênero, ideias sobre relações apropriadas com familiares, cuidado com filhos, assuntos financeiros e estilo de vida em geral. Por vezes, essas diferenças podem passar despercebidas ou vistas como mínimas; contudo, algumas podem se destacar, servindo de base para conflitos, enriquecendo a diversidade ou ambos.

Dentre as diversas pesquisas empíricas no contexto internacional sobre o tema, a realizada por Bustamante et al. (2011), nos Estados Unidos, merece ser citada devido à ênfase dada à superação das dificuldades vividas pelo casal intercultural. Os autores buscaram identificar potenciais estressores relacionados à cultura em pares de culturas diversas e revelaram algumas estratégias aplicadas por casais para lidar com esses estressores. Para tanto, fizeram entrevistas etnográficas com cinco casais interculturais. Os dados foram analisados, utilizando-se o processo de redução fenomenológica para sintetizar os significados e as essências das experiências dos participantes. Os resultados revelaram que os casais interculturais investigados utilizaram estratégias de enfrentamento similares para lidar com estressores no casamento que poderiam

ser atribuídos ou intensificados por diferenças culturais. Os autores identificaram seis estratégias de enfrentamento básicas: a) flexibilidade no papel de gênero; b) humor; c) deferência cultural por parte de um dos cônjuges; d) reconhecimento de similaridades; e) reestruturação cultural ou o desenvolvimento de valores e expectativas misturados que redefiniram o relacionamento intercultural; f) apreciação geral por outras culturas.

De acordo com Seto e Cavallaro (2007), grande parte da literatura sobre casamentos mistos tem como foco o encontro de diferentes raças e etnias e não a nacionalidade dos indivíduos. Ainda segundo os autores, comparados com outras formas de casamentos mistos, os casamentos internacionais ou transnacionais são um fenômeno social mais recente.

Seto e Cavallaro (2007) ressaltam a necessidade de compreensão de cinco temas frequentemente relacionados a casamentos interculturais, denominado pelos autores de transnacionais: 1) laços familiares e reações da sociedade; 2) local da residência; 3) impacto da aquisição linguística na relação; 4) complexidade cultural; e 5) leis de imigração e o impacto na vida do casal. Esses autores afirmam, por exemplo, que compartilhar um idioma não equivale necessariamente a compreender a cultura do outro, e detalhes aparentemente sem importância para um dos cônjuges (ou sua família) podem ter maior sentido simbólico para o outro.

Esses mesmos autores apresentam exemplos da complexidade cultural associada a casamentos entre pessoas oriundas de diferentes países. Assim, um homem russo que se casa com uma mulher italiana, por exemplo, apresenta diferenças não apenas no idioma e nas tradições religiosas, mas também num

conjunto de diferenças culturais associadas a fatores como a expressão de emoções, expressão e administração de conflitos, o papel da família de origem na criação dos filhos é a ilustração das diferenças entre o casal.

Do ponto de vista de estudos sobre interculturalidade no contexto brasileiro, pode-se citar a publicação “Psicologia, e/imigração e cultura”, organizada por DeBiaggi e Paiva (2004), que apesar de não tratar especificamente da relação romântica entre brasileiros e estrangeiros como tema central, vários outros temas pertinentes à emigração e imigração são abordados, como os processos de aculturação e adaptação ligados ao processo migratório, a formação de identidade de grupo, os sentidos do morar, aspectos da teoria do equilíbrio de Heider, a identidade de brasileiros nos Estados Unidos, as redes familiares na migração internacional de brasileiros para este último país, o retorno de famílias brasileiras dos Estados Unidos, a implantação de programas de saúde mental para refugiados em São Paulo, a identidade de brasileiros no Japão, o lugar do sujeito na migração entre Brasil e Japão e o adolescente peruano em São Paulo: identidade, adaptação e aculturação.

Os resultados de pesquisa de Piscitelli (2007) a respeito de brasileiras casadas com italianos revelam que o casamento é considerado terreno de tensões associadas a diferenças culturais, em que se originam desigualdades. Nesse cenário, no qual a nacionalidade adquire importância central, “raça” e gênero agem como operadores metafóricos do poder.

Piscitelli (2007) conclui que, no contexto brasileiro, os maridos foram supervalorizados, enquanto no contexto italiano, eles são percebidos de outra maneira. Neste último, os padrões de gênero alteram-se, e os esposos passam

ser vistos por meio de “lentes” que mostram estilos de masculinidade distantes de ser igualitários. Esses homens não dividem tarefas domésticas e estão longe de serem permissivos, revelando aspectos de intenso controle e expectativas “tradicionais” em relação às suas parceiras. O romantismo que, em alguns casos, permeou esses relacionamentos no contexto brasileiro tendeu a diluir-se. Nesse foco, as brasileiras, longe de idealizarem, valorizarem e estetizarem seus maridos, como faziam no período de convivência no Brasil, estabeleceram novas comparações entre eles e outros homens italianos percebidos como mais belos/mais ricos, e com mais futuro. Nota-se que elas negociavam seu posicionamento nesses relacionamentos com base na sexualidade.

Piscitelli (2011), em “Amor, Apego e Interesse”, analisa os relatos de mulheres casadas com homens espanhóis no contexto migratório e conclui que esses relacionamentos não podem ser classificados a partir de uma hierarquia e assimetria em que as mulheres se submetem a esses relacionamentos, devido exclusivamente a interesses de ascensão social somado a ausência de afeto. Ao contrário, a autora considera este argumento como uma simplificação, argumentando que existe articulação e interpenetração entre interesses e sentimentos.

A autora ressalta que os casamentos envolvendo mulheres de países em desenvolvimento e homens de países desenvolvidos foram categorizados por alguns estudos como: a) resultado de relacionamentos sentimentais; 2) arranjos; 3) de conveniência (para driblar regulamentações referidas ao ingresso ou permanência em um país estrangeiro, envolvendo a “venda” de casamentos e/ou por conveniência em termos econômicos); 4) forçados; 5)

vinculados à reunificação familiar; e 6) casamentos de reparação da honra. Os casamentos por conveniência, os forçados e também os de reunificação implicariam em vulnerabilidade para as mulheres, como risco de violência doméstica e/ou exploração sexual. Desta forma, apenas os casamentos que resultam de relacionamentos sentimentais seriam “seguros” para essas mulheres. Para a autora, tal análise é ingênua e etnocêntrica, sublinhando que supõem apartação entre sentimentos e interesses.

A maioria dos brasileiros que se casa com norte-americanos, no contexto migratório, é do sexo feminino. A razão de mulheres brasileiras com parceiros estrangeiros em relação aos homens brasileiros com parceiras estrangeiras é de 16 para 4, ou seja, de 80% para 20% (Oliveira, 2003). Assis (2004) também salienta que as mulheres brasileiras, tanto nos Estados Unidos quanto na Itália, se casam mais com americanos ou italianos do que com brasileiros.

O maior número de mulheres brasileiras casadas com estrangeiros, se comparadas aos homens brasileiros no Brasil, num contexto migratório, pode estar relacionado às representações de gênero, como ser carinhosa, boa esposa e boa mãe (Assis, 2004). O grande número de casamentos de brasileiras com estrangeiros revela que elas realmente se destacam quando comparadas às americanas e às europeias, que incorporaram a vida profissional em detrimento do papel reprodutivo.

A escolha de parceiro oriundo de outro país ou cultura relaciona-se à motivação individual e não a imperativos sociais. Menandro, Silveira e Rocha (2003) apontam que o casamento com parceiro estrangeiro, na realidade brasileira, não está vinculado à valorização ou desvalorização, devido a condições

históricas e culturais estabelecidas em nossa cultura. Uma exceção seriam mulheres que buscam propositadamente namorados de outras nacionalidades, pelo fato de considerá-los “melhores” que os homens brasileiros. Esse é o caso das entrevistadas de Piscitelli (2007), que estão no contexto da prostituição internacional. Contudo, parceiros estrangeiros originários de determinadas regiões, como Ásia, África e América-Latina, são menos valorizados do que os europeus.

Rittner (2011) investigou casamentos entre mulheres brasileiras e suíços, e concluiu que o elevado número de casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras na última década relaciona-se a interesse de certos homens suíços na constituição de família em molde mais tradicional:

Onde haja, ainda, as qualidades atribuídas aos países de Alto Contexto como: a admirável coesão familiar, a harmonia, a ênfase dada à qualidade de vida e onde, os papéis dos homens e mulheres não estejam em constante competição (p. 2).

Segundo Perel (2002), baseando-se na perspectiva de Edward Hall (1990), essas diferenças de sentir e reagir, assim como de encarar a vida entre os países do Norte e os do Sul, se devem às diversidades culturais entre a sociedade suíça e a brasileira. Nas sociedades de baixo contexto, como Alemanha, países escandinavos, Holanda, Inglaterra, Austrália e Estados Unidos, as pessoas tendem a compartimentalizar os relacionamentos em pessoais e profissionais, e a focalizar relacionamentos de curto prazo. Os fatos informativos recebem maior ênfase por serem externados verbal e explicitamente. Nas sociedades de alto contexto na América Latina, na África e nos países mediterrâneos, no mundo

árabe, na Índia, na China e na Indonésia, existem extensas redes de comunicação de informações entre os membros das famílias, amigos e colegas. Este “compartilhar” das experiências permite um maior grau de entendimento tácito. As pessoas envolvem-se, com maior frequência, em relacionamentos pessoais duradouros.

Perel (2002) aponta para a relevância da integração entre as práticas culturais dos cônjuges, construindo assim uma “terceira realidade”. A autora propõe para o relacionamento intercultural a metáfora do *turismo*, ou seja, em que cada cônjuge considera-se um “turista na descoberta de um país”. Assim, esta metáfora assenta-se na disponibilidade para compreender as diferenças culturais, como, por exemplo, desenvolver o contexto do parceiro quando este se origina de uma cultura coletivista e vice-versa, para que o casal bicultural possa compreender melhor as suas semelhanças e diferenças. A autora apontou “pontos críticos dos relacionamentos interculturais”, por exemplo educação, religião e papéis de gênero. Diante de um parceiro de outro contexto cultural, o cônjuge necessita definir a si mesmo, porque na presença de outro indivíduo, o sujeito é levado a se definir (Perel, 2002). A definição passa por perguntas, como: “Quem sou eu?”, “Quem não sou?”, “Quem és tu?”, “Quem não és?” e, finalmente, “Quem somos quando estamos juntos?”, ao lidarem com as diferenças culturais. Isso significa, segundo a autora, construir uma “terceira realidade” da conjugalidade intercultural, ou seja, integrar (ou interagir com) as práticas culturais dos parceiros.

Relacionamento Interpessoal: A Obra de Robert Hinde como Referencial Teórico

A obra de Robert Hinde, dedicada ao estudo do relacionamento interpessoal, se caracteriza basicamente pela tentativa de organização de uma “ciência do relacionamento interpessoal”, face à diversidade de estudos empíricos e abordagens teóricas sobre o tema. Em seu livro mais importante sobre o tema, Hinde (1997) revisa e analisa cerca de 1.600 referências, publicadas especialmente nas décadas de 1970, 1980 e 1990, procurando propor uma organização temática e teórica para a área de relacionamento interpessoal. Esta tentativa de organização toma como fundamento princípios da Etologia Clássica, cuja orientação teórica Hinde adota como princípio norteador para seu trabalho.

De acordo com Garcia e Ventrini (2004), a proposta de uma “ciência dos relacionamentos” de Hinde recebe a influência da Etologia Clássica e da teoria de sistemas. Segundo esses mesmos autores, ainda podem ser reconhecidas como atitudes orientadoras da Etologia Clássica na investigação de relacionamentos interpessoais a classificação dos fenômenos observados, a análise e síntese dos resultados, a consideração de diferentes níveis de complexidade e a ênfase nos aspectos funcionais.

Segundo Hinde (1997), o relacionamento interpessoal integra um sistema de relações entre diferentes níveis de complexidade que se afetam mutuamente, desde processos fisiológicos, até interações, relacionamentos, grupos e sociedade. Ainda considera a estrutura sociocultural e o ambiente físico como fatores relevantes para o estudo do relacionamento interpessoal (Figura 1).

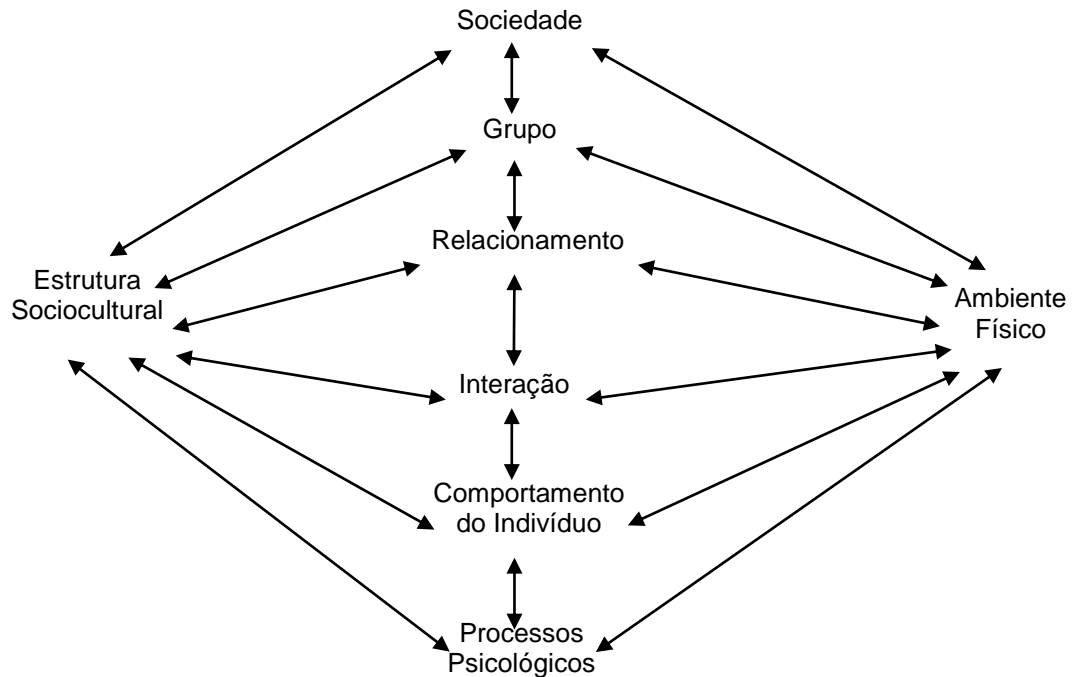


Figura 1. Relações dialéticas entre níveis sucessivos de complexidade social (Hinde, 1997).

De acordo com Garcia e Ventorini (2004), Hinde toma como ponto de partida o conteúdo das interações e sua diversidade em sua tentativa de organização da área. Assim sendo, passa a incluir outros fenômenos, como reciprocidade e complementaridade, intimidade, percepção interpessoal e compromisso. Os autores apontam ainda quatro estágios para o estudo dos relacionamentos segundo Hinde: a) a descrição dos fenômenos observados, incluindo o que os participantes da relação fazem, pensam e sentem; b) a discussão de processos subjacentes; c) o reconhecimento das limitações; e d) a re-síntese.

Hinde (1997) distingue interação de relacionamento. Segundo o autor, o relacionamento ocorre se há uma história comum de interações passadas afetando uma interação atual. Alguns fatores presentes nas interações também podem estar presentes nos relacionamentos, como atitudes, expectativas,

intenções e emoções. Por outro lado, algumas propriedades dos relacionamentos, como comprometimento e intimidade, dificilmente se aplicam às interações. Um conjunto de relacionamentos agrupados forma o grupo social. Para o autor, interações, relacionamentos e grupos influenciam e são influenciados pelo ambiente físico em que estão inseridos.

Segundo Hinde (1997), interações, relacionamentos e grupos sociais representam níveis distintos de complexidade no comportamento social com propriedades próprias e que se inter-relacionam e se influenciam mutuamente. Uma interação ou um relacionamento depende de ambos os participantes, do seu comportamento em cada interação e da natureza do relacionamento, que também é influenciada pelo grupo. Cada um desses níveis influencia e é influenciado pelo ambiente físico e a estrutura sociocultural (ideias, mitos, valores, crenças, costumes e instituições).

De acordo ainda com esse autor, relacionamento interpessoal refere-se a uma sequência de interações entre duas pessoas no tempo e aos seus aspectos comportamentais, afetivos e cognitivos, que também devem ser considerados na descrição. Para Hinde (1997), o pleno entendimento das relações deve levar em conta as características pessoais e psicológicas de ambos os participantes, como expectativas, posicionamento quanto a normas culturais, sociais e organizacionais, além de autoconceito, autoestima, valores religiosos, habilidades de comunicação, entre outras. Sublinha-se que as relações estão imbricadas em determinado contexto social. As relações dialéticas ocorrem entre os relacionamentos e o seu contexto.

A proposta de Hinde (1997) para o estudo do relacionamento interpessoal tem sido empregada para estudos do relacionamento (Garcia & Maciel, 2008; Garcia & Martins, 2011). Conforme Garcia e Maciel (2008), a proposta de Robert Hinde apresenta-se como um possível referencial teórico para a discussão da complexidade dos relacionamentos, permitindo a consideração, ao mesmo tempo e de forma dialética, de aspectos internos e externos ao relacionamento, como os fatores ambientais e culturais. No presente estudo, a abordagem de Hinde (1997) permite a integração de aspectos internos ao relacionamento, como as atividades e os interesses comuns, com a influência de estruturas socioculturais, ligados ao choque de diferentes culturas, levando em conta suas influências mútuas entre diferentes níveis de complexidade.

Robert Hinde é um dos autores contemporâneos que mais contribuiu para a tentativa de organização de uma “ciência do relacionamento interpessoal”. De acordo com Hinde (1997), há relacionamento se os indivíduos têm uma história comum de interações passadas e o curso da interação atual é influenciado por elas. Segundo o autor, o relacionamento interpessoal faz parte de um sistema de relações com diferentes níveis de complexidade que afetam e são afetados uns pelos outros e ainda a estrutura sociocultural e o ambiente físico (Figura 1). Além de considerar as diferenças entre esses níveis, Hinde (1997) ressalta que é preciso vê-los não como entidades estanques, mas como processos que se inter-relacionam e se influenciam mutuamente.

O pleno entendimento das relações exige um enfoque não somente no relacionamento, mas também no nível individual, com os participantes. O curso de um relacionamento depende, em grande medida, das características psicológicas

de ambos os participantes (Hinde, 2001). Portanto, a formação e as mudanças nos relacionamentos envolvem características pessoais dos participantes, como expectativas, posicionamentos quanto a normas culturais, sociais e organizacionais, autoconceito, autoestima, valores religiosos, habilidades de comunicação, dentre outras.

Robert Hinde representa um dos autores contemporâneos que mais contribuiu para a tentativa de organização de uma “ciência do relacionamento interpessoal” tendo como base princípios fundamentais da Etologia clássica (Garcia, 2005). De acordo com Hinde (1997), o desenvolvimento social do ser humano envolve um sistema de relações com diferentes níveis de complexidade, que afetam e são afetados uns pelos outros (de processos fisiológicos, passando por interações, relacionamentos, grupos e sociedade) e ainda a estrutura sociocultural e ambiente físico. Enfatiza a necessidade de descrição dos diversos níveis de complexidade, como um meio para compreender a dinâmica dos relacionamentos. Ainda destaca a importância da classificação dos dados observados, a análise e síntese dos resultados da análise. Para organizar a área, Hinde (1997) parte do conteúdo dos relacionamentos, passando para a diversidade e a qualidade das interações.

ESTUDOS

Estudo 1 – Perfis de Mulheres Brasileiras em um Site de Relacionamento Perfis de Mulheres Brasileiras em um Site de Relacionamento

Resumo

A presente investigação foi desenvolvida com o objetivo geral de analisar perfis de mulheres brasileiras em um site de relacionamento, especificamente as seções “About me” e “Hobbies e interesses”, em que a mulher se descreve, com a finalidade de encontrar um parceiro estrangeiro. Utilizou-se o referencial teórico do Relacionamento Interpessoal de Robert Hinde para realizar um estudo, de caráter qualitativo e descritivo. Foram selecionados 50 perfis em um site internacional de relacionamento especializado em promover encontros entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros. Os resultados foram organizados na descrição do site “LoveinBrazil.com” e nas categorias temáticas obtidas. O site selecionado oferece navegação livre, disponibilizando informações sobre os serviços oferecidos por ele, orientando, inclusive, o público masculino sobre como agir para conquistar mulheres brasileiras. A análise temática permitiu organizar o conteúdo nas seguintes categorias: a) About me (aparência física e saúde; características pessoais e atitudes em relação à vida; sociabilidade) e b) Hobbies e Interesses (estilo de vida e cuidados consigo mesma; trabalho e estudo; atividades físicas, esporte e vida ao ar livre). Tendo em vista que estes sites têm por objetivo possibilitar relacionamentos entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros, os dados sugerem que os perfis dessas mulheres sejam estrategicamente construídos, apresentando características que favoreçam o estabelecimento de um relacionamento romântico, desde a aparência física até aspectos sociais e culturais. É importante destacar que a ausência de referências à origem cultural na autoapresentação pode significar a alguma dificuldade num momento futuro do relacionamento, devido às diferenças culturais. A possível brevidade desses relacionamentos por razões de “visto” pode levar o casal a estabelecer um relacionamento oficial pautado na idealização.

Palavras-chave: site de relacionamento, perfis, relacionamento intercultural.

Abstract

This investigation aimed to analyze the Brazilian women profiles in an international dating site specifically the sections "About me" and "Hobbies and Interests" in which the woman describes herself in order to date a foreign man. It was adopted the theoretical Interpersonal Relationship from Robert Hinde's framework to conduct an study, qualitative and descriptive. 50 profiles were selected in an international relationship site specializing in promoting meetings between Brazilian women and foreign men. The results were organized on site description "LoveinBrazil.com" and the thematic categories emerged. The selected site offers free shipping, providing information about the services offered by it, guiding even the male audience on how to behave to date Brazilian women. Thematic analysis

facilitated to organize the content in the following categories: a) About me (physical appearance and health, personal characteristics and attitudes toward life, sociability) and b) Interests and Hobbies (lifestyle and care herself, work and study; physical activity, sport and outdoor life). The results suggest that the profiles of these women are strategically presented, with features that favor the establishment of a romantic relationship, from physical appearance to social and cultural aspects. It is important to highlight, the absence of references to cultural origin in self-presentation may imply some difficulty in the future when the relationship due to cultural differences. The short period of dating related to the marriage as strategy to legalize the status of migrant to reside in the partner's country lead the couple to establish a relationship guided in the idealization.

Keywords: intercultural relationship, online dating, profiles.

O surgimento da Internet no cenário brasileiro na década de 1990 promoveu novos modos de interação e configurações dos relacionamentos interpessoais, notadamente os relacionamentos afetivo-sexuais. A Internet, aliada ao cenário de relações plurais e efêmeras, tornou-se espaço de possibilidades para encontros amorosos. Desta forma, surgiram diversos sites especializados na oferta de serviços para busca de parceiros românticos e, por essa razão, emergiram como objeto de estudo de inúmeros trabalhos nas últimas duas décadas (Oliveira, 2011; Ellison, Heino & Gibbs, 2006; Heino, Ellison & Gibbs, 2010; Whitty & Carr, 2006, 2010; Whitty, 2008; Finkel, Eastwick, Karney, Reis & Sprecher, 2012).

Nesse cenário, sites e agências especializadas propõem facilitar conexões entre parceiros de diferentes nacionalidades, raça, etnias e classes. Os relacionamentos afetivo-sexuais entre sujeitos de origem nacional e culturas distintas via *web*, foco de interesse deste trabalho, têm se intensificado nas últimas décadas devido ao contexto globalizado, marcado por recursos tecnológicos de comunicação. Assim, sites de relacionamento como BrazilIntro, BrazilCupid, Brazilsweethearts, Brazilgirls, Romanticobrazil, Datingbrazil,

Brazilianwomen-braziliangirls e Brazilianromance buscam promover o encontro entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros.

As relações afetivo-sexuais estabelecidas em sites de relacionamento inserem-se em um determinado contexto sociocultural, em que operam relações históricas de poder e hierarquia entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento (Agathangelou & Killian, 2009; Piscitelli, 2005). O vínculo estabelecido entre parceiros de origens nacionais distintas a partir da Internet aparentemente transcende raça, etnia, nacionalidade e fronteiras. Contudo, pode-se afirmar que tais contatos são perpassados por pertencimentos socioculturais na formação dos encontros “românticos”, pois valores e representações estão implicados nesses relacionamentos formados por sujeitos de origens nacionais e culturais distintas. Raposo e Togni (2009) investigaram matrimônios entre mulheres brasileiras e homens portugueses e observaram que a rede social utilizada no período da pesquisa, Orkut, era citada com frequência pelas entrevistadas como contexto de encontro do parceiro, revelando-se fonte importante para compreender os contatos transnacionais.

A visão idealizada do homem estrangeiro, principalmente dos países do norte, como retratado por Melo (2000), em “Vivendo Um Conto de Fadas” (2000), em que mulheres cariocas buscavam relacionamento amoroso propositadamente com determinados homens estrangeiros, ou seja, excluindo homens da América Latina ou da Ásia, ilustra tais implicações sociais em jogo nessas interações. A autora entrevistou mulheres cariocas residentes na zona norte ou oeste do Rio de Janeiro que possuíam relacionamento afetivo-sexual com homem estrangeiro para compreender a narrativa dessas mulheres a respeito do “homem desejável”.

A pesquisa de Melo (2000) revelou o imaginário do “homem perfeito” associado ao homem estrangeiro, referindo-se ao relacionamento como “conto de fadas”. Assim, a autora retratou as experiências das mulheres “caçadoras de gringo” ao ressaltarem as qualidades positivas que o homem de outra nacionalidade supostamente possui para justificar a escolha do parceiro ideal como “natural”. Tal conclusão reflete a visão de superioridade do homem estrangeiro, especificamente europeus ou norte-americanos.

Pesquisa realizada por Cunneen (2000) lança luz a respeito das implicações socioculturais do fenômeno dos relacionamentos interculturais promovidos especificamente a partir da Internet. As autoras analisaram as razões para o nível elevado de violência doméstica contra mulheres filipinas, residentes na Austrália, em comparação às mulheres australianas. Para isso, foram analisados 27 casos de homicídios em documentos como boletim de ocorrência, autos judiciais e pareceres. As mesmas autoras analisaram ainda as representações da mulher filipina em sites de agência de casamento voltada para homens do ocidente. Os resultados revelaram que a comercialização das mulheres como excelentes esposas e submissas reforçam tais estereótipos. Assim, os conteúdos veiculados pelos sites contribuíram para a representação de superioridade e de “consumidor” de alguns homens em relação a essas mulheres, o que contribui para a expectativa desses sujeitos de molde patriarcal de casamento, evoluindo para a violência doméstica.

Angeles e Sunatta (2007) desenvolveram um trabalho semelhante ao estudarem agências de casamento que oferecem noivas tailandesas e filipinas por encomendas em sites. Tais autoras analisaram conteúdos e discursos desses

sites e concluíram que as representações sobre essas mulheres nesse contexto também contribuíram para a violência contra essas pretendentes a esposas. As autoras verificaram que a Internet e as tecnologias digitais transformaram o serviço de comercialização de noivas por encomenda, facilitando a mercantilização de mulheres de países em desenvolvimento.

Em ensaio teórico, Agathangelou e Killian (2009) discorrem sobre o uso da internet na busca e formação de relacionamentos afetivo-sexuais interculturais. Esse ensaio teórico parte da seguinte questão: “O que acontece quando o Ocidente e Oriente se encontram pela Internet?”. Os autores ressaltam a invisibilidade de poder e desigualdade social que “apaga” as fronteiras da globalização, referindo-se a consequências, como submissão para as mulheres pertencentes a países em desenvolvimento envolvidas com homens de países desenvolvidos. Desta forma, observa-se que o contexto de encontro *online* entre sujeitos de origens nacionais distintas implica em desafios em relação a possíveis estereótipos e conflitos conjugais numa etapa posterior do relacionamento.

Quando da busca na bibliografia nacional, não foram encontrados trabalhos que abordassem o relacionamento afetivo-sexual intercultural no ambiente da Internet especificamente sobre interação amorosa entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros em sites de relacionamento. Identificou-se apenas um trabalho em que a autora (Silva, 2006) analisa as representações de brasilidade veiculadas em um site da Internet voltado para a divulgação cultural do Brasil no exterior, cujo foco é o relacionamento intercultural; contudo, não sob a ótica amorosa. Piscitelli (2008) estudou a respeito da logística dos sites voltados para o turismo sexual em que os próprios homens/usuários divulgam informações de

como obter o máximo da experiência desse tipo de turismo em algumas regiões do mundo, inclusive no Brasil.

A partir dessas considerações, torna-se relevante a investigação do contexto de encontro afetivo-sexual entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros a via sites de relacionamento. Esta pesquisa buscou analisar os perfis elaborados por usuárias brasileiras em sites de namoro com a finalidade de se apresentarem para homem estrangeiro em busca de parceira. Desta forma, os sites de relacionamento podem representar uma importante fonte de informações sobre mulheres brasileiras e homens estrangeiros envolvidos num relacionamento romântico.

No caso específico de sites que promovem relacionamentos interculturais (brasileiras e estrangeiros) algumas questões emergem: De que forma esses sites apresentam e se referem às mulheres brasileiras? Como as próprias brasileiras se apresentam nesses sites? Assim, para compreender a trajetória desse tipo de envolvimento intercultural é importante abordar um meio para o contato inicial: os sites de relacionamento. Desta forma, o objetivo geral deste trabalho foi investigar a apresentação de mulheres brasileiras em um site de relacionamento em âmbito internacional. Para isso, este estudo definiu como objetivo específico analisar a autodescrição apresentada no perfil de mulheres brasileiras, ao se cadastrarem em páginas da Internet com a finalidade de relacionamento afetivo-sexual com homem estrangeiro. Para isso, optou-se por um estudo descritivo em um site de relacionamento que busca promover encontro entre mulheres do Brasil e homens de outra nacionalidade a fim de analisar o conteúdo dessas páginas de relacionamento a respeito da mulher brasileira.

Relacionamento Romântico Online

O relacionamento romântico pela Internet ocorre na ordem inversa do face a face: em um primeiro momento, o sujeito obtém informações sobre o parceiro em potencial e apenas posteriormente acontece o encontro presencial a fim de verificar se ocorre atração física. Nos encontros presenciais, segundo Merkle e Richardson (2000), a atração física é determinante para o início de um envolvimento afetivo-sexual, fazendo com que os pares continuem a interagir e identifiquem interesses comuns (similaridades), e, a partir daí, envolverem-se em um relacionamento. A interação romântica por meio da Internet apoia-se na interface textual e gráfica. Dessa forma, o sujeito seleciona os perfis de parceiros em potencial com base nas fotos e informações publicadas.

A perspectiva de transposição para um encontro presencial é possível envolvimento afetivo inicia-se por uma apresentação atraente de si, com base no perfil. Os indivíduos cadastrados nos sites são alvo de interesse ou ignorados pelos supostos parceiros românticos com base em uma leitura rápida do perfil (Heino et al., 2010). As informações reveladas são cruciais para estabelecer uma interação afetivo-sexual; por isso, pesquisas (McKenna, Green & Gleason, 2002; Whitty & Carr, 2006; Whitty & Gavin, 2001) assinalaram que indivíduos podem ser razoavelmente estratégicos nas apresentações de si mesmos em sites de relacionamento.

O perfil apresentado pelo usuário em busca de um par romântico resulta do preenchimento de formulário com informações sociodemográficas e comportamentais; fotos (opcional); descrição do perfil do parceiro ideal e o tipo de

relacionamento pretendido, como, por exemplo, “compromisso sério”. Assim, o sujeito apresenta uma descrição e sinopse de si. Os organizadores desses sites, em geral, incentivam o usuário a incluir uma fotografia pessoal com o argumento de que, dessa forma, eles estão mais propensos a receberem mensagens de pretendentes (Fiore, Taylor, Mendelsohn & Hearst, 2008). Isto ocorre porque o perfil configura-se como uma *vitrine* de si, em que o sujeito apresenta sua melhor versão ao descrever atributos que aumentem a chance de chamar atenção de potenciais parceiros (Henry-Waring & Barraket, 2008). A apresentação do perfil resulta da seleção de atributos que o sujeito acredita serem valorizados positivamente por parceiros em potencial. Assim, o sujeito tende a ser estratégico na apresentação de si (Ellison et al., 2006; Hitsch, Hortaçsu & Ariely, 2010; Whitty, 2008).

Ao contrário da comunicação face-a-face, a interação mediada pelo computador permite que os indivíduos envolvam-se deliberadamente na própria autoapresentação, o que pode implicar em discrepâncias entre o perfil verídico e o perfil apresentado (Ellison et al., 2006). Os usuários tendem a omitir informações ou exagerar algumas características pessoais, como por exemplo altura ou peso, para ampliar as chances de parceiros interessados. Uma razão para isso é que as pessoas, de maneira geral, não possuem uma percepção precisa de si (Ellison et al., 2006). Outra razão, possivelmente a mais frequente, é que as pessoas elaboram uma autoapresentação estratégica na construção de seus perfis (Ellison et al., 2006).

Verifica-se ainda a discrepância entre o “eu real” e o “eu ideal” (Whitty, 2008), em que o sujeito apresenta-se a partir do ideal de si mesmo; ou ainda o

sujeito apresenta-se sob uma promessa futura em concretizar o perfil apresentado, como por exemplo, emagrecerem; assim o perfil passa a ser uma promessa (Ellison, Hancock & Toma, 2012).

Heino et al. (2010) investigaram a analogia entre site de relacionamento e *shopping* (relações de consumo) segundo a perspectiva de usuários das páginas de relacionamento e como esta analogia afeta o modo de interagir e estabelecer interação afetiva via Internet. Os resultados revelaram que os participantes desse estudo percebiam os perfis dos demais usuários como campanhas de vendas ou dispositivos promocionais, em que o produto à venda era o próprio sujeito, e por isso frequentemente suspeitavam que os usuários cadastrados haviam mascarado o próprio perfil, tornando-o mais “atraente”. Segundo Heino et al. (2010), embora a metáfora de compras também se aplique a namoros presenciais, ela se torna mais explícita no caso dos sites de relacionamento considerando a quantidade elevada de perfis publicados e os objetivos envolvidos na apresentação de si e na busca seletiva de potenciais parceiros disponíveis. Esta percepção de comercialização dos encontros por meio da Internet surge, em parte, por causa da grande quantidade dos pares em potencial que os usuários podem avaliar e selecionar.

Pesquisa feita por Ellison et al. (2006) reforça que os perfis raramente são autênticos. Os autores entrevistaram membros de site de relacionamento objetivando conhecer o modo como elaboram a apresentação de si com o propósito de encontrar um parceiro. Os resultados revelaram um número reduzido de informações subjetivas fidedignas e maior liberdade devido à autonomia maior flexibilidade e controle do perfil revelado e tendência a distorções das

informações. Os usuários apresentaram dúvidas quanto a ser ou não totalmente honestos com eles mesmos, já que acreditam na veracidade do próprio perfil, já que buscam relacionamento presencial. No entanto, o desejo de atrair a atenção de seu par leva o sujeito a apresentar uma subjetividade idealizada (Hellison et al., 2006).

Hitsch et al. (2010) analisaram perfis de 21.745 usuários em um site de namoro, compararam os dados apresentados nos perfis com dados de médias nacionais para as mesmas características e concluíram que homens e mulheres em sites de namoro apresentam-se ligeiramente diferentes das suas características reais, isto é, alguns centímetros a mais na altura ou alguns quilos a menos. Os autores atribuíram esse fato como um pequeno “engano”, que não seria percebido facilmente no encontro presencial.

Contudo, os usuários sentem-se pressionados a se apresentarem de forma precisa, tendo em vista que buscam efetivamente parceiros para relacionamento romântico. Além disso, a maioria das pessoas almejam pares que compreendam e apreciem como elas realmente são, em vez de uma versão idealizada inconsistente com a realidade (Whitty, 2008).

Essa mesma autora argumenta ainda que a aparência física é importante ao se comunicar por meio de sites de namoro *online*. Estudo realizado pela autora revelou que usuários são seletivos ao publicarem fotos no perfil. Portanto, na ausência de sinais não verbais e uma redução de pistas sociais, fazem com que os usuários dêem mais atenção aos sinais emitidos (ou seja, a gramática em porções textuais do perfil) e sugestões dadas (isto é, fotografias de perfil) ao criar um perfil. Whitty (2008) conclui que a maioria dos participantes deste estudo

elaborou uma descrição (autoapresentação) positiva de si, a fim de atrair outros usuários. Os usuários de *online* aproveitam a ausência de contato físico como uma oportunidade de apresentar um ideal subjetivo, ou seja, como gostariam de ser. No entanto, o estudo revelou que esses mesmos usuários que não apresentam um perfil autêntico criticam outros por não serem verdadeiros, desejando que estes revelassem mais veracidade na apresentação de si (Whitty, 2008).

Diversos autores (Whitty, 2008; Hellison et al., 2006) assinalam que os indivíduos buscam representar a si mesmos de uma forma honesta, para que o relacionamento pela Internet passe a um relacionamento presencial. Segundo esses autores, os indivíduos que conseguem expressar a si mesmo de forma autêntica têm mais oportunidade para desenvolver relacionamentos via Internet e construir relacionamentos pautados em vínculos sinceros. No entanto, os participantes buscam balancear uma representação subjetiva, ao mesmo tempo que “vendem” uma versão ideal de si mesmo (Whitty, 2008)

De acordo com Whitty (2008), o desenvolvimento de um perfil que representa o verdadeiro eu em combinação com alguns exageros menores se destina a abrir as possibilidades para atrair um conjunto de candidatos para que um indivíduo possa ter a opção da escolha. Assim, sites de relacionamento permitem às pessoas um espaço para identificação própria ou para brincar com apresentações de si.

No entanto, recentes pesquisas sugerem que há pouco benefício para as apresentações imprecisas de si, especialmente se as pessoas pretendem continuar com um relacionamento fora da Internet (Ellison et al., 2006; Toma,

Hancock & Ellison, 2008; Whitty, 2008). Os participantes relataram não ter apresentado um perfil verídico, mas sim uma autoapresentação com pequenos ajustes, alterando dados sobre altura ou peso, o que não seria perceptível se fossem encontrar-se pessoalmente com seu pretendente (Toma et al., 2008). Além de apresentarem pequenas modificações em seus perfis, os usuários também informaram que uma divulgação mais precisa sobre si mesmos forneceu mais credibilidade à autoapresentação (Ellison et al., 2006), aumentou a probabilidade de encontrar um parceiro mais compatível (Whitty, 2008) e formou um relacionamento mais próximo (McKenna, Green & Gleason, 2002).

Pesquisa realizada por Toma et al. (2008) buscou identificar as concepções dos usuários a respeito da autodistorção e da distorção de outros usuários na apresentação de si mesmos em sites de relacionamento. Foram entrevistados 37 frequentadores de sites de namoro, explorando as discrepâncias entre um perfil *online* e um *offline*. Os resultados revelaram que os usuários pautam-se mais no passado e no futuro ao construírem seu perfil. Assim, a autoapresentação pauta-se numa promessa, isto é, apostam que podem efetuar alterações em si que atinjam as características apresentadas no perfil, como parar de fumar ou emagrecer.

Os estudos sobre perfil em sites de relacionamento romântico incluem a forma como os usuários constroem e administram a própria imagem (Whitty & Carr, 2010), o discurso da autoapresentação como vitrine e venda de si mesmo (Ellison et al, 2006), o uso de fotografias em perfis de namoro *online* (Toma et al., 2008) e a seleção de indivíduos *online* (Heino et al., 2010).

O ideal estabelecido na inter-relação via Internet é similar ao que a literatura discute amplamente no que se refere às diferenças de valoração na busca do parceiro ideal – homens tendem a oferecer segurança financeira e a valorizar a aparência física, enquanto as mulheres referem-se à própria beleza física e a valorizar a condição econômica (Whitty & Carr, 2010).

Método

Foi realizado um estudo qualitativo e descritivo, com base em dados coletados em um site de relacionamento. A investigação qualitativa caracteriza-se por ser interpretativa:

(...) isso inclui o desenvolvimento da descrição de uma pessoa ou cenário, análise de dados para identificar temas ou categorias e, finalmente, fazer uma interpretação ou tirar conclusões sobre seu significado, pessoal e teoricamente, mencionando as lições aprendidas e oferecendo mais perguntas a serem feitas (Wolcott, 1994, p. 186 citado por Creswell, 2010.).

Procedimentos de Coleta de Dados

Foram selecionados 50 perfis de mulheres brasileiras em busca de parceiro estrangeiro com vistas a um relacionamento afetivo-sexual. Para isso, selecionou-se um site internacional de relacionamento especializado em promover encontros entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros. A escolha do site priorizou

aquele que incluísse conteúdos (textos) sobre as vantagens do relacionamento com mulheres brasileiras. O nome do site é fictício, a fim de preservar a identidade de seus usuários. O acesso ao site para coleta dos dados ocorreu em janeiro de 2014. O funcionamento e serviços do site serão descritos na parte dos resultados, a fim de embasar as análises e a consecução dos objetivos deste estudo.

Para a análise foram selecionados, ao acaso, 50 perfis cadastrados com mais de 150 palavras de mulheres brasileiras. O perfil resulta das informações fornecidas pela usuária em espaços específicos, como dados demográficos, descrição de si (*About Me*), *Hobbies* e *Interesses*. A descrição do material coletado foi priorizada como forma de compreender em maior número de detalhes o fenômeno.

Organização e Análise dos Dados

Foram analisadas, especificamente, as informações apresentadas no item “About Me” e “Hobbies e Interesses”. A partir disso, os textos selecionados foram submetidos à análise temática. Segundo Jovchelovitch e Bauer (2008, p. 107), para a realização da análise temática, é recomendado

(...) um procedimento gradual de redução do texto qualitativo. As unidades do texto são progressivamente reduzidas em duas ou três rodadas de séries de paráfrases. Primeiro, passagens inteiras, ou parágrafos, são parafraseadas em sentenças sintéticas. Estas sentenças são posteriormente parafraseadas em algumas palavras-

chave. Ambas as reduções operam como generalização e condensação de sentido.

O passo seguinte foi a codificação e a categorização do texto gerado em cada seção analisada, individualmente, procurando-se obter um sistema único de classificação e organização do material de cada seção por meio de comparações e revisões (Jovchelovitch & Bauer, 2008). As revisões e comparações permitiram aproximar as estruturas presentes no material coletado com as estruturas teóricas presentes na literatura. Todas as frases e os termos utilizados na seção “Sobre Mim” (“*About Me*”) dos 50 perfis foram reunidos, e seu conteúdo foi organizado em três grupos temáticos a partir da análise dos perfis: 1) aparência física e saúde; 2) características pessoais e atitudes em relação à vida; e 3) sociabilidade. Da mesma forma, todas as frases e os termos utilizados na seção “*Hobbies e Interesses*” foram comparados e agrupados de acordo com seu conteúdo temático em sete grupos temáticos: 1) Estilo de Vida e Cuidados Consigo Mesma; 2) Trabalho e Estudo; 3) Atividades Físicas, Esporte e Vida ao Ar Livre; 4) Artes: Literatura, Música, Dança, Cinema, TV e Culinária; 5) Viagens, Informação e Cultura; 6) Casa ou Vida Doméstica; 7) Vida Social – Amigos e Família.

Resultados

Os resultados foram organizados em três partes: a) descrição dos objetivos e modo de funcionamento do site LoveinBrazil.com, de acordo com as informações do próprio site; b) descrição e análise das informações disponibilizadas no site por 50 mulheres brasileiras sobre si mesmas na seção

“About Me”; c) descrição e análise das informações disponibilizadas no site sobre os “*Hobbies e Intereses*” declarados por essas mulheres.

O perfil da mulher brasileira em busca de relacionamento compõe-se de *nickname*, formação educacional, atividade profissional, descrição de si (About me), *hobbies* e interesses, tipo de relacionamento desejado e perfil do parceiro ideal e publicação de fotos. A idade apontada nos perfis selecionados variou entre 20 e 64 anos. Em relação à escolaridade, a maioria assinalou possuir nível superior completo ou em conclusão. As atividades profissionais apontadas nos perfis são funcionária, pública professora, técnica em enfermagem, consultora de negócios, dançarina, repórter, administradora, esteticista e estudante. Segundo os perfis, as mulheres cadastradas vivem em diversas regiões do Brasil.

Site: www.LoveinBrazil.com

Os organizadores do site dirigem-se a homens estrangeiros que buscam mulheres brasileiras para relacionamento amoroso (romance, namoro e casamento) e advertem que não se trata de site para venda de noivas, promoção de encontros casuais para sexo ou turismo sexual. Assim, ressaltam que as mulheres cadastradas no site buscam homem estrangeiro para “amor verdadeiro” e casamento.

O site LoveinBrazil apresenta-se como o “melhor site para encontro de mulheres brasileiras solteiras, jovens, sexy e atraentes em busca de homens de outros países disponíveis para relacionamento amoroso sério”. A divulgação do serviço destaca: “Encontre mulheres solteiras do Brasil que procuram

casamento”. Os organizadores do site reforçam que o serviço oferecido *online* dirige-se a encontros sérios, pautados no “amor verdadeiro”.

O acesso ao conteúdo do site e sua navegação estão disponíveis para o público e não requer cadastro ou pagamento. Os perfis de mulheres brasileiras disponíveis para relacionamento podem ser visualizados livremente. O site comemora 13 anos de funcionamento em 2014. Vale registrar que o endereço de contato dos organizadores é no exterior.

LoveinBrazil oferece navegação livre, disponibilizando informações sobre os serviços oferecidos pelo site, inclusive orienta o público masculino a respeito de como agir na conquista de mulheres brasileiras. A página principal apresenta imagens de mulheres em roupas sensuais. Existem seis membros femininos por galeria, e ao clicar na foto verifica-se o perfil da mulher cadastrada. Caso haja interesse, o pretendente deverá contratar o serviço para estabelecer o contato. As mulheres cadastradas têm idades bastante variadas, sendo condição necessária ter pelo menos 18 anos para se cadastrar, e pertencem às mais diversas regiões do Brasil.

As mulheres podem se cadastrar gratuitamente; já os homens interessados em estabelecer contato com alguma mulher cadastrada têm cobrança de valores dependendo do número de contatos desejados, sendo de um a dez contatos cobrado o valor único de 29 dólares. O site incentiva a compra do maior número de contatos, pois aumenta a chance de os pretendentes serem bem sucedidos, reforçando que o próprio usuário deve garantir o “sucesso com as mulheres”, e que os administradores se isentam dessa responsabilidade.

A página dirigida ao cadastro do perfil no site não restringe a usuária de assinalar itens específicos de descrições pré-selecionadas, como é comum em sites de relacionamento, já que essa função facilita a combinação entre os usuários cadastrados. Ao contrário, a usuária dispõe de sete campos em aberto para escrever sobre si: a) cotidiano; b) do que gosta; c) tipo de homem ideal; d) tipo de relação que procura; e) *hobbies* e interesses; f) qualidades pessoais/temperamento; g) descreva-se. O site não oferece o serviço de combinação de usuários; assim, o homem estrangeiro seleciona a mulher brasileira com base no perfil.

Seção “Sobre Mim” (“About Me”)

O conteúdo da seção “Sobre Mim” (*About Me*) foi organizado em três grupos temáticos a partir da análise de 50 perfis: 1) aparência física e saúde; 2) características pessoais e atitudes em relação à vida; e 3) sociabilidade.

1) Aparência física e saúde – Uma série de termos e expressões se refere à aparência física com ênfase na beleza, elegância e atratividade em geral, como, por exemplo, “Eu sou uma mulher esguia e elegante” (*I am a slender and elegant woman*), ou “Eu sou elegante e atraente” (*I am elegant and attractive*) e “(...) eu também sou bonita, bonita, muito bonita” (*I am also pretty, pretty, very pretty*). Em alguns perfis, rosto e corpo são descritos de forma positiva, como em “(...) fisicamente, eu sou considerada uma pessoa bonita, com pele clara, olhos claros, cabelo loiro e com um belo corpo” (*Physically I am considered a pretty person, with clear skin, clear eyes, blond hair and a nice body*). Sobre o rosto, são

descritos olhos e lábios, com ênfase no sorriso: “Acho que tenho um belo sorriso” (*“I find that I have a pretty smile”*) e “Sou o tipo sorridente de mulher, sorriso brilhante, sempre sorrindo” (*“I am the smiling type of woman, shining smile, always smiling”*).

Em relação ao corpo, este é descrito como atraente, magro ou esguio: “Eu tenho um corpo esguio e atraente” (*“I have a lean and attractive body”*). Às vezes, partes específicas são citadas, especialmente seios, pernas e nádegas: “Eu tenho um corpo belo e esguio com belas e longas pernas” (*“I have a lean and pretty body with fine and long legs”*) e “Eu tenho cabelo bonito, seios grandes, pernas grossas e um bumbum grande e redondo” (*“I have beautiful hairs, full breasts, thick legs and a big rounded bumbum”*). As “curvas” são sublinhadas: “Eu tenho um corpo bonito com belas curvas” (*“I have a pretty body with nice curves”*). Outra mulher informa ter “belos olhos, lábios cheios e um corpo violão que chama a atenção” (*“I have beautiful eyes, full lips and a ‘corpo violão’ who draws attention”*). Alguns perfis procuram indicar um aspecto mais jovem como “Eu pareço um pouco mais jovem do que minha idade” (*“I look a bit younger than my age”*).

2) Características Pessoais e Atitudes em Relação à Vida – As mulheres se apresentam como ativas (*“active”*), dinâmicas (*“dynamic”*), audaciosas (*“audacious”*), corajosas (*“brave”*), orgulhosas (*“proud”*) e fortes (*“strong”*). Ainda são determinadas ou decididas (*“determined”; “decided”*). Essa determinação aparece na atenção dada a seus desejos (*“focused on my desires”*), em ser (...) uma pessoa que crê no que quer, em seus sonhos e projetos” (*“I am a person who believes in what I want, my dreams, projects”*), e que (...) luta pelas coisas

que deseja na vida” (*“I fight for the things I desire in life”*). Essa determinação e as formas de atingir tais metas também aparecem em termos como independente (*“independent”*), insistente (*“insistent”*), objetiva (*“objective”*), organizada (*“organized”*), disciplinada (*“disciplined”*), persistente (*“persistent”*), persuasiva (*“persuasive”*), positiva (*“positive”*), preparada para ser bem sucedida (*“prepared to be successful”*) e ainda bem sucedida profissionalmente (*“successful professionally”*). Também revelam otimismo ao tentar “ver” as melhores coisas em todas as situações (*“I try to see the best things of all situations”*) e paixão pela vida (*“passionate for life”*). Algumas frases sugerem virtudes e moralidade como a ausência de vícios (*“no vices”*) ou o hábito de consumir bebidas alcoólicas de forma ocasional ou social (*“social drinker”*; *“occasional drinker”*).

Outras revelam espírito criativo ao “(...) reinventar-se a cada dia.” (*“I am a woman who reinvents herself every day”*), em busca de novidades (*“Always looking for new and different things”*) e de surpresas (*“I love surprises and improvisations”*). Ainda se descrevem como calmas (*“calm”*; *“quiet”*; *“relaxed”*) e pacientes (*“patient”*), além de pacíficas (*“peaceful”*). Também se apresentam como divertidas (*“funny”*), alegres e felizes (*“joyful”*; *“happy”*; *“cheerful”*).

As características pessoais, da mesma forma, indicam uma atitude em relação à vida. A mulher do perfil é ativa e dinâmica, determinada e criativa, e ainda tranquila e alegre. Novamente, são características positivas, por um lado de domínio sobre sua própria vida, mas ao mesmo tempo dócil e alegre, havendo um equilíbrio entre uma mulher mais independente e ao mesmo tempo mais sociável.

3) Sociabilidade – A sociabilidade, neste artigo, refere-se à facilidade com a qual relacionamentos são estabelecidos e mantidos. Várias características

parecem revelar propriedades que podem facilitar o relacionamento com outras pessoas de modo geral. As mulheres se apresentam como sociáveis (“*sociable*”), amigáveis (“*friendly*”), de modo que as pessoas teriam facilidade para estabelecer relacionamento com elas, por serem fáceis de se relacionar (“*easy to relate with*”, “*easy going*”, “*easy to deal with*”) ou mesmo dóceis (“*docile*”). Também são comunicativas (“*communicative*”) e extrovertidas (“*extrovert*”). Por vezes, indicam um temperamento ou humor que também sugere facilidade de relacionamento, como bom temperamento, de modo que demonstra ser uma pessoa fácil de se lidar (“*very good temperament*”, “*very easy temperament to deal with*”). Por vezes, chegam a se mostrar como submissas, informando serem humildes (“*humble*”) ou ter uma personalidade humilde (“*with a very humble personality*”). Várias características parecem revelar propriedades que podem facilitar o relacionamento com outras pessoas, como ser bondosa (“*kind*”), respeitosa (“*respectful*”), sensível (“*sensible*”), generosa (“*generous*”), flexível (“*flexible*”), discreta (“*discrete*”), simples (“*simple*”) e dedicada (“*dedicated*”). Ainda manifestam certa tolerância, como se pode perceber em frases como “Eu gosto das pessoas com suas qualidades e defeitos” (“*I like people with their qualities and defects*”) ou mostrando sua “(...) maravilhosa grandeza de espírito” (“*wonderful largeness of spirit*”).

Alguns aspectos da sociabilidade parecem propriedades unidirecionais, enquanto outros referem-se à expectativa de reciprocidade. Neste sentido, algumas falas dizem que adoram dar e receber atenção (“*I love to give and to receive attention*”). Algumas dessas mulheres também se apresentam como boas companheiras, (“*good companion*”) e como uma mulher que todo homem gostaria

de ter a seu lado (*"I am a woman that all men would like to have by their side"*). Outros aspectos estão ligados a uma ética dos relacionamentos, como ser verdadeira (*"truthful"*), honesto (*"honest"*), ética (*"ethical"*), fiel e leal (*"faithful and loyal"*), confiável (*"trustworthy"*), sincera e transparente (*"sincere and transparent"*), verdadeira e autêntica (*"true"*; *"authentic"*), e responsável (*"I am a very responsible person"*).

Alguns perfis destacam a sociabilidade presente nas relações com amigos e familiares, valorizando o ambiente familiar e o círculo de amizades, descrevendo-se como do tipo caseiro ou familiar (*"homebody type"*), "cuidando da família e daqueles de quem gosta" (*"I look much after my family and those I like"*), "vivendo seus melhores momentos ao compartilhar o riso com familiares e amigos" (*"my better moments are when I share a good laugh with my family and friends"*) e "adorando estar com amigos" (*"I adore to be with friends"*).

Finalmente, vários termos se referem a um relacionamento romântico e sexual, de modo que essas mulheres se dizem românticas (*"romantic"*), sexy, afetuosas (*"affectionate"*), apaixonadas (*"passionate"*), carinhosas (*"loving"*) e calorosas (*"very warm"*). Uma dessas pretendentes se expressa dizendo "(...) adorar sexo e buscar superar-se na cama para cuidar do homem que ama" (*"I adore sex, going above and beyond in bed is my goal. I do take care of the man I love"*). Esses atributos refletem uma mulher romântica voltada para relacionamentos íntimos. De modo geral, as mulheres se revelam como extremamente sociáveis com familiares, amigos e parceiro romântico.

Hobbies e Interesses

A seção “Hobbies e Interesses” apresenta informações sobre atividades e áreas de interesse presentes nos perfis. Essas informações foram organizadas em sete grupos temáticos: 1) Estilo de Vida e Cuidados Consigo Mesma; 2) Trabalho e Estudo; 3) Atividades Físicas, Esporte e Vida ao Ar Livre; 4) Artes: Literatura, Música, Dança, Cinema, TV e Culinária; 5) Viagens, Informação e Cultura; 6) Casa ou Vida Doméstica; 7) Vida Social – Amigos e Família.

1) Estilo de Vida e Cuidados Consigo Mesma – Os perfis apresentam uma mulher interessada em um estilo de vida voltado para seu bem-estar e felicidade e no cuidado de si mesma. As mulheres buscam viver a vida com alegria e bem-estar: “Eu amo sorrir, aproveitar a vida. Sorrir é saúde, alegria, felicidade, é mágico e contagioso” (*I love to smile, to enjoy life. Smile is health, smile is joy, smile is happiness. Smile is magic and contagious*). E ainda: “Eu amo me divertir e aproveitar a vida a cada dia” (*I love to have fun.... I enjoy living every day of my life*). “Eu amo sentir-me bem comigo mesma” (*I love to feel good about myself*).

Outro aspecto presente diz respeito à abertura para novas experiências, como “Eu amo experimentar e saborear coisas novas” (*I love to experiment and to taste new things*) e “Eu estou aberta para conhecer novas coisas, lugares, comidas, etc.” (*I am open to know new things, places, foods, etc.*). Ainda fazem parte do estilo de vida a simplicidade e a modernidade: “Eu amo as coisas simples da vida” (*I love the simple things of life*) e ser uma pessoa com hábitos simples (*I am a person with simple habits*). Algumas mulheres se dizem muito

modernas em seu trabalho e vida pessoal (*"I am much modern in my job and my personal life"*).

O cuidado consigo também está presente entre os interesses das mulheres ao declararem que adoram cuidar de si mesmas (*"I love taking care of me"*) e estar sempre bonita e charmosa (*"I love to be always pretty, charming"*). Neste caso, pode-se perceber o cuidado em termos de saúde e beleza, ao procurar "viver um vida limpa e saudável" (*"living a clean and healthy life"*) ou "uma vida pacífica e saudável" (*"living a peaceful and healthy life"*).

2) Trabalho e Estudo – Entre os interesses informados encontram-se o trabalho e os estudos (*"work and studies"*). O trabalho, de forma geral (*"work"*, *"working out"*), foi indicado como um interesse, e a satisfação associada ao trabalho também é declarada: "Eu adoro me levantar de bom humor, tomar café e ir para o trabalho" (*"I adore to wake up in good mood, have a coffee and go to work"*) e ainda "Trabalhar é um prazer para mim" (*"Working is a pleasure for me"*). Algumas frases revelam detalhes da atividade desempenhada e o contexto de trabalho, como "(...) trabalhar como modelo nos fins de semana e trabalhar na recepção de eventos" (*"modelling on weekends and working at the reception of events"*) ou trabalhar como estagiária (*"work as trainee"*). Os estudos também aparecem como um interesse (*"studies"*). Por vezes, o objeto do estudo é indicado, como "estudar moda" (*"studying fashion"*) ou "(...) estudos para manter-se informada sobre a tecnologia da Internet" (*"studies to keep informed on the Web technology, the Internet"*).

3) Atividades Físicas, Esporte e Vida ao Ar Livre – A vida ao ar livre, a prática de atividades físicas e esportes também aparecem como interesses. A

vida ao ar livre está presente em várias expressões, como “caminhar em parques” (“*walking to the parks*”) e “na praia” (“*walking on the beach*”), ou ainda “Eu adoro andar de biquíni na praia, em parques e na natureza” (“*I adore walking in bikini on the beach, parks, nature*”) e também “Eu adoro pescar” (“*I love fishing*”). A prática de atividade física está relacionada à saúde: “Eu pratico atividades físicas regularmente. Eu cuido de minha saúde” (“*I practice physical activities regularly. I take care of my health*”).

A prática de esportes inclui ciclismo (“*cycling*”), mergulho (“*diving*”), natação (“*swimming*”), futebol (“*soccer*”), surfe (“*surf*”), hipismo (“*horseback riding*”), vôlei (“*volley ball*”), entre outras. Estas atividades também aparecem associadas à vida ao ar livre: “Eu gosto de praticar esportes ao ar livre” (“*I like to practice outdoor sports*”), “Eu amo esportes radicais, trilhas, montanhismo o meio-ambiente e ecologia” (“*I love radical sports, trekking, mountaineering, the environment and ecology*”). Finalmente, “Eu também adoro as montanhas, o oceano, esportes náuticos e natação” (“*I also adore the mountains, the ocean, nautical sports, swimming*”).

4) Artes: Literatura, Música, Dança, Cinema, TV e Culinária – As “artes”, de forma genérica, foram citadas como área de interesse. De forma específica, algumas se mostraram interessadas em diferentes expressões artísticas. O gosto pela literatura é citado como “amar ler” (“*I love to read*”) e ler bons livros (“*reading good books*”). O mundo da música e da dança está presente entre os interesses, incluindo, como exemplos, atividades com música (“*activities with music*”), música e dança (“*music and dancing*”), canto (“*singing*”), tocar violão (“*playing guitar*”),

ouvir boa música (*“listening to good music”*), tocar teclado e cantar (*“I love...to play keyboard and to sing”*).

O gosto pela dança também foi observado. Um exemplo: “Eu amo a noite, a música, o samba e toda a alegria que ele traz para o meu coração e para os meus pés quando eles não podem parar de dançar” (*“I love the night, the music, samba and all the joy it brings to my heart and to my feet when they can't stop dancing”*). Outro conjunto de interesses está relacionado às artes cênicas, relacionadas ao cinema, teatro e TV, incluído ir ao cinema e ao teatro (*“going to cinema and theater”*), filmes (*“movies”*). Outras atividades artísticas ou relacionadas foram trabalho artesanal (*“craft work”*) e fotografia (*“photography”*). As diversas expressões artísticas revelam um leque de possibilidades para o encontro de afinidades. Essas atividades, com raras exceções, não chegam a especificar gêneros de música, dança ou de outras artes, o que poderia indicar preferências culturais, podendo dificultar a percepção de afinidades. Assim, seria mais fácil encontrar alguém que goste de música do que encontrar alguém que goste especificamente de samba.

O interesse pela culinária foi apontado: “Eu atingi uma fase na qual estou começando a gostar de cozinhar” (*“I have reached a phase where I am starting to like to cook”*). A culinária também se mostra como uma forma adicional de relacionamento com outras pessoas: “Eu amo comida, inclusive cozinhar para a família e amigos” (*“I love food, including cooking for family and friends”*).

5) Viagens, Informação e Cultura – Um foco de interesse reúne a busca de informações no dia a dia, viagens e cultura. Inicialmente, existe a preocupação de as usuárias do site se mostrarem bem informadas (*“I love to be informed”*),

contando com a Internet para tal objetivo (*“surfing the Internet”*). São mencionados interesses em atividades culturais diversas, como eventos culturais (*“cultural events”*), feiras e exposições (*“fairs and expositions”*) e museus (*“museums”*). Citam ainda o gosto por viagens, como amar viajar (*“I love to travel”*) e a realização de viagens para explorar novos lugares (*“travels to explore new places”*). Finalmente, declaram o interesse por culturas estrangeiras (*“foreign cultures”*) e idiomas estrangeiros (*“foreign languages”*). Buscam também “aprender sobre culturas” (*“to learn about cultures”*), assim como conhecer novos lugares (*“to know about new places”*). Uma das usuárias chega a afirmar que “gosta de estar sempre bem informada com relação à política e à economia nacional e internacional” (*“I also like to be always well informed with regard to national and international politics and economy”*). Por vezes, o interesse em viajar está diretamente ligado ao contato com novas culturas: “Não há nada melhor que viajar para conhecer novas paisagens, culturas e culinárias” (*“There is nothing better than traveling to know different landscapes, cultures and arts of cooking”*).

6) Casa ou Vida Doméstica – Atividades domésticas (*domestic tasks*) ou relacionadas ao lar (*home activities*) formam um grupo de interesses que permite um estado de relaxamento, como “relaxar em casa após um dia de trabalho” (*“relaxing at home after a busy working day”*). Por outro lado, também se interessam por cuidar da casa (*“taking care of the house”*) ou decorá-la (*“to decorate my house”*). Atividades ligadas a jardinagem e horticultura, da mesma forma, sugerem uma ligação com o ambiente doméstico, envolvendo jardins (*“gardens”*) e plantas (*“plants”*).

7) Vida Social – Amigos e Família – Outro foco de interesses refere-se à vida social com família e amigos. Assim, as usuárias do site mostram-se interessadas em estar com amigos e familiares (*“hanging with friends and relatives”*) e amam a família e os amigos (*“I love my family and friends”*). As participantes manifestam interesse em realizar atividades em família (*“family activities”*) e na vida familiar (*“family life”*), além de passar tempo com a família e parentes (*“time with family and relatives”*). Da mesma forma, mostram interesse em estar com amigos (*“being with friends”*), sair e conversar com amigos (*“going out and having conversations with friends”*) e ainda fazer novas amizades (*to make new friendships*). De modo geral essas mulheres demonstram vontade de conversar: “Eu gosto de ter boas conversas” (*“I like to have good conversations”*), de se divertir: “sair para se divertir” (*“going out to have fun”*) e de “conhecer pessoas” (*“meeting new people”*).

Discussão

A partir da seção “Sobre mim” (*“About me”*), pode-se sintetizar as características apresentadas nos perfis analisados. Quanto à aparência física, as participantes do site descrevem-se como belas, atraentes e saudáveis, aparentando serem mais jovens. Sobre os aspectos pessoais, essas mulheres se revelam como pessoas ativas, determinadas, otimistas e criativas em relação à vida, por um lado, além de calmas e alegres. Esses perfis já indicam uma índole que facilitaria o relacionamento com outra pessoa. Um dos aspectos mais explorados na seção *“about me”* é uma sociabilidade muito desenvolvida nessas

mulheres, denotando uma convivência fácil. Elas se apresentam como sociáveis e amigáveis, de bom temperamento, além de várias outras características que as tornam pessoas de fácil relacionamento, por serem bondosas e respeitosas. As participantes também demonstram comportamento ético numa inter-relação afetiva ao se declararem confiáveis, honestas e sinceras. A sociabilidade, por sua vez, compreende bom relacionamento com familiares, amigos e parceiros românticos e sexuais. Pode-se destacar, nessa seção, a apresentação de características que possivelmente tornariam essas mulheres pessoas com as quais manter uma interação romântica seria fácil e agradável, devido à sua ampla sociabilidade.

A partir das informações disponíveis na seção sobre *hobbies* e interesses, as participantes do site mostram interesse por um estilo de vida feliz, procurando cuidar de si mesmas, inclusive em termos de beleza e saúde. Elas estão abertas a novas experiências, sendo simples e modernas. Mostram ainda interesse por trabalho e estudo, atividades físicas, esportes e vida ao ar livre, perfis estes também relacionados a uma vida saudável. No que diz respeito às artes de forma geral, os perfis apresentados demonstram interesse por literatura, música, dança, cinema, TV e culinária. Estas atividades também se revelam como formas de se relacionar com outras pessoas. As brasileiras participantes do site expressam ainda gosto por viagens e diferentes culturas, mas também por atividades domésticas e pela vida social com família e amigos.

Na seção sobre *hobbies* e interesses, pode-se destacar a diversidade e a amplitude de temas que despertam o interesse dessas mulheres, possivelmente representando inúmeras opções em torno das quais afinidades poderiam ser encontradas. Neste sentido, também seriam elementos que facilitariam o

estabelecimento de relacionamentos interpessoais. Alguns temas presentes na seção *About me* se repetem como atividades voltadas para a saúde. As duas seções indicam perfis de mulheres brasileiras que se mostram preparadas para relacionamentos interpessoais, denotando um lado mais dinâmico e independente e outro mais passivo. Os perfis apresentam uma mulher brasileira bonita e atraente, sexy e sociável, com interesse pelo mundo das artes e da cultura, mas também pela vida doméstica e familiar, dinâmica e determinada, ao mesmo tempo que simples e humilde.

Tendo em vista que esses sites têm por objetivo possibilitar relacionamentos entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros, estes dados sugerem que os perfis dessas mulheres sejam estrategicamente construídos, apresentando características que favoreceriam o estabelecimento de relacionamentos românticos, desde a aparência física até aspectos sociais e culturais. Essas internautas apresentam em seus perfis características supostamente valorizadas pelos usuários em busca de uma parceira brasileira, já que os atributos refletem uma mulher bela, sociável, sensível, feminina, sexy, carinhosa, determinada e calma, resultando numa mulher ideal para um relacionamento romântico duradouro, como propõem os organizadores do site. A partir da análise dos perfis, pode-se supor que essas pretendentes a um casamento com homens estrangeiros tendem a apresentar uma versão idealizada de si mesmas como parcerias românticas. Pode-se pensar que o perfil demonstrado é uma “vitrine” de mulher ou companheira ideal, tendo em vista o desenvolvimento de um relacionamento romântico.

A aparência física e a saúde são ressaltadas como atributos positivos. A título de exemplo, mencionar o “corpo violão” é uma estratégia para chamar a atenção e obter o interesse do usuário do site que busca uma parceira. Algumas partes específicas do corpo são valorosamente enfatizadas como olhos e boca, construindo, desse modo, uma “vitrine” de si mesmas, ratificando a definição de Whitty e Carr (2006). Algumas referências ao corpo e suas “curvas”, seios e pernas, aparecem na representação de si em alguns perfis, possivelmente reproduzindo o estereótipo do padrão do corpo da mulher brasileira, como *“I have beautiful hairs, full breasts, thick legs and a big rounded bumbum”*. Segundo Whitty (2008), a aparência física tem destaque no relacionamento pela Internet e está longe de ser encontro de “alma”, como apontado por alguns autores.

Whitty e Carr (2006) ressaltam que a apresentação da aparência física ocupa lugar de destaque nos relacionamentos via Internet, utilizando a expressão *“shopping list”* para abordar a busca de parceiros com base em um determinado perfil. Desta forma, a análise dos perfis sugere a busca de estratégias de apresentação que as coloquem em vantagem para atrair o interesse do usuário, no sentido de gerenciamento de impressão causada no parceiro em potencial (Ellison et al., 2006). A aparência jovem destaca-se em detrimento da idade, sendo enfatizada como um atributo que coloca a mulher em condição de vantagem. Goldemberg (2000) aponta que no contexto brasileiro o corpo da mulher é visto como capital, ou seja, trata-se de um atributo que significa vantagens em estabelecer relacionamentos românticos.

De acordo com Whitty e Carr (2006), a descrição do corpo é imperativa numa interação via Internet, quando se objetiva a uma interação afetivo-sexual,

por ser critério imprescindível para seleção do parceiro. O sujeito, ao elaborar o próprio perfil no site de relacionamento, decide como representar o próprio corpo, tendo maior liberdade e possibilidades, inclusive de se representar criativamente. Segundo Romão-Dias e Nicolaci-da-Costa (2006), o contato social e a apresentação de si por meio da Internet, e por isso maior liberdade e criatividade, pois a pessoa está sob anonimato. Além disso, pela Internet, o sujeito dispõe de um tempo para selecionar os atributos de si que deseja descrever e mostrar, diferentemente do encontro face-a-face.

Concernente às características pessoais, verifica-se que os atributos como “dinamismo”, “força” e “determinação” reforçam uma imagem feminina contemporânea de autonomia e independência. Por outro lado, as usuárias assinalaram atributos como generosidade, calma, bom humor, sinceridade, afetividade e feminilidade. Valores tradicionais e ausência de vícios são ressaltados, o que sugere a visão tradicional de que a mulher deve ser “pura” e “não possuir vícios”, ou seja, reflete a moralidade social em relação às qualidades femininas a serem apresentadas. Essas características foram incluídas no perfil porque, possivelmente, essas mulheres supõem serem valorizadas pelos parceiros em potencial, considerando que os usuários tendem a selecionar aspectos em si que sejam percebidos positivamente para aumentar a chance de terem seu perfil selecionado (Ellison et al., 2006).

No que tange à sociabilidade, as mulheres se mostram sociáveis, de modo que os pretendentes teriam facilidade em conviver com elas, pois essa característica facilitaria a convivência por serem “calmas” e “serenas”. As descrições apontam para uma sociabilidade bastante positiva, com a valorização

da família e amigos. Vale registrar que Perel (2002) pautou-se em Edwar Hall, autor do clássico “O Silêncio da Linguagem” (1990), para apontar que em países de alto contexto as relações são valorizadas.

Alguns autores (Romão-Dias & Nicolaci-da-Costa, 2005; Whitty & Carr 2006) reforçam que a apresentação de si no espaço virtual significa liberdade para “brincar de faz-de-conta”, isto é, permitir representar a si mesmo como gostaria de ser com base na idealização do próprio perfil. Ellison et al. (2006) ressaltam que o perfil descrito pode referir-se mais à externalização de um ideal futuro, ou seja, em que o usuário deseja realizar futuramente. Portanto, a autodescrição inclui metas futuras, isto é, atributos ou interesses relatados dependem de contingências como esforço pessoal para possuir futuramente.

Ellison, et al. (2006, p. 426) constataram que os sujeitos podem identificar-se com os atributos “ativo” e “dinâmico” em atividades físicas (por exemplo, caminhadas, surf), sendo que, na realidade, eles raramente as realizam. Neste caso, por exemplo, o interesse e *hobbie* assinalados possivelmente revelam a maneira como a usuária gostaria de ser ou idealiza ser futuramente. O perfil de fato, contudo, somente poderá ser constatado e confirmado a partir da convivência com o estilo de vida de um indivíduo no seu dia a dia concreto.

As frases disponibilizadas na seção *Hobbies* e Interesses a respeito de estilo e cuidado de si referem-se a uma mulher de “bem com a vida”, isto é, a uma mulher que possui uma visão otimista da vida. O cuidado consigo revela alguém que possui autoestima e autoconfiança elevadas, o que sugere que ela não precisa de alguém que cuide dela.

Em estudo realizado por Arvidsson (2006), os participantes enfatizavam que possuíam qualidades que tornavam a vida repleta de encontros sociais e experiências. Os usuários dos sites reforçavam que estavam em busca de parceiros com quem compartilhar um estilo de vida baseado em vivências alegres e agitadas (Arvidsson, 2006). Desta forma, o autor reforça que os indivíduos em sites de namoro geralmente apresentam uma vida ativa ou repleta de experiências e novidades, com uma vida social agitada, o que pode ser observado neste estudo.

A apresentação das mulheres brasileiras com base nos perfis aponta para a coexistência de atributos femininos tradicionais e contemporâneos que buscam a valorização no espaço público. Pode-se supor que as mulheres tenham pretendido construir uma imagem de parceira ideal, pela aparência física, características pessoais e sociabilidade.

A ênfase atribuída a certas características, como “determinada”, por exemplo, aponta possivelmente para a preocupação em evitar que esses homens enxerguem essas mulheres como acomodadas em busca de um homem provedor. Heino et al (2010) assinalou que os usuários dos sites de namoro em geral adotam uma estratégia de *marketing do self*, o que pressupõe moldar informações para atender o que acreditam que sejam as características desejadas pelo parceiro ideal, corroborando os perfis, aqui em análise, os quais confirmam a ideia de marketing e autopromoção como cruciais no relacionamento *online*.

Finalmente, pode-se apontar a ausência de referências explícitas a fatores de ordem cultural na descrição apresentada. Possivelmente, a adoção de

características mais universais em detrimento de particularidades culturais, de forma geral, contribuiria para manter em segundo plano as diferenças de culturas, que poderiam eventualmente gerar dificuldades de relacionamento. Considerando que o site propõe encontro com estrangeiros, chama atenção a não inclusão de aspectos relacionados à origem nacional e cultural.

Considerações Finais

Em síntese, pode-se supor que as usuárias do site investigado procuram apresentar-se como a mulher ideal para o relacionamento que buscam, o que estaria de acordo com a literatura sobre a idealização de si nos perfis *online*, o que leva a publicidade e marketing de si mesma, como se as tornassem uma vitrine a ser observada. Pode-se supor que as mulheres cadastradas no site em análise elaboram, propositadamente, um perfil pautado em atributos que elas acreditem ser valorizados por um parceiro em potencial ao selecionar uma parceira. É importante destacar que a ausência de referências à origem cultural na autoapresentação pode implicar em algum momento futuro do relacionamento em dificuldades, devido às diferenças culturais.

Referências

- Agathangelou, A.M. (2009). Electronic Attachments Desire, the Other, and the Internet Marital Trade in the 21st Century Anna M. Agathangelou and Kyle D. Killian. *Intercultural Couples: Exploring Diversity in Intimate Relationships*, 111.
- Angeles, L. & Sunanta, S. (2007). "Exotic Love at Your Fingertips": Intermarriage Websites, Gendered Representation, and the Transnational Migration of Filipino and Thai Women. *Kasarinlan: Philippine Journal of Third World Studies*, 22(1), 03-31. Retirado de <http://journals.upd.edu.ph/index.php/kasarinlan/article/viewArticle/360>
- Arvidsson, A. (2006) *Marcas: significado e valor na cultura da mídia*. Psicologia Press. Angeles, L. & Sunanta, S. (2007). "Exotic Love at Your Fingertips": Intermarriage Websites, Gendered Representation, and the Transnational Migration of Filipino and Thai Women. *Kasarinlan: Philippine Journal of Third World Studies*, 22(1), 03-31. Retirado de <http://journals.upd.edu.ph/index.php/kasarinlan/article/viewArticle/360>
- Creswell, J.W. (2010). Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto. In: *Projeto de pesquisa métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Artmed.
- Cunneen, C. (2000). Male violence, male fantasy and the commodification of women through the Internet. *International Review of Victimology*, 7(1-3), 5-28.

- Ellison, N.; Heino, R. & Gibbs, J. (2006). Managing impressions online: Self-presentation processes in the online dating environment. *Journal of Computer-Mediated Communication*, 11(2), 415-441. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1083-6101.2006.00020.x/full>
- Ellison, N.B.; Hancock, J.T. & Toma, C.L. (2012). Profile as promise: A framework for conceptualizing veracity in online dating self-presentations. *new media & society*, 14(1), 45-62. Retirado de <http://nms.sagepub.com/content/14/1/45.short>
- Finkel, E.J.; Eastwick, P.W.; Karney, B.R., Reis, H.T. & Sprecher, S. (2012). Online Dating A Critical Analysis From the Perspective of Psychological Science. *Psychological Science in the Public Interest*, 13(1), 3-66. Retirado de <http://psi.sagepub.com/content/13/1/3.extract>
- Fiore, A.T.; Taylor, L.S.; Mendelsohn, G.A. & Hearst, M. (2008). Assessing attractiveness in online dating perfis. *Proceedings of Computer-Human Interaction*. New York, NY: ACM Press (pp. 797–806).
- Goldenberg, M. (2000). Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros. Rio de Janeiro: Record, (149-188).
- Heino, R.D.; Ellison, N.B. & Gibbs, J.L. (2010). Relationshopping: Investigating the market metaphor in online dating. *Journal of Social and Personal Relationships*, 27(4), 427-447. Retirado de <http://spr.sagepub.com/content/27/4/427.short>
- Hitsch, G.J.; Hortaçsu, A. & Ariely, D. (2010). Matching and sort-ing in online dating. *American Economic Review*, 100, 130–163. Retirado de

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/27804924?uid=2&uid=4&sid=21104192197917>

- Henry-Waring, M. & Barraket, J. (2008). Dating and intimacy in the 21st century: the use of online dating sites in Australia. *International Journal of Emerging Technologies and Society*, 6(1), 14-33. Retirado de <http://eprints.qut.edu.au/32317/>
- Jovchelovitch, S.; Bauer, M.W. Entrevista narrativa. In: Bauer, M.W.; Gaskell, G. (Ed.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. 7. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p. 90-113.
- Karis, T.A. & Killian, K.D. (2009). Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships. New York: Routledge.
- Melo, R.R. (2000). Cariocas e estrangeiros: gênero e identidade nacional no processo identitário. *Publicação do Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte*, 1(02). Retirado de <http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/pdf/mneme02/008-p.pdf>
- Merkle, E.R. & Richardson, R.A. (2000). Digital dating and virtual relating: *Conceptualizing* computer mediated romantic relationships. *Family Relations*, 49(2), 187-192. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3729.2000.00187.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false>
- Oliveira, P. R. M. de (2011). Novas regras do jogo amoroso: a presença feminina na Internet. *Mnemosine*, 7(1). p. 130-156

- McKenna, K. Y.; Green, A. S. & Gleason, M. E. (2002). Relationship formation on the Internet: What's the big attraction?. *Journal of social issues*, 58(1), 9-31. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1540-4560.00246/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false>
- Perel, E. (2002) Uma visão turística do casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais (pp. 193-294). In: P. Papp (Org). *Casais em perigo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Piscitelli, A. (2005). Viagens e sexo on-line. *Cadernos Pagu*, 25, 281-326. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n25/26530.pdf>
- Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, 11(2). Retirado de <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewArticle/5247>
- Romão-Dias, D. & Nicolaci-da-Costa, A.M. (2005). Eu posso me ver como sendo dois, três ou mais: algumas reflexões sobre a subjetividade contemporânea. *Psicologia: ciência e profissão*, 25(1), 70-87. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v25n1/v25n1a07.pdf>
- Silva, S. Redescobrimo o Brasil com olhos estrangeiros: comunicação intercultural, conflito e representações da Alteridade na Internet (2006). In: UNIrevista, (pp.1809-4561) UFSC, SC.
- Raposo, P. & Togni, P.C. *Fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: género e imigração*. Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, Observatório da Imigração, Portugal, 2009. 193p. Retirado de

file:///C:/Users/Home/Downloads/Observatorio%20Togni%20e%20Raposo%20(1).pdf

- Toma, C.L.; Hancock, J.T. & Ellison, N.B. (2008). Separating fact from fiction: An examination of deceptive self-presentation on online dating profiles. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 34, 1023–1036. Retirado de <http://psp.sagepub.com/content/34/8/1023>
- Whitty, M. & Gavin, J. (2001). Age/sex/location: Uncovering the social cues in the development of online relationships. *CyberPsychology & Behavior*, 4(5), 623-630. Retirado de <http://online.liebertpub.com/doi/abs/10.1089/109493101753235223>
- Whitty, M.T. & Carr, A.N. (2006). Novas regras no local de trabalho: Aplicando a à teoria das relações de objeto para explicar o problema Internet e comportamento de e-mail no local de trabalho. *Computadores em Comportamento Humano*, 22 (2), 235-250.
- Whitty, M.T. (2008). Revealing the “real” me, searching for the “actual” you: Presentations of self on an Internet dating site. *Computers in Human Behavior*, 24, 1707–1723. Retirado de <http://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0747563207001215>
- Whitty, M. T., & Carr, A. N. (2006). *Cyberspace romance: The psychology of online relationships*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Estudo 2 – Início de Relacionamento Amoroso entre Mulheres Brasileiras e Homens Estrangeiros

Resumo

O estudo objetivou descrever as diferenças culturais percebidas na forma de se relacionar com homem estrangeiro, como no caso de início de relacionamento entre mulheres brasileiras com homens de outra nacionalidade e cultura, na perspectiva de mulheres brasileiras de classe média. Foram entrevistadas oito mulheres entre 18 e 45 anos, a partir de roteiro semiestruturado. Os dados obtidos foram organizados através do método de Análise Temática de Conteúdo, o que resultou nas seguintes categorias: a) formação cultural do estrangeiro como fator de atração; b) diferenças culturais na consideração de aspectos físicos da mulher; c) diferenças culturais no contato físico; d) diferenças culturais em compromisso, seriedade e companheirismo; e) diferenças culturais e racionalidade; diferenças culturais e dificuldades no relacionamento. As entrevistadas valorizaram o maior comprometimento ao relacionamento dos homens estrangeiros comparado aos homens brasileiros. As participantes estabeleceram diversas comparações entre homens brasileiros e estrangeiros, com maior valorização destes últimos. A interculturalidade foi percebida positivamente na etapa inicial do namoro, possibilitando o enriquecimento de experiências e trocas interculturais na relação. Contudo, a diversidade pode ser vista desfavoravelmente ao longo da relação, gerando conflitos e dificuldades no relacionamento.

Palavras-chave: interação, namoro intercultural, diferenças culturais.

Abstract

The study aimed to describe the perceived cultural differences related to relationship with a partner from another nationality, as in the case of dating between a Brazilian woman with men from another nationality and culture from the perspective of Brazilian middle class women. For such, eight women between 18 and 45 years were interviewed from semi-structured guide. Data were organized by the method of a content analysis, which resulted in the following categories: a) partner's cultural background as a factor of attraction; b) cultural differences into consideration of the physical aspects of women; c) cultural differences in physical contact; d) cultural differences in commitment, seriousness and companionship; e) cultural differences and rationality; cultural differences and difficulties in the relationship. The participants appreciated the greater commitment to the relationship of the foreign partner compared to Brazilian partner. The participants established several comparisons between Brazilian and foreign men, with greater appreciation of the last one. Interculturality was perceived positively in the initial phase of dating, enabling the enrichment of experience and intercultural exchange in the relationship. However, diversity can be seen unfavorably along the relationship, creating conflicts and relationship difficulties.

Keywords: interaction, intercultural dating, cultural differences.

O relacionamento romântico intercultural refere-se à relação entre duas pessoas de culturas diferentes, que podem incluir origem nacional, raça e/ou religião diferentes (Killian, 2009). É possível identificar na literatura (Reiter, Krause & Stirlen, 2005; Lind, 2012; Buffington, Hemphill, Knox & Zusman, 2000; Remennick, 2005; Levchenko & Solheim, 2013) diferentes termos para denominar casais ou famílias de origem distintas: intercultural, internacional, interétnico, inter-racial, transnacional, bicultural, binacional e multicultural.

No entanto, estes termos não se referem a um mesmo fenômeno; ao contrário, refletem configurações relacionais distintas, com questões e problemáticas particulares, dependendo dos critérios socioculturais estabelecidos no contexto de estudo. O termo intercultural foi adotado, neste trabalho, para tratar especificamente do início do relacionamento romântico entre indivíduos oriundos de nacionalidades distintas, que implicam diferenças culturais. Diversos autores (Rosemblat, 2009; Bystydzienski, 2011; Bustamante, Nelson, Henriksen & Monakes, 2011) utilizam a nomenclatura *intercultural* para abordar tais casais e famílias.

Contudo, essas configurações relacionais são consideradas mais complexas do que as constituídas por parceiros pertencentes à mesma cultura (Laurenceau, Lewis-Smith & Troy, 2006), o que demanda maior compreensão das suas vicissitudes e possíveis dificuldades. Em caso de terapia de casal intercultural, por exemplo, a intervenção clínica requer compreensão das especificidades desse tipo de relação (McGoldrick, 2011; Seshadr & Knudson, 2013).

De acordo com Perel (2002), o conflito relacional da díade intercultural muitas vezes ocorre quando os parceiros assumem posições antagônicas sobre as diferenças que, no início do relacionamento, eram percebidas como atraentes. A autora descreve que a complementaridade que a princípio aproxima os parceiros acaba sendo a origem das dificuldades e conflitos na relação ao longo do tempo. A complementaridade define-se como diferenças cognitivas, emocionais e comportamentais entre os indivíduos atuando sobre eles, mas, ao mesmo tempo, enriquecendo a relação. Assim, as diferenças culturais que atraem no início da relação podem ser exacerbadas em determinadas fases do ciclo familiar, como na fase de adaptação ao casamento ou quando do nascimento do primeiro filho. Essas diferenças culturais podem ainda ser motivo de conflitos em caso de crises vividas pelo casal, como desemprego ou morte de algum familiar.

Desse modo, a complexidade desses relacionamentos românticos interculturais requer uma abordagem não apenas a partir dos conflitos conjugais e da criação dos filhos, mas desde sua etapa inicial. Desta forma, o estudo a respeito do início de uma relação pode contribuir para se compreender o desenvolvimento e sua dinâmica.

No entanto, observa-se que a literatura internacional sobre namoro ou início de relacionamento romântico intercultural é restrita em comparação à literatura sobre casamentos interculturais. A ênfase em aspectos como raça e etnia também está presente na maioria das pesquisas internacionais sobre o começo de uma relação amorosa. Harris e Kalbfleisch (2000) investigaram as implicações raciais na fase inicial de um convívio romântico inter-racial. Outros autores, como Buffington, Hemphill, Knox e Zusman (2000), estudaram as

atitudes entre universitários no que tange ao namoro inter-racial e à tolerância à diversidade racial, em que a maioria afirmou que namoraria alguém de outra raça e seria concorrente a essa forma de relacionamento. Levin, Pamela e Caudle, (2007) também pesquisaram sobre o tema namoro interétnico e inter-racial entre universitários. As características daqueles que namoram alguém racialmente diferente também foram estudadas por Yancey (2002). A proporção de estudos que analisa o início de relacionamento romântico entre sujeitos de origem nacionais distintas é ainda mais restrita, como no caso do estudo que investigou o padrão de escolha amorosa de imigrantes russos em uma universidade de Israel (Remennick, 2005).

A literatura brasileira também se apresenta escassa a respeito desse tema, principalmente, considerando a origem nacional dos parceiros. Por exemplo, quando da busca realizada em base de dados Index Psi (2013), Google Scholar (2013), Bvs Psi (2013), Rcaap Pt (2013) e Scielo (2013), empregando-se a expressão “relacionamento romântico intercultural”, não foi encontrado nenhum trabalho registrado. Mudando o descritor para “início de Relacionamento Amoroso”, encontrou-se no Google Scholar (2013) nove publicações, porém nenhuma era compatível com o tema relacionamento intercultural. Entretanto, na base de dados Index Psi, registrou-se uma tese de pesquisa que buscou investigar os locais e os caminhos utilizados para iniciar seus namoros, o tempo de duração destes, bem como as incidências de estilos de amor, timidez e sociabilidade (Neves, 2001), contudo o foco não é a interculturalidade. A mesma descrição foi usada em todas as bases de dados citadas, e nenhum trabalho relacionado ao tema foi encontrado. Quando se utilizou a expressão

“Relacionamento AND Amoroso”, no Bvs Psi, registraram-se nove teses, das quais apenas uma se aproximava do assunto, porém seu enfoque era no sentimento da mulher frente ao relacionamento amoroso (Gallo, 2006).

A partir dessas considerações, este estudo buscou investigar as diferenças culturais percebidas na forma de se relacionar com homem estrangeiro, como no caso de namoro entre mulheres brasileiras com homens de outra nacionalidade e cultura, sob a perspectiva dessas mulheres. Para alcançar esse objetivo geral, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: a) descrever o contexto de encontro; b) investigar a formação cultural do estrangeiro como fator de atração; c) investigar diferenças culturais percebidas no início do relacionamento romântico; d) investigar o papel das diferenças culturais para o estabelecimento e desenvolvimento do relacionamento romântico.

A busca de um companheiro para estabelecer um relacionamento amoroso no contexto ocidental é perpassada por fatores diversos, como gênero, origem social, condições econômicas, pressão familiar, religiosidade e aspectos subjetivos, tais como amor e personalidade, dentre outros. Enfim, são muitos os elementos que concorrem para a atração e escolha de um companheiro. Diante desses elementos, muitas interrogações podem ser feitas, como, por exemplo: como ocorre a aproximação de um casal em que um dos pares é estrangeiro? Quais são os fatores que influenciam para que um contato inicial passe a relacionamento amoroso e compromisso? De que forma ocorre este primeiro contato? Essas são algumas perguntas que permearam o estudo qualitativo realizado. O referencial teórico desta pesquisa concentrou-se na perspectiva descritiva e dialética sobre relacionamentos interpessoais abordada por Robert

Hinde (1979, 1987, 1997). Esta perspectiva é consonante com esta investigação, uma vez que este autor propõe a descrição do conteúdo dos relacionamentos interpessoais.

Início de Relacionamento Romântico Intercultural

Em coletânea sobre início de relacionamento amoroso, Perlman (2008) destaca que a maioria dos trabalhos subentende início de relacionamento ao abordarem outros temas, como atração romântica (Graziano & Bruce, 2008; Shulman, Mayes, Cohen, Swain, Leckman, 2008); apaixonamento (Aron, Fisher, Strong, Acevedo, Riela & Tsapelas, 2008), seleção de parceiros (Buss, 1989); comunicação não verbal (Cunningham & Barbee, 2008); *speed dating* (encontro rápido), de Eastwick e Finkel (2008). Afifi e Lucas (2008), por exemplo, investigaram sobre a busca de informações a respeito do parceiro em potencial no início do relacionamento.

Entretanto, Permaln (2008) argumenta que o início do relacionamento amoroso deve ser abordado como uma área específica de estudo sobre relacionamentos românticos, em vez de ser abordado indiretamente. Desta forma, vale indagar o que pode ser considerado como início de relacionamento, já que se verificam fenômenos diversos enfocados na literatura internacional e brasileira. Pode-se concluir, a partir da revisão de literatura, que não há consenso entre os autores sobre aspectos que definem esta etapa do relacionamento.

Cunningham e Barbee (2008), por exemplo, discutem o início do relacionamento amoroso numa linha de tempo. Para esses autores, o foco de

atenção da investigação deveria centrar-se em como as pessoas estabelecem contatos iniciais, incluindo a maneira como prestam atenção ao outro indivíduo, comportamentos não verbais; e ainda as frases utilizadas para manifestar interesse ou disposição para iniciar conversação.

Alguns autores, como por exemplo, Eastwick e Finkel (2008), examinaram *speed-dating*, ou seja, eventos organizados para reunir pessoas que buscam namoro e envolvem interações rápidas (três a oito minutos), com o intuito de observar o começo de uma relação amorosa. Hendrick e Hendrick (2008), no entanto, consideraram como início os primeiros meses de um relacionamento. Teóricos do apego (por exemplo, Bredow, Cate, Huston, Sprecher, Wenzel & Harvey, 1994) têm argumentado que, para concretizar o apego, leva-se pelo menos dois anos, e o início caracteriza-se como o período em que todas as funções de apego se fixam. Bredow et al. (2008) consideraram como início o período de namoro, antecedendo ao casamento, com duração, em média, de dois anos.

A escolha amorosa tem sido tratada a partir de concepções diversas. A perspectiva evolucionista da seleção de parceiro, por exemplo, é amplamente discutida pela literatura internacional e brasileira e ganhou divulgação em pesquisa ampla em 37 países. Buss (1989) selecionou os atributos valorizados na seleção de parceiros, apresentando as principais categorias enunciadas por mulheres que buscam parceiros do sexo masculino para um relacionamento duradouro: o fornecimento de uma boa companhia; honestidade; boa posição social; afeto e compreensão; confiabilidade; inteligência; fidelidade e bom senso de humor. Esta pesquisa apontou também que mulheres procuram parceiros um

pouco mais velhos, por sua capacidade de compromisso, maturidade e recursos. Já os homens valorizam mulheres mais jovens e que tenham boa aparência física, o que estaria relacionada à fertilidade. É importante observar que tal pesquisa parte da perspectiva evolucionista.

No contexto brasileiro, é possível identificar alguns trabalhos que abordam indiretamente o início do relacionamento romântico, como pela seleção do parceiro (Altafim, Luandos & Caramaschi, 2009; Gouveia, Fonseca, Gouveia, Diniz, Cavalcanti, & Medeiros, 2010; Gomes, Gouveia, Silva Júnior, Coutinho & Santos, 2013; Silva, Corrêa & Lopes, 2010; Gianfaldoni, Teixeira, Comolatti, Pareto, Careli, Figueiredo & Lopez, 2010). Altafim et al. (2009) investigaram a situação de paquera de estudantes universitários em dois ambientes (faculdade e festas), estabelecendo como objetivos avaliar a seletividade entre gêneros em cada contexto e verificar as diferenças de um mesmo sexo em relação aos dois ambientes. Os resultados demonstraram, de uma forma geral, que as mulheres são mais seletivas do que os homens, e que ambos os sexos são criteriosos no que tange à seleção quando se encontram no ambiente de uma faculdade em comparação ao contexto de uma festa.

Gomes et al. (2013) buscaram conhecer em que medida os valores humanos e os traços da personalidade se correlacionam com atributos desejáveis do parceiro ideal entre heterossexuais. Os resultados estão de acordo com a teoria evolucionista de seleção de companheiros, sendo que os homens apreciam atributos que caracterizam qualidades reprodutivas das mulheres, como um corpo atlético. Por sua vez, as mulheres valorizam as qualidades relacionadas aos cuidados que os homens podem oferecer elas e a seus descendentes.

Concluíram ainda que os valores guiam mais a escolha do parceiro do que os traços de personalidade.

Silva, Menezes e Lopes (2010) buscaram compreender as motivações na escolha do cônjuge, levando em consideração a transgeracionalidade e a busca por similaridades e complementaridade. Para isso, escolheram cinco casais adultos prestes a se casarem, mas que ainda não moravam juntos. As autoras identificaram a presença de motivações transgeracionais, baseadas nos modelos conjugais parentais, como uma maior busca no outro por similaridades do que por complementaridade. Além disso, constataram a importância dos modelos apreendidos nas famílias de origem a serem seguidos ou evitados, como a importância das ideias e das características comuns em prol de uma convivência mais harmônica.

Em estudo realizado com mulheres universitárias da cidade de São Paulo, Gianfaldoni et al. (2009) identificaram os critérios utilizados por essas mulheres na seleção de parceiros para relacionamentos amorosos de curto e longo prazos. Os autores concluíram que as mulheres tendem a escolher parceiros diferentes delas mesmas para relacionamentos de curto prazo e semelhantes a elas para relacionamentos de longo prazo. Além disso, identificaram que quando se trata de relacionamento de longo prazo, as mulheres buscam características que possam proporcionar segurança (por exemplo, comprometimento familiar, fidelidade, dedicação ao relacionamento) de si e do parceiro. Destacam também que, independente do tipo de relacionamento, as exigências das mulheres a respeito de beleza física do parceiro é menor do que a exigência de beleza que elas têm de sobre si mesmas.

Gouveia et al. (2010) buscaram conhecer em que medida e direção os valores humanos se correlacionam com os atributos desejáveis de um parceiro ideal, bem como identificar quais desses atributos seriam considerados mais importantes em um parceiro ideal, e avaliar se a importância dada a tais atributos desejáveis variaria em razão do sexo dos participantes. Para isso, 421 pessoas responderam à Escala de Atributos do Parceiro Ideal, ao Questionário dos Valores Básicos e a perguntas demográficas. Os autores verificaram que um conjunto consistente de subfunções valorativas correlacionadas aos atributos desejáveis de um parceiro ideal. Por outro lado, revelaram também o papel do sexo dos participantes na diferenciação da importância dos atributos desejáveis, apontando que os homens valorizaram mais o aspecto atlético e as mulheres, o sociável.

Em convergência ao objetivo deste estudo, distinguem-se as interações iniciais eventuais de início de relacionamento romântico, e assim aborda-se, aqui, especificamente a transição das interações iniciais no começo do relacionamento. Assinala-se que o início de relação ocorre entre duas pessoas de maneira mais ou menos constante, objetivando a um relacionamento amoroso, o que não implica necessariamente em perspectiva de conjugalidade. Desta forma, interações iniciais são prelúdios para relacionamentos, mas muitas vezes não progredem para os mesmos (Hinde, 1997).

Em convergência ao objetivo desta pesquisa, uma questão central é de que forma essas interações iniciais perduram e desdobram-se em namoros. Assim, o começo dos encontros iniciais entre duas pessoas ocorre de maneira mais ou

menos constante ao formarem um relacionamento romântico, o que não implica necessariamente em perspectiva de conjugalidade.

No caso dos relacionamentos afetivo-sexuais interculturais, as diferenças culturais entre os parceiros configuram-se como fatores de atração para envolvimento do casal (Perel, 2002). Harris e Kalbfleisch (2000) e Knox, Zusman, Buffington e Hemphill (2000) citam tanto a similaridade e a complementaridade como fatores importantes na atração romântica intercultural. É válido ainda levar em consideração que os parceiros de diferentes origens raciais ou étnicas podem ser, todavia, muito semelhantes no nível educacional ou nas características de personalidade (Rushton, 1989).

O modelo de autoexpansão (Aron & Aron, 1996) nos permite compreender a formação e a manutenção do relacionamento intercultural com base na motivação fundamental que o indivíduo possui para ampliar o conceito de si. O indivíduo estaria então em busca de oportunidades de adquirir novas identidades ao cultivar outras perspectivas, melhorar suas capacidades e participar em novas experiências. Desta forma, os relacionamentos são o principal meio de satisfazer esta necessidade de autoexpansão (Aron & Aron, 1996), como pode ser potencializado nos envoltimentos entre casais de culturas diferentes.

A abordagem tradicional da Troca Social desenvolvida no final da década de 1950 por Thibault e Kelley (1959) foi uma vertente explicativa para os relacionamentos interculturais, em que o sujeito oriundo do grupo étnico dominante negocia sua pertença, seu valor étnico com outro recurso de “*status*” do parceiro, como beleza ou nível de escolaridade, pertencente ao grupo social minoritário. Os dados obtidos por Kalmijn (1993), por exemplo, embasam essa

teoria ao verificar que os casamentos entre afro-americanos escolarizados e americanos brancos sem escolaridade ocorria em maior número. Já Yancey (2002) contesta esta teoria ao observar que os indivíduos que desejam um relacionamento intercultural não relataram interesse por segurança financeira ou atração física, como aponta a teoria de troca social. Assim, não há diferença na valorização do *status* socioeconômico entre sujeitos que namoram com parceiro da mesma origem ou origens diferentes.

Em síntese, esses dois modelos teóricos antagônicos também foram apresentados por Falicov (1995) para explicar a escolha do parceiro oriundo de outra nacionalidade ou cultura: um sustenta que a atração entre os pares ocorre devido à percepção de algumas semelhanças entre eles (similaridades), e o outro defende que a atração deve-se à percepção de diferenças que possam ser complementares entre os parceiros (complementaridade).

É importante ressaltar que a principal razão para mulheres iniciarem relacionamentos amorosos, até poucas décadas atrás, relacionava-se à busca de cônjuge para união formal (Zordan, Falcke & Wagner, 2009). Atualmente, as razões para o início de uma relação podem incluir, por exemplo, recreação ou companheirismo, sem perspectiva de casamento ou união estável. Contudo, os atributos e valores considerados na seleção do outro mudam de acordo com o que o indivíduo busca em um relacionamento afetivo-sexual (Fletcher, Tran & Simpson, 2008). Buston e Emlen (2003) apontaram que para uma relação de longo prazo, as pessoas procuram por indivíduos semelhantes a elas; portanto, por uma característica a que o indivíduo sujeito atribua muito valor.

Referencial Teórico: Robert Hinde

A base descritiva dos trabalhos de Robert Hinde (1979, 1987,1997) possibilita discutir temas centrais no campo dos relacionamentos entre adultos. Segundo o autor, a descrição das relações implica verificar o conteúdo e a qualidade das interações que a constituem e ainda descrever como elas se padronizam no decorrer do tempo. Alguns desses temas apoiam as análises dos resultados encontrados neste estudo.

O autor, atento às múltiplas influências sobre o comportamento dos indivíduos, sistematizou em quatro níveis crescentes de complexidade – interações, relações, grupo social e a estrutura –, que se influenciam mutuamente, e cada uma influencia ao mesmo tempo em que é influenciada pelo ambiente físico e pelas estruturas socioculturais. Trata-se, portanto, de um processo mútuo, contínuo e recíproco de influências.

Nesta perspectiva teórica, as interações, unidades mínimas de análise, definem-se como eventos de curta duração entre indivíduos que são marcadas por trocas. Caso essa interação ocorra novamente, de modo que a anterior exerça algum nível de influência na posterior, configura-se como relacionamento, que só acontece a partir de interações sucessivas ao longo do tempo (Hinde, 1997). O relacionamento é afetado pela história pretérita das interações nas quais a díade envolveu-se, com as expectativas que os envolvidos possuem sobre o futuro desta relação, incluindo, neste sentido, as expectativas de adequação a papéis e a determinados comportamentos.

Hinde (1997) assinalou que os relacionamentos interpessoais devem ser compreendidos a partir do conteúdo das interações; qualidade das interações; frequência das interações; características individuais dos envolvidos nas interações, e as influências socioculturais. Segundo o autor, a descrição das relações implica verificar o conteúdo e a qualidade das interações que a constituem e ainda descrever como elas se padronizam no decorrer do tempo. Nesta perspectiva teórica, as interações, unidades mínimas de análise, definem-se como eventos de curta duração entre indivíduos marcados por trocas.

Metodologia

Foi realizada uma pesquisa de campo de natureza qualitativa e descritiva, tendo como plano o estudo de casos múltiplos. A proposta metodológica deste estudo está de acordo com as propostas de Hinde (1997) para o estudo do relacionamento interpessoal, partindo de uma perspectiva descritiva, visando à organização dos dados.

Participantes

Fizeram parte deste estudo oito mulheres brasileiras adultas, de camadas sociais médias, que mantinham ou mantiveram relacionamento de namoro com homem estrangeiro. Apenas duas das entrevistadas residem no exterior: Perla (EUA) e Alana (Alemanha). Estabeleceu-se como critério na seleção das participantes que o namoro tenha sido nos últimos dois anos, não havendo necessidade de ainda estar namorando o parceiro no momento da entrevista. Priorizaram-se os casos em que o namorado estrangeiro pertencesse a um

contexto de relações socioculturais que implicassem em diferenças, ou seja, em que o namorado fosse oriundo de cultura distinta da brasileira e que o idioma não fosse a língua portuguesa. Este critério deve-se à compreensão de que indivíduos que possuem idioma materno distinto possivelmente possuem diferenças culturais, e assim implicaria em interculturalidade, já que a língua constitui-se como uma importante manifestação de cultura. As participantes foram identificadas com nomes fictícios a fim de se preservar o anonimato.

Instrumento e Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. Em seguida, os dados foram coletados por meio de entrevista semiestruturada, abrangendo as seguintes questões relativas à fase inicial do relacionamento: a) Como vocês se conheceram e em que situação? b) Quais foram os fatores de atração por essa pessoa? O que chamou sua atenção nele? c) De que forma o contato inicial passou a um relacionamento amoroso? d) Quando você se deu conta de que estavam namorando?

A amostra foi selecionada por conveniência, utilizando-se a técnica “bola de neve”, que consiste em localizar pessoas mediante indicação de conhecidos, os quais, por sua vez, apontam outras pessoas que se ajustam aos critérios (Minayo, 2008). Desta forma, o contato com as entrevistadas ocorreu por meio das indicações de pessoas conhecidas a partir da rede de relacionamentos da entrevistadora. A partir das sugestões iniciais, cada entrevistada indicou uma possível informante dentro dos critérios estabelecidos. A partir da apresentação

dos objetivos da pesquisa, em seguida, no caso de concordância em participar, as entrevistadas assinavam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para participação na pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. As entrevistas foram presenciais e realizadas em local que fosse mais conveniente para a participante. Em seguida, foram gravadas em áudio, mediante o consentimento prévio das participantes. A duração média das entrevistas foi de uma hora e trinta minutos.

Organização e Análise de Resultados

A análise das respostas seguirá a proposta de análise temática apresentada por Jovchelovitch e Bauer (2008). A análise do material coletado buscou articular a especificidade de cada experiência narrada com as trajetórias coletivas identificadas. Assim esse material foi codificado e categorizado, gerando seções, em que foram estabelecidas comparações e revisões que permitiram aproximar o material coletado em temas.

Resultados e Discussão

1. Caracterização das Entrevistadas

Conforme a Tabela 1, a idade das entrevistadas variou entre 19 e 45 anos. Com relação à escolaridade, seis entrevistadas possuíam nível superior completo, uma possuía superior incompleto e outra, nível médio. No que se refere aos namorados, a idade variou entre 19 e 50 anos, e a escolaridade foi de média a

superior. As participantes e os namorados pertencem a camadas médias, nascidos e socializados num contexto urbano. Verificam-se aspectos semelhantes à formação escolar e nível socioeconômico, ainda que apresentem algumas diferenças do ponto de vista cultural. A literatura confirma a frequência elevada de casais interculturais formados por pessoas semelhantes em relação à raça, escolaridade, idade e nível socioeconômico (Remennick, 2005), o que também ocorre com casais de forma geral.

No que tange à atividade profissional desempenhada, houve muita diversidade. O tempo de namoro também variou entre as entrevistadas, sendo que a menor duração foi de três meses e a maior, de três anos. Apenas uma entrevistada (Helena) não mantinha mais o relacionamento com o namorado estrangeiro no período da entrevista.

2. Contexto de Encontro

Observa-se na Tabela 1 que as participantes estabeleceram o primeiro contato com os namorados em contextos bastante diversos, seja no exterior, seja no Brasil, e ainda por meio da internet. As entrevistadas Alana, Helena, Perla e Anita conheceram seus parceiros no exterior, sendo que Perla havia emigrado para trabalhar, e as outras realizavam intercâmbio. Outra participante (Amanda) conheceu o namorado na faculdade (Brasil).

Tabela 1. Caracterização das Entrevistadas e Contexto de Encontro

Entrevistada/ Nacionalidade do Namorado	Idade	Escolaridade	Atividade Profissional	Tempo de Namoro	Contexto de Encontro
Entrevistada: Angélica Namorado: Alemão	41 55	Superior Superior	Artista Plástica Geógrafo	3 anos	Site de Relacionamento
Entrevistada: Amanda Namorado: Americano	23 28	Superior Superior	Professora Professor	1 ano	Universidade (Brasil)
Entrevistada: Ana Namorado: Alemão	37 42	Superior Superior	Prof. de Línguas Engenheiro Mecânico	6 meses	Site de Relacionamento
Entrevistada: Anita Namorado: Alemão	19 19	Sup. Incomp. Sup. Incomp.	Estudante Estudante	11 meses	Escola de Intercâmbio (Alemanha)
Entrevistada: France Namorado: Francês	45 50	Superior Superior	Professora Designer/Consultor	3 meses	Site de Relacionamento
Entrevistada: Perla Namorado: Peruano (residente nos EUA)	22 36	Médio Superior	Estudante Técnico em Fisioterapia	9 meses	Moradia Compartilhada (EUA)
Entrevistada: Alana Namorado: Alemão	27 29	Superior Superior	Psicóloga Fotógrafo Freelancer	1 ano e 4 meses	Moradia Compartilhada (Alemanha)
Entrevistada: Helena Namorado: Holandês	22 23	Superior Superior	Psicóloga Designer Gráfico	1 ano	Apresentada por amigos (Holanda)

Angélica, Ana e France conheceram seus pares pela internet; e elas relataram que buscavam conhecer estrangeiro propositadamente. Para ambas estava em jogo a nacionalidade do parceiro em potencial, por isso cadastraram o perfil de usuárias em sites de relacionamento, ressaltando que o uso da internet facilitou a busca do parceiro, pois racionalizou a seleção pautada nas afinidades e interesses em comum. Ana almejava um namoro com um homem de nacionalidade alemã, e France buscava um parceiro de origem europeia, especificamente, para casamento. Nesses casos, os relacionamentos passaram a

ser a distância, com encontro de duas a três vezes por ano, por um período de vinte a trinta dias.

3. Diferenças Culturais na Forma de se Relacionar

Dentre os fatores de atração e aproximação, interesse e relacionamento com o outro parceiro foram citados: atração física, sociabilidade (gentileza/atenção), personalidade, inteligência, compromisso e seriedade e a formação cultural do parceiro. Os fatores atribuídos ao fato de o parceiro ser estrangeiro, que estiveram implicados na decisão de início do namoro, serão aqui detalhados.

3.1 A Formação Cultural do Estrangeiro como Fator de Atração

As participantes declararam que a formação cultural do par estrangeiro, traduzida pela palavra “encantamento”, foi um motivo importante na aproximação e decisão pelo namoro. A formação cultural refere-se ao domínio de outros idiomas, conhecimento de culturas diversas e viagens realizadas pelo parceiro. O interesse por um namorado de origem distinta das entrevistadas brasileiras foi justificada pelo desenvolvimento intrapessoal promovido a partir da troca de experiências. Os depoimentos a seguir são ilustrativos:

Ele é bem viajado e fala cinco línguas. Essas coisas vão enchendo os olhos (...) o papo é diferente (Alana).

Então, foi a experiência cultural dele que é diversificada. Ele morou em vários países, então ele tem muito assunto, a gente nunca fica sem falar nada. Muita experiência para trocar (...) uma pessoa interessante nesse sentido. Eu gostei desse contato com uma cultura diferente (...). Eles são mais “culturados” do que a gente aqui (...) (Angélica).

Eu achava ele um pouco arrogante assim, tipo eu sei de tudo, eu sou o máximo... e depois a gente foi conversando e eu realmente vi que ele realmente fez as coisas que ele falava que fez, (...) eu passei a me interessar por ele; por saber que ele não era arrogante mas sim que ele era interessante. (...) e admirar (Amanda).

Eu acho que eu aprendi muito namorando com ele (...) Você está sempre construindo alguma coisa, sempre aprendendo, sempre questionando (Alana).

(...) ele é muito culto, gosta muito de história e ele tem uma preocupação muito ética com as minorias, e isso me encanta muito, essa questão do estrangeiro, a questão (a preocupação) das pessoas que estão em desvantagem socialmente, as minorias, acho isso interessante, isso é um aspecto bem positivo em relação a ele né?! (France).

As diferenças do ponto de vista cultural entre os parceiros foram percebidas positivamente pelas participantes, como atestado por Alana:

Então eu vou quebrando um pouco alguns padrões que ele tem, paradigmas, dogmas, algumas coisas que ele tem, e ele também

quebra os meus, **então essa diferença de cultura esse choque é... não é algo que degrada nossa relação, mas acho que constrói**, a diferença deixa nossa relação ficar mais interessante entendeu?

No caso específico de Ana, o país de pertencimento do namorado foi apontado como um motivo preponderante, ressaltando sua relação com a Alemanha e o cotidiano de trabalho como professora do idioma alemão e tradutora como cruciais para o interesse pelo namorado. O atual namoro representa o terceiro relacionamento romântico com um homem alemão, pois, além da sua atividade de trabalho dirigida a esse país, possui uma rede de relações na Alemanha, estabelecida desde os 21 anos de idade, quando lá residiu por um ano em regime de intercâmbio. Assim, afirmou: *“Não consigo mais me interessar muito por brasileiro, não sei... não vai. E talvez porque 70% do meu dia é voltado pra Alemanha, né.!”*.

3.2 Diferenças Culturais na Consideração de Aspectos Físicos da Mulher

Angélica, Ana e France assinalaram ainda a dificuldade para estabelecer relacionamento amoroso de longo prazo pautado em compromisso com parceiro brasileiro. Para elas, o desejo e a busca por relacionamento com um par de outra nacionalidade estiveram relacionados ao fato de acreditarem que o homem estrangeiro atribui menor valorização à aparência física e à idade da mulher, se comparado ao homem brasileiro. Vale lembrar que essas entrevistadas estão na faixa etária de quarenta anos. O depoimento de Ana ilustra o que foi dito:

Olha eu não consigo viver com brasileiro, primeiro porque eu acho que eu não estou dentro do perfil físico de uma garotinha que pode tá namorando o tempo inteiro com quem quiser, e os alemães sempre têm perfil de se interessarem pelo que você é, e não pelo que você aparenta ser, pela sua aparência física (Ana).

Segundo Ana, a pressão social pelo “corpo perfeito”, no contexto do Brasil, foi uma das razões para se interessar pelo parceiro alemão, já que ela não possui o padrão de corpo defendido pela mídia e desejado por muitos homens brasileiros. Goldenberg (2011) aponta que o corpo é visto como “capital” na realidade brasileira, sendo percebido como possibilidades de obtenção de vantagens sociais. As falas das participantes ilustram corroboram essa ideia:

O brasileiro dá muito mais valor à questão estética do que o estrangeiro. Lógico que se você generalizar (...), mas em termos de cultura, na mentalidade de um alemão comum, normal, né (...) não é o primeiro pensamento dele não é que o seu corpo está maravilhoso, está sequinha (...) (Ana).

Ah, os homens daqui, (brasileiros), ainda mais agora que eu estou numa idade assim mais avançada, é... eles não querem saber de nada não, só querem curtir. Pra mim não interessa, eu quero uma pessoa séria, que assim, apesar de ter muito tempo que a gente está junto ele pelo menos passou uma seriedade pra mim, de compromisso, essas coisa (Angelica).

O homem brasileiro solteiro... é porque também a gente tem que avaliar a cultura e o contexto brasileiro que tem excesso de mulher,

muita mulher jovem, muita mulher bonita, muita mulher interessante, então aqui, por exemplo, **mulher solteira, da minha faixa de idade**, tem só uma possibilidade: se relacionar com homem mais jovem né, porque homens da nossa faixa de idade, ou ele já está casado ou ele se separou, e aí quando ele se separa ele busca uma mulher jovem também, dificilmente você vai conhecer um homem na sua faixa de idade que queira recomeçar com uma mulher da mesma faixa de idade dele, ele pode até ter um namoro, mas o objetivo não é casar, é encontrar e cada um ter sua vida, não busca viver junto, um projeto em comum, dificilmente (France).

Observa-se, assim, a percepção de um tratamento diferenciado em relação aos aspectos físicos das mulheres, incluindo sua idade e aparência física. Neste caso, o homem estrangeiro estaria associado à afetividade e ao companheirismo, enquanto o homem brasileiro estaria mais voltado à sexualidade e “*curtição*”. Para as participantes, o homem estrangeiro em geral demonstra fidelidade e comprometimento no relacionamento afetivo. Lima e Togni (2012) estudaram mulheres brasileiras que tinham como projeto pessoal a migração individualizada, ou seja, não vinculadas a redes migratórias com o propósito de formação de uma família ou o estabelecimento de uma relação conjugal no destino (Portugal). As entrevistadas desses autores apresentaram relatos similares aos das entrevistadas deste estudo, percebendo os homens brasileiros associados à sexualidade e à infidelidade, enquanto os homens brasileiros estariam associados ao compromisso e à lealdade.

3.3 Diferenças Culturais no Contato Físico

As entrevistadas mencionaram particularidades percebidas na forma de envolvimento amoroso e encontro romântico com o namorado estrangeiro. O contato inicial, por exemplo, contrasta com a forma como ocorre com um parceiro brasileiro. As entrevistadas consideraram “*devagar*” e “*lento*” o comportamento do namorado estrangeiro para tomar iniciativa na aproximação física. O começo do relacionamento foi caracterizado por diferenças em relação às relações anteriores com parceiro brasileiro, demarcado pelo contato físico nos primeiros encontros:

Eles são muito lerdos, eles não fazem nada assim (contato físico), a maioria das minhas amigas brasileiras falam: a gente tem que beijar, a gente tem que tomar a iniciativa de beijar porque eles não beijam... E se também a gente fica naquele vai ou não vai chega uma hora que cansa (Ana).

(...) o brasileiro é bem objetivo na hora (no encontro) você começa a beijar já, na primeira noite saiu já vai tentar beijar já... ele não, ele demorou, foram várias noites encontrando, eu e ele e vários amigos para ele tomar iniciativa, eu acho que brasileiro é mais rápido (Anita).

A demora para que o casal tivesse mais intimidade e contato sexual, ainda que houvesse encontros frequentes para atividades sociais, como ir a cinema e bares, implicou em uma percepção positiva a respeito do parceiro, pois não manifestaram motivação exclusivamente sexual para um encontro casual. Contudo, essas interações iniciais marcadas pela inexistência de contato físico

foram vivenciadas com ansiedade e incômodo, até porque as entrevistadas tinham dúvidas em relação se esse envolvimento baseava-se em amizade ou interesse afetivo-sexual.

Deste modo, observa-se que as participantes tiveram dificuldades em perceber quando se deu exatamente o início do relacionamento amoroso, pela ausência de contato físico. Alana relatou, inclusive, que o namoro não é marcado por uma data específica de comemoração, já que as interações ocorreram por um período de tempo, e não em um dia específico como se constata em seu: *“(...) eu não faço a mínima ideia do primeiro dia que a gente começou a namorar, só se eu pegar o calendário (...) foi em novembro mais ou menos, mas eu não sei o dia”*.

Nota-se que os depoimentos das entrevistadas apresentam ambiguidades, pois ao mesmo tempo em que valorizam comprometimento e seriedade do parceiro, também relataram ansiedade e incomodo na espera de uma manifestação por parte do companheiro concernente ao interesse afetivo-sexual, já que havia dúvida se o encontro tratava-se de namoro ou amizade. Assim, as participantes caracterizaram as interações iniciais como “espera cansativa”; e por esse motivo Ana afirma: *“tomar iniciativa para o contato físico”*. Ana estabelece ainda diferenças entre namoro e amizade no modo de contato no início do relacionamento.

A iniciativa sempre está sendo minha, assim, porque eles nunca dão o primeiro passo é... o alemão raramente vai dar o primeiro passo porque ele acha que é uma falta de respeito com a mulher (Ana).

Perla apresentou relatos distintos das demais participantes, provavelmente devido ao fato de o namorado ter sido socializado em país sul-americano, o que

implicou em similaridades culturais na forma de estabelecerem a interação e o início do namoro.

O perfil escolarizado das entrevistadas, somado ao contexto urbano de socialização, possivelmente está na base de tais expectativas, diferentemente dos resultados encontrados por Piscitelli (2007), em que mulheres nordestinas, no contexto de prostituição, buscavam prioritariamente no relacionamento uma oportunidade para sair de condições precárias de existência, e, desse modo, a preocupação em relação à qualidade e satisfação afetivo-sexual com o parceiro era menor ou inexistente.

O atributo provedor não aparece nas falas das entrevistadas, ao contrário dos resultados obtidos por Melo (2000), que também pesquisou mulheres brasileiras de nível superior, mas que buscavam propositadamente conhecer parceiro estrangeiro pautadas na percepção de “*príncipe encantado*” deste homem para uma relação de compromisso e provedor da esposa e do lar.

Pode-se supor, com base nas falas dessas mulheres, que o início do relacionamento vincula-se à perspectiva de uma relação a longo prazo. Desse modo, percebe-se que as entrevistadas buscam características e atributos em um par propenso a estabelecer uma relação com segurança afetiva (por exemplo, comprometimento, fidelidade, investimento no relacionamento). O fato de as participantes não assinalarem a busca por uma estabilidade financeira em seus parceiros indica a não convergência às teorias de seleção de parceiros que apontam a valorização feminina da condição monetária.

3.4 Diferenças Culturais em Compromisso, Seriedade e Companheirismo

Apesar de algumas participantes terem indicado que a expectativa quanto ao relacionamento com homem estrangeiro seria similar à expectativa de um relacionamento com parceiro brasileiro, algumas diferenças percebidas em relacionamentos em curso foram atribuídas à diversidade cultural. Duas das entrevistadas – Amanda e Angélica – afirmaram que, apesar da nacionalidade do companheiro, esperavam que o relacionamento fosse semelhante ao de uma relação com homem brasileiro, de forma que não atribuem vantagens específicas à interação com um parceiro estrangeiro. Amanda, por exemplo, ressaltou que a origem nacional do namorado não foi considerada como um fator importante para o relacionamento ou que gerasse expectativas diferentes de um envolvimento interpessoal brasileiro.

Porque é tudo gente, então... todo mundo: nossa seu namorado é americano. Não, ele é gente, entendeu?! Tipo assim, que nem provavelmente quando eu for pra lá com ele, os amigos dele vão falar: ah ela é brasileira. Não, ela é gente entendeu?! Não tem diferença. É tudo a mesma coisa.

Angélica também declarou que o relacionamento com parceiro estrangeiro não implica em expectativas diferenciadas da relação com brasileiro. Ao falar sobre o que deve ser relevante numa interação com um par estrangeiro relatou:

Não tem que ser muito diferente do que a gente espera de um brasileiro não. Eu espero a mesma coisa, ser bem tratada, em

primeiro lugar (...) a gente tem que está se colocando como uma pessoa importante na vida da outra né, mesmo não sendo brasileiro, ou estrangeiro (Angélica).

Por outro lado, algumas características do relacionamento, como compromisso, seriedade e companheirismo do parceiro, apontadas como importantes no início do relacionamento, foram atribuídas à diferente origem nacional do namorado. A percepção de companheirismo e compromisso foi vinculada à interação interpessoal estrangeira, contribuindo para um aspecto relevante do início de um relacionamento que *valeria a pena* como indicado nos relatos abaixo:

(...) eu brinco que eu falo que eu tive que importar porque os homens daqui não dão valor às mulheres, já tem muita mulher e eles não sabem dar valor, e o John não, ele é super companheiro, gosta de fazer as coisas comigo (Amanda).

É um ponto que pra mim é um dos principais. Eu acho o alemão menos galinha e também mais comprometido no namoro, no relacionamento do que o brasileiro (Ana).

A seriedade no que tange ao amor romântico, assim como às manifestações de carinho, foram associadas ao fato de o parceiro ser estrangeiro:

Comecei a perceber que era diferente dos caras do Brasil. Ele me levava a sério, me mandava mensagens todos os dias, na verdade, toda hora, queria me apresentar a família dele (Helena).

Eles (os estrangeiros) são mais carinhosos, eles são mais atenciosos, mais companheiros assim, já... tipo, eles não tem essa

necessidade louca, que eu sempre achei que intrínseco do bicho homem (ao afirmar:) “ hoje eu tenho que sair só com os meus amigos de encher a cara e você não pode estar junto”. Tipo assim, não é assim com a gente: a gente se diverte junto (...). Não há essa necessidade que o homem (brasileiro) tem em se divertir e você não possa ver o que eles estejam fazendo; como se fosse fazer algo errado e tivesse que esconder, ele (o namorado) não tem essa necessidade (Amanda).

De maneira geral, o companheirismo, a gentileza e a atenção foram enfatizados pelas entrevistadas para caracterizar o parceiro estrangeiro. Observa-se assim a valorização do par de outra nacionalidade seguida, em alguns momentos, de críticas ao homem brasileiro, o que pode sugerir idealização do parceiro de outro país. A idealização diz respeito à percepção em relação ao outro, que não o representa de fato (Fletcher et al., 2008). Contudo, as percepções sobre o parceiro e a inter-relação amorosa podem estar distorcidas, considerando que o sujeito, quando do início de um envolvimento afetivo-sexual, centra a atenção nos aspectos positivos do companheiro e ainda na reinterpretação das informações indesejáveis de uma forma mais positiva ou favorável (Knee & Bush, 2008; Felmler & Sprecher 2000).

Melo (2000) entrevistou mulheres cariocas da zona norte que buscavam conhecer homem estrangeiro para relacionamento de longo prazo, isto é, visando “viver um conto de fadas”. Contudo, a autora observou que, além das expectativas das mulheres entrevistadas concernente a esse tipo de envolvimento pautarem-se na perspectiva romântica, não sendo possível descartar a ideia do

envolvimento que permitiria a essas brasileiras a crença na valorização e ascensão social. As entrevistadas de Melo (2000) re-interpretavam qualquer aspecto negativo do relacionamento, por exemplo, preconceito, como estratégia de manutenção do “conto de fadas” vivido por elas.

3.5 Diferenças Culturais e Racionalidade

Para algumas participantes, a racionalidade na forma de pensar e se relacionar foi atribuída ao pertencimento cultural. Alana, por exemplo, relatou que o modo lógico-pragmático do namorado alemão, em contraste à sua forma brasileira, emotiva e subjetiva de pensar, significou desenvolvimento e expansão pessoal e cultural a partir da relação.

Eles (os alemães) exigem muito mais de você. Você não pode só dar sua opinião: “ah eu acho isso”. (...) De que “fonte” você bebeu para poder afirmar isso com tanta propriedade, eles exigem muito (...) Por exemplo, uma conversa está indo para um lado e ele sempre mantém a linha de raciocínio; se você foge um pouco aí ele fala “mas espera aí, a gente estava falando de outra coisa”. Então o raciocínio deles é muito objetivo, muito no ponto, sabe, bem racional (Alana).

Neste caso, as diferenças culturais favoreceriam o crescimento pessoal e mudanças de visão de mundo, promovidas a partir do relacionamento com um parceiro de origem nacional e cultural distinta. A complementaridade, seja entre as diferenças culturais, seja de personalidade entre os membros do casal, foi percebida positivamente. Assim, o modelo teórico de Expansão do *Self* (Aron &

Aron, 1996) sustenta que o sujeito busca parceiro que facilite a expansão do autoconceito. Esse fator de atração pauta-se na complementaridade entre os parceiros, em que as diferenças são valorizadas e exercem atração entre os mesmos.

3.6 Diferenças Culturais e Dificuldades no Relacionamento

No caso de Alana, a pertença cultural assumiu sentido negativo no decorrer do relacionamento. Essa participante, que residia na Alemanha e tinha oportunidade de convivência com o namorado, mencionou o individualismo de seu par como uma diferença cultural que a incomodou ao longo da relação, o que demandou adaptação por parte dela. Alana ressaltou que tal diferença foi percebida positivamente por ela a princípio, pois havia rompido com o namorado brasileiro, que era controlador. Segue o depoimento da entrevistada ao relatar sobre a mudança do namorado para uma cidade vizinha no início do namoro:

(...) aí assim como estava no início do namoro eu não pedi muito dele (...) “Ah tem que me ligar...”; **então como estava em um relacionamento fresco assim, eu já não exigia muito dele** e ele, como ele é alemão, os alemães são assim: “ah hoje eu te ligo, ah quem sabe daqui dois dias eu vou te ligar”, sabe **eles não são assim controladores** eu falo para ele vou sair com minhas amigas” aí ele “tá bom!” ele não quer saber com quem, se homem ou mulher, quantas pessoas, eu achei maravilhoso, **tem uma liberdade maravilhosa, eu adorei** porque eu estava na época que eu não

queria ter uma pessoa me controlando porque eu sai de um relacionamento, porque ele era supercontrolador então veio a calhar... (Alana).

O discurso a seguir dessa mesma entrevistada reflete a mudança na percepção a respeito do *individualismo* do namorado a partir de maior tempo de namoro.

Também tem aquela coisa do alemão que é um povo muito individualista, e se ele (o homem alemão) tem uma namorada isso não significa que ele não vá poder fazer coisas com outras pessoas e ele (o homem alemão) não tem nenhuma obrigação de dar satisfação, então tem essa individualidade, essa independência é muito grande, e isso eu fui começando a me acostumar. Eles (...) veem muito “o meu sonho em primeiro lugar”, depois o sonho do outro, sabe se o meu sonho é ficar com você, tudo bem a gente pode se adaptar. Aí, em uma bela noite, ele falou assim para mim “faça seu planejamento e não conte comigo”, falou assim para mim num sábado à noite (Alana).

Ela relata ainda que o relacionamento não era marcado por romantismo:

O relacionamento foi ficando um pouco frio e bem alemão assim, sabe aquela coisa de não falar muito, de não ter muitas palavras românticas, muito e-mail, torpedos românticos tal. Um belo dia eu falei com ele: ‘para mim está estranho demais, fico me perguntando se você é meu namorado ou meu amigo; você vem para cá, a gente

quase não tem trocas românticas, a diferença de amizade e namoro é isso é o “nhem, nhem” do relacionamento (Alana).

Alana ainda mantinha o namoro durante a entrevista, e assim seu relato sugere mudanças na relação, o que implicou em mudanças nas expectativas sobre o namoro e o namorado. Possivelmente, o tempo de relacionamento, nesse caso, tenha transformado sua percepção sobre parceiro, passando a atribuir as *faltas* ou *defeitos* dele à cultura, e não a ele. Assim, pode-se supor que a “camuflagem cultural” atue neste caso – a dimensão cultural e o traço de personalidade do cônjuge se confundem –, de forma que não é possível perceber se a característica trata-se de um traço cultural ou pessoal (McGoldrick, Preto, Hines & Lee, 1991). A entrevistada atribui a falta de romantismo e o individualismo do namorado à cultura. No entanto, poderia fazer parte de qualquer relacionamento, independente da nacionalidade dos pares. Assim, o risco é que tanto características percebidas como positivas ou negativas podem ser vinculadas à cultura, servindo como forma de desculpar o parceiro (Perel, 2000). Molina, Estrada e Burnett (2004) discutem como a “camuflagem cultural” e os estereótipos provindos de diferenças culturais são passíveis de influenciar a dinâmica do casal intercultural. Assim, o sujeito pode utilizar valores culturais, de forma seletiva, para justificar determinadas atitudes e comportamentos do parceiro.

Considerações Finais

Os objetivos deste estudo foram descrever e analisar a fase inicial do relacionamento de namoro entre mulheres brasileiras e parceiro de outra

nacionalidade, especificamente o papel percebido das diferenças culturais no início do relacionamento. Observou-se uma valorização do parceiro estrangeiro comparado ao brasileiro em relação à cultura e companheirismo. A interculturalidade foi percebida positivamente na etapa inicial do namoro, possibilitando o enriquecimento de experiências e trocas interculturais na relação. Contudo, a diversidade pode ser vista desfavoravelmente ao longo da relação, gerando conflitos e dificuldades no envolvimento.

A origem cultural foi valorizada pelas entrevistadas como papel importante na decisão pelo namoro com parceiro de outra nacionalidade, possivelmente pela idealização dos sujeitos com base na identidade nacional. Dentre os fatores de atração e expectativas citadas pelas entrevistadas referentes a esse tipo de relacionamento estão o desejo de estabelecer uma relação duradoura, o compromisso, o companheirismo e a reciprocidade.

As diferenças percebidas na interação do par romântico oriundo de outra nacionalidade são enfatizadas pelas entrevistadas, traduzidas em valorização e encantamento; comparações com homens brasileiros recaem na insatisfação, vindas de experiências negativas de relacionamentos afetivo-sexuais anteriores com seus compatriotas. Ainda que esta pesquisa não se referisse a comparações entre homens brasileiros e estrangeiros, é frequente a menção a algumas diferenças na perspectiva das participantes.

Referências

- Afifi, W.A.; Lucas, A.A. (2008) Information Seeking in the Initial Stages of Relational Development. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship initiation*, (pp. 269-296). New York: Psychology Press.
- Altafim, E.R.P.; Luandos, J. M. & Caramaschi, S. (2009). Seleção de parceiros: Diferenças entre gêneros em diferentes contextos. *Psicologia Argumento*, 27, 117-129. Retirado de <http://132.248.9.34/hevila/Psicologiaargumento/2009/vol27/no57/2.pdf>
- Aron, E.N. & Aron, A. (1996). Love and expansion of the self: The state of the model. *Personal Relationships*, 3(1), 45-58. *Personal Relationships*, 3 (1996), 45-58. Printed in the United States of America.
- Aron, A.; Fisher, H.; Strong, G.; Acevedo, B.; Riela, S. & Tsapelas, I. (2008). Falling in love. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship initiation*. (pp. 269–296). New York: Psychology Press.
- Buffington, C.; Hemphill, G.; Knox, D.E. & Zusman, M.E. (2000). Interracial dating attitudes among college students. *College Student Journal*, 34, 69-71.
- Buss, D.M. (1989). Sex differences in human mate preferences: Evolutionary hypotheses tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, (12), 1-49. Retirado de <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=6734712&fileId=S0140525X00023992>
- Buston, P.M. & Emlen, S.T (2003). Cognitive processes underlying human mate choice: The relationship between self- perception and mate preference in

Western society. *Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States*, 100(15), 8805-8806. Retirado de <http://www.pnas.org/content/100/15/8805.short>

Bredow, C.A.; Cate, R.M.; Huston, T.L.; Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (2008). Já nos conhecemos antes? (2008). A Conceptual Model of First Romantic Encounters. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship beginnings*. (pp.269–296).New York: Guilford Press. Personal Relationships.

Bystydzienski, J.M. (2011). *Intercultural Couples: Crossing Boundaries, Negotiating Difference*. New York: New York University Press.

Cunningham & Barbee. (2008) Speed Dating. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.), *Handbook of relationship initiation*, (pp. 269–296). New York: Psychology Press.

Eastwick, P.W. & Finkel, E. . (2008) Speed-dating: A powerful and flexible paradigm for studying relationship initiation. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship initiation*,(pp. 217-234). New York: Psychology Press.

Falicov, C.J. (1995). Cross-Cultural Marriages. In: Jacobson, N.S. & Gurman, A.S. (Eds.). *Clinical handbook of couple therapy* (pp. 231-246). New York: Guilford Press.

Felmlee, D. & Sprecher, S. (2000). Close relationships and social psychology: Intersections and future paths. *Social Psychology Quarterly*. N 63, 365-376. Retirado de

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/2695846?uid=2&uid=4&sid=21104181905777>

Fletcher, G.O.; Tran, S.; Simpson, J. A. (2008) The Role of Ideal Standards in Relationship Initiation Processes (487-498). In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). Handbook of relationship initiation (pp.217-234). New York: Psychology Press.

Gallo, S. (2006). Sentimentos da mulher frente ao relacionamento amoroso (Doctoral dissertation). Retirado de Bvs-PSI.

Gianfaldoni, M.H.T.A.; Teixeira, R.R.P.; Comolatti, C.; Pareto, C.; Careli, G.; Figueiredo, G. & Lopez, L. (2010). Critérios de seleção para parceiros de curto e de longo prazo de universitárias paulistas. *Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde*. ISSN 1413-4063, 18(1). Retirado de <http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/2964>

Goldenberg, M. (2011). Afinal, o que quer a mulher brasileira? *Psicologia Clínica*, 23(1), 47-64. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/pc/v23n1/a04v23n1.pdf>

Gomes, A.I.A.S.B.; Gouveia, V.V.; Silva Júnior, N.A.; Coutinho, M.L. & Santos, L.C.O. (2013). Escolha do(a) Parceiro(a) Ideal por Heterossexuais: São seus Valores e Traços de Personalidade uma Explicação?. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26 (1), 29-37. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v26n1/04.pdf>

Gouveia, V.V.; Fonseca, P.N.D.; Gouveia, R.S.; Diniz, P.K.C., Cavalcanti, M.D.F.B. & Medeiros, E.D.D. (2010). Correlatos valorativos de atributos

- desejáveis de um(a) parceiro(a) ideal. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(1), 166-175. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/prc/v23n1/a20v23n1.pdf>
- Graziano (Quais são as iniciais deste nome?) & Bruce, J.W. (2008). Attraction and the Initiation of Relationships: A Review of the Empirical Literature. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.), *Handbook of relationship initiation*, (pp. 269–296). New York: Psychology Press.
- Harris, T.M. & Kalbfleisch, P.J. (2000). Interracial dating: The implications of race for initiating a romantic relationship. *Howard Journal of Communication*, 11, 49–64.
- Hendrick & Hendrick (2008) Satisfaction, Love, and Respect in the Initiation of Romantic Relationships In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship initiation*, (pp. 269-296). New York: Psychology Press.
- Hinde, R.A. (1979). *Towards understanding relationships*. London: Academic Press.
- Hinde, R.A. (1987). Individuals, relationships and culture: Links between ethology and the social sciences. *Cambridge: Cambridge University Press*, 7(1) 1-21.
DOI: 10.1016/0273-2297
- Hinde, R.A. (1997) *Relacionamentos: uma perspectiva dialética*. Hove: Psychology Press.
- Perlman, D. (2008). Ending the Beginning of Relationships. In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.). *Handbook of relationship initiation*. (pp. 517-539), Taylor & Francis.

- Jovchelovitch, S.; Bauer, M.W. Entrevista narrativa. In: Gaskell, G. & Bauer, M.W. (Eds). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes.
- Kalmijn, M. (1993). Trends in black/white intermarriage. *Social Forces*, 72, 119–146. Retirado de <http://sf.oxfordjournals.org/content/72/1/119.short>
- Knee, R.C. & Bush, A.L. (2008) Relationship Beliefs and Their Role in Romantic Relationship Initiation (471-486) In: Sprecher, S.; Wenzel, A. & Harvey, J. (Eds.), *Handbook of relationship initiation*, (pp.217-234). New York: Psychology Press.
- Knox, D.E.; Zusman, M.E.; Buffington, C. & Hemphill, G. (2000). Interracial dating attitudes among college students. *College Student Journal*, 34, 69-71. Retirado de <http://pjackson.asp.radford.edu/201Knoxetal2000InterracialAttitudes.htm>
- Laurenceau, J.P.; Lewis-Smith, J. & Troy, A.B. (2006) Interracial and intraracial romantic relationships: The search for differences in satisfaction, conflict, and attachment style. *Journal of Social and Personal Relationships*. Vol. 23(1): 65–80. DOI: 10.1177/0265407506060178
- Levchenko, P. & Solheim, C. (2013). International Marriages Between Eastern European-Born Women and US-Born Men. *Family Relations*, 62(1), 30-41. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1741-3729.2012.00746.x/abstract;jsessionid=7C4DDAA599F259AE4D264E00D98BD21D.f03t02?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false>

- Levin, S.; Pamela, L.T. & Caudle, E. (2007). Interethnic and interracial dating in college: A longitudinal study. *Journal of Social and Personal Relationships*, 24, 323-341. Retirado de <http://dx.doi.org/10.1177/0265407507077225>
- Lind, W. (2012). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos* (Vol. 38). ACIDI, IP. Retirado de http://books.google.com.br/books?hl=ptBR&lr=&id=08nSAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA17&dq=O+relacionamento+rom%C3%A2ntico+intercultural+referes+e+%C3%A0+rela%C3%A7%C3%A3o+entre+duas+pessoas+de+culturas+diferentes,+que+podem+incluir+origem+nacional,+ra%C3%A7a+e/ou+religi%C3%A3o+diferente++Killian&ots=uMhhWh4TJ0&sig=x55fccxZJb9P8_YsbCUuSVcntWk#v=onepage&q&f=false
- Lima, M.A.P. & Togni, P.C. (2012). *Migrando por um ideal de amor: família conjugal, reprodução, trabalho e gênero*. Ipotesi, Juiz de Fora, 16(1), 135-144. Retirado de http://www.academia.edu/download/30649413/13-Migrando-por-um-ideal-de-amor-Ipotesi_16.1.pdf.
- Melo, R.R. (2000). Vivendo um conto de Fadas. In: Goldenberg, M. (2000). *Os novos desejos: das academias de musculação às agências de encontros*. Rio de Janeiro Record, 149-188.
- McGoldrick, M.; Preto, N. G.; Hines, P.M. & Lee, E. (1991). Ethnicity and family therapy In: Gurman, A.S. & Knistern, D. P. (Eds.). *Handbook of family therapy*. (pp. 546-582), New York: Brunner/Menzel.
- Minayo, M.C. (2008). O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. Retirado de <https://repository.unm.edu/handle/1928/4094>

- Molina, B.; Estrada, D. & Burnett, J. A. (2004). Cultural communities: Challenges and opportunities in the creation of “happily ever after” stories of intercultural couplehood. *The family journal*, 12(2), 139-147. Retirado de <http://tfj-sagepub-com.ez43.periodicos.capes.gov.br/content/12/2/139>
- Neves, E.C. (2001). Caminhos para iniciar um relacionamento amoroso e sua relação com estilos de amor, timidez e sociabilidade: um estudo exploratório (Doctoral dissertation). Retirado de Bvs-PSI.
- Piscitelli, A. (2007). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do " turismo sexual" internacional. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 717-744.
- Perel, E. (2002) Uma Visão Turística do Casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais. In: PAPP, P., Casais em Perigo. (pp.193-294). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Remennick, L. (2005). Cross-cultural dating patterns on an Israeli campus: Why are Russian immigrant women more popular than men? *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 435–454. Retirado de <http://spr.sagepub.com/content/22/4/435.short>
- Reiter, M. D.; Krause, J. M. & Stirlen, A. (2005). Intercouple Dating on a College Campus. *College Student Journal*, 39(3), 449. Retirado de <http://eric.ed.gov/?id=EJ725579>
- Rushton, J. P. (1989). Genetic similarity, human altruism, and group selection. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 503–559. Retirado de <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=6732688&fileId=S0140525X00057320>

- Silva, I.M.; Menezes, C.C & Lopes, R (2010). Em Busca da "Cara-Metade": motivações de para uma ESCOLHA fazer cônjuge. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 27 (3), 383-391. Retirado de <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/10.pdf>
- Seshadri, G., & Knudson-Martin, C. (2013). How couples manage interracial and intercultural differences: Implications for clinical practice. *Journal of Marital and Family Therapy*, 39(1), 43-58. Disponível em <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1752-0606.2011.00262.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false>
- Shulman, S.; Mayes, L. C.; Cohen, T. H.; Swain, J. E. & Leckman, J. F. (2008). Romantic attraction and conflict negotiation among late adolescent and early adult romantic couples. *Journal of adolescence*, 31(6), 729-745. DOI: 10.1016
- Thibaut, J. W., & Kelley, H. H. (1959). The social psychology of groups. Retirado de <http://psycnet.apa.org/psycinfo/1960-04214-000>
- Zordan, E. P.; Falcke, D. & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar?: Motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em revista*, 15(2), 56-76. Retirado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S167711682009000200005&script=sci_arttext&lng=es
- Yancey, G. (2002). Who interracial dates? An examination of the characteristics of those who have interracially dated. *Journal of Comparative Family Studies*,

33, 179 -190. Retirado de

<http://www.jstor.org/discover/10.2307/41603809?uid=2&uid=4&sid=211041>

81905777

Estudo 3 – Adaptação ao Casamento entre Mulheres Brasileiras e Homens

Estrangeiros Vivendo no Exterior

Resumo

Esta pesquisa buscou descrever o processo de adaptação ao casamento de mulheres brasileiras de classe média casadas com homens de outra nacionalidade ao residirem no país de origem do cônjuge. Compreende-se adaptação conjugal como a habilidade de cada cônjuge modificar-se e modificar a dinâmica do casamento para torná-lo apropriado ao ambiente sociocultural no qual os pares passarão a conviver. Este trabalho é resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva adotando, em sua organização, algumas propostas de Robert Hinde para o estudo do relacionamento interpessoal. Foram realizadas entrevistas individuais com 12 mulheres casadas com cônjuges de diversas nacionalidades. Os resultados foram organizados a partir da Análise de Conteúdo Temática, com as categorias reunidas em escolha do local de residência, diferenças culturais entre os cônjuges e dificuldades no processo de adaptação ao casamento. O domicílio em outro país pode ter afetado a aceitação e a prática da coabitação, e principalmente a decisão pelo casamento, o que significou em implicações diretas na possibilidade de permanência do casal, em função de leis de migração. De forma geral, os dados sugerem que a mudança de país para a mulher brasileira casada com homem estrangeiro pode ter gerado dificuldades, como a necessidade de aprender o idioma local, mas também dificuldades que afetam seu relacionamento o cônjuge, seja pela ausência de contatos sociais, seja pelas diferentes formas e expectativas percebidas quanto ao casamento intercultural.

Palavras-chave: casamento intercultural; adaptação; contexto migratório.

Abstract

This research aimed to describe the process of adapting to conjugality and marital life in case of middle-class Brazilian women married to men from another nationality in cases they live in the country of origin of the husband. Marital adjustment is defined as the ability of each spouse to change and modify the dynamics of the marital to adjust to the social and cultural environment in which peers live. This study is the result of a qualitative and descriptive research, applying Robert Hinde's theories about interpersonal relationship as a framework to organize and to examine the content of this research. A total of 12 Brazilian women married to spouse from another nationality were interviewed. The results were organized from the qualitative analysis, with categories grouped in decision of country of residence, cultural differences between spouses and difficulties in adapting to the wedding process. The domicile in another country may have affected the acceptance and practice of cohabitation, and especially the decision

by marriage, which meant in direct implications for the possibility of continuation of the partnership, due to migration laws. Overall, the data suggest that the change from country to Brazilian women married to foreign men may have created difficulties such as the need to learn the local language, but also difficulties that affect the relationship, related to the lack of social contacts and different expectations regarding intercultural marriage.

Keywords: intercultural marriage; adaptation; migratory context

Pluralidade e plasticidade marcam as relações afetivo-sexuais na atualidade, possibilitando a coabitação de práticas tradicionais e atuais de relacionamentos no cenário pós-moderno ocidental, especificamente no cenário brasileiro. É nesse cenário, com maior tolerância à experimentação por modos de se relacionar afetivamente, se observa um maior número de relacionamentos afetivo-sexuais entre sujeitos oriundos de culturas nacionais distintas. Somado a essa a pluralidade dos relacionamentos, é possível notar a configuração contemporânea, marcada pela facilitação de contatos por meios de comunicação como internet, promovendo contatos interpessoais, os quais, eventualmente, evoluem para um relacionamento romântico intercultural (Killian, 2009; Bustamante, Nelson, Henriksen & Monakes, 2011; Bystydzienski, 2011).

Dessa forma, o fenômeno do casamento intercultural tem sido considerado uma tendência no contexto de diversidade multicultural atual, com um aumento no número de casais interculturais e famílias multiculturais que desafiam novas pesquisas e formas de intervenção (Killian, 2009; Bystydzienski, 2011; Silva, 2012). Casais interculturais tendem a enfrentar dificuldades específicas devido a uma maior complexidade e diferenças encontradas entre os cônjuges em termos de valores, percepções, padrões de interação e estilos de comunicação (Bustamante et al, 2011; McGoldrick, 2003; Romano, 2008).

Alguns teóricos (McGoldrick & Preto, 1984; McGoldrick & Rohrbaugh, 1987; McGoldrick, Preto, Hines & Lee, 1991), em seus primeiros trabalhos sobre interculturalidade conjugal, revelaram que o índice de insatisfação matrimonial e divórcio é maior em casais interculturais do que entre aqueles da mesma nacionalidade. Estudos recentes (Waldman & Rubalcava, 2005; Bustamante et al, 2011) apontam a complexidade dessas relações, o que não significa necessariamente em maior insatisfação ou maior incidência de divórcios. Desta forma, esses autores destacam alguns fatores de estresse presentes nesses relacionamentos: necessidade de compreender códigos culturais distintos do cônjuge, aceitação e relação com a família de origem preocupação em relação à identidade dos filhos, dentre outros fatores.

Verifica-se, no entanto, que ainda é incipiente a discussão teórica na área da Psicologia a respeito de casais e famílias interculturais no Brasil. Existe um maior número de trabalhos na sociologia e antropologia, com ênfase para casamento no contexto do turismo sexual, como é o caso de trabalhos como os de Piscitelli (2002; 2004a e b; 2007a e b).

Em estudo desenvolvido por Schuler e Dias (2013), com o objetivo de identificar as repercussões do casamento entre mulheres brasileiras e homens suíços, constam entrevistas com essas esposas residentes na Suíça. Os resultados revelaram que a avaliação que elas fizeram do casamento foi pessimista, ao se referirem à possibilidade de um matrimônio feliz e bem sucedido financeiramente, além da falta de condições dessas mulheres para competir em um mercado de trabalho exigente, a aquisição de um idioma difícil (alemão) e as diferenças culturais, como religiosidade e criação de filhos. Contudo, as

entrevistadas apresentaram algumas vantagens, como uma nova visão de mundo e o aprendizado de outra língua.

É importante estudar a adaptação conjugal dos casais no caso em que a mulher é imigrante, considerando que pode ter um importante papel para a aculturação e adaptação da mulher ao novo contexto de residência. No âmbito migratório, ocorre adaptação não apenas no plano individual como também mudanças na dinâmica do casamento (Atacana & Berry, 2002). A configuração conjugal, da mesma forma, precisa adaptar-se ao novo contexto intencional, o que implica na acomodação entre os cônjuges num cenário em que vínculos e redes sociais são perdidos por parte das mulheres participantes deste estudo.

Diversos autores (Bystydziensk, 2011; Togni & Raposo, 2009; Lind, 2012) assinalam a complexidade da terminologia para denominar casais e famílias de origens nacionais distintas. Optou-se, neste trabalho, pela denominação intercultural por ser o termo mais adequado para o estudo realizado: cônjuges com experiências culturais distintas. Propõe-se, assim, contribuir para melhor compreensão sobre o casamento intercultural, especificamente, para a discussão sobre a dinâmica interacional em que os casais buscam se adaptar e construir relacionamentos conjugais satisfatórios. A discussão apresentada neste estudo também é relevante na medida em que pode ser um recurso teórico para terapia de casal.

Relacionamento Interpessoal na Perspectiva de Robert Hinde

A proposta de sistematização dos princípios do relacionamento interpessoal desenvolvida por Robert Hinde (1997) permite analisar aspectos

diversos das relações humanas. Hinde (1997) propõe que diferentes níveis de complexidade são relevantes para o relacionamento interpessoal, sublinhando a dialética existente entre todos os aspectos envolvidos. Entre os níveis de complexidade propostos estão interações, relacionamentos, grupos e sociedade em relação dialética entre si e com a estrutura sociocultural, além do ambiente físico (Hinde, 1997).

A constituição e a dinâmica relacional envolvem expectativas e posicionamentos quanto a normas culturais, sociais e organizacionais, autoconceito, autoestima, valores religiosos, comunicação, entre outros. Do ponto de vista comportamental, os relacionamentos implicam em interações, nas quais determinados comportamentos foram apresentados (o que fizeram juntos), com a qualidade do comportamento (de que forma foi feito) e com a padronização (frequência absoluta e relativa). Ainda são importantes os componentes afetivos/cognitivos das interações (Hinde, 1997).

Diante dessa dinâmica e características das relações, é possível identificar os padrões das interações, a diversidade e as atividades sociais compartilhadas (Hinde, 1997). Sendo assim, compreender também as relações entre casais é importante. A principal contribuição de Hinde foi a sistematização e a compilação de estudos na área a respeito das relações interpessoais.

Casamento Intercultural e Adaptação Conjugal

Pode-se identificar diferentes termos na literatura internacional para tratar de casais de origens distintas. Dentre os inúmeros termos utilizados pela literatura

anglo-saxônica, por exemplo, podem ser destacados: transcultural – atravessamento de outras culturas; multicultural – múltiplas culturas dos seus membros; interétnico – casamento entre membros de etnias distintas; inter-racial – casamento entre membros de raças distintas.

O conceito de relacionamento interétnico ou inter-racial não corresponde à realidade do contexto brasileiro. Martes (2003), no seu trabalho “Raça e etnicidade – opções e constrangimentos”, ressalta que brasileiros não definem a si mesmos por raça ou etnia. Estes conceitos são tipicamente utilizados nos Estados Unidos para definir a origem e a estratificação social do sujeito. No Brasil, não há uma nomenclatura específica para tratar dos relacionamentos conjugais entre brasileiros e parceiros de origens nacionais distintas. Neste trabalho, adota-se a denominação relacionamento romântico intercultural por se compreender ser o termo mais adequado para o estudo proposto, já que se busca compreender casais formados por indivíduos com experiências culturais distintas.

A compreensão do que se entende por cultura é essencial para o estudo de relacionamentos interculturais. Nesse sentido, refere-se à cultura como um sistema de significados apreendidos de crenças, valores, símbolos, costumes e comportamentos, que membros de um grupo utilizam para atribuir sentido ao mundo, bem como promover um senso de identidade compartilhada (Hall, 2000; Sandoval, 1995). A cultura não é uma dimensão estática, pronta e acabada, mas ao contrário está em processo contínuo de mudança. Assim, o intercultural refere-se à interação entre pessoas com sistemas de significados distintos, devido a origens nacionais diferentes a que pertencem.

Perel (2000) propõe que a compreensão do casal intercultural pauta-se na distinção entre culturas de “alto-contexto” e culturas de “baixo-contexto”, a partir do enquadramento realizado por Hall (1981). Para este autor, as culturas de alto contexto valorizam relacionamentos próximos e interdependentes; contrastadas às culturas de baixo contexto, que valorizam independência, individualidade e expressão assertiva. Em trabalho sobre mulheres brasileiras casadas com suíços, Rittiner (2011) assinala que o elevado número de casamentos interculturais entre homens suíços e mulheres brasileiras na última década relaciona-se não apenas com a intensificação do contato entre as diversas culturas, mas também com o interesse de certos homens suíços na constituição de família em molde mais tradicional: “[...] onde haja ainda as qualidades atribuídas aos países de Alto Contexto como: a admirável coesão familiar, a harmonia, a ênfase dada à qualidade de vida e onde, os papéis dos homens e mulheres não estejam em constante competição” (Rittiner, p. 42) Desta forma, essas diferenças de sentir e reagir das entrevistadas de Rittiner (2011) sobre como perceber a vida entre os países do Norte e os do Sul devem-se ao fato de as sociedades suíças e brasileiras estarem inseridas nas sociedades de baixo contexto e alto contexto respectivamente.

As diferenças culturais percebidas no início da relação como fator de atração, assim como os estereótipos, podem afetar a dinâmica do casamento ao longo do desenvolvimento do relacionamento (Perel, 2002), significando desafio para o casal conciliar as diferenças culturais e adaptação ao casamento. As condições culturais do local de moradia para um dos cônjuges, no caso a mulher,

podem ampliar as dificuldades do casal, considerando que existe ainda a demanda adaptativa da esposa ao novo lugar de residência.

Alguns teóricos (Atacana & Berry, 2002) lançam luz a respeito do processo adaptativo por parte de quem se insere numa cultura majoritária, apontando que o casamento intercultural, no contexto de residência estrangeira, não significa necessariamente aculturação à sociedade de acolhimento, ao contrário pode significar pluralismo e tolerância social a partir da integração de práticas sociais dos envolvidos.

Berry (2004), expoente na área da interculturalidade, distingue quatro modos de adaptação cultural (aculturação): integrativa, em que se coadunam valores da cultura do imigrante e a cultura do grupo majoritário; separação, em que ocorre a manutenção dos valores étnicos originais do imigrante, mas sem relações positivas com o grupo majoritário; assimilação, que mantém relações positivas com o grupo majoritário, mas sem manter a identidade étnica própria. A adaptação cultural se dá em um nível coletivo e outra em um nível psicológico individual. Esta última ocorre quando comportamento, identidade, valores e atitudes de um indivíduo são influenciados pelo contato com uma cultura diversa. A integração cultural é apontada por ele como a forma ideal no processo de adaptação do imigrante ao local de residência. A aculturação não acontece apenas no grupo imigrante, mas também acontece na comunidade receptora (Berry, 2004).

A discussão sobre adaptação cultural apresenta categorias distintas de adaptação como unidirecional, bidirecional ou multidirecional. No caso unidirecional, o indivíduo acomoda-se e assimila a cultura do outro. Na

bidirecional, ocorrem influências mútuas entre culturas distintas. Já na adaptação multidirecional existem influências de diversas culturas, formando agrupamentos relacionais múltiplos.

Atacana e Berry (2002) investigaram a aculturação e adaptação de casais de imigrantes turcos no Canadá. Ainda que não abordem especificamente casais interculturais, referem-se à adaptação conjugal no novo contexto de residência. Os resultados obtidos apontaram que a adaptação psicológica dos casais coincide com as estratégias adaptativas desenvolvidas pelo indivíduo frente às dificuldades, como atitudes de superação e busca de apoio social. Em relação à adaptação sociocultural, os resultados apontaram para a proficiência na língua e interação social de proximidade com a cultura majoritária local. Já a adaptação conjugal foi associada às dificuldades conjugais e ao apoio do cônjuge diante das dificuldades vividas no novo local de residência.

Os autores identificaram diferenças de gênero e nível socioeconômico no processo de adaptação conjugal entre os membros do casal. Verificou-se que as mulheres tiveram mais dificuldades na aculturação social, o que levou a problemas conjugais, principalmente no casais de baixo nível socioeconômico, em que as mulheres não desenvolviam atividades profissionais ou sociais no novo contexto de moradia.

No que se refere ao processo de adaptação ao casamento intercultural, Romano (2008) apontou que a maioria dos casais experimenta três etapas de ajustamento: a etapa inicial, como namoro e decisão do casamento, denominada pela autora como “lua de mel”, quando as diferenças são percebidas positivamente; a etapa seguinte, que é a da adaptação, em que algumas das

diferenças podem causar conflitos; e por último a etapa de acomodação a um padrão de vida, quando as diferenças são resolvidas e aceitas, ou quando o padrão de negociação é definido, ou ainda quando os conflitos tornam-se frequentes.

O casamento, seja entre cônjuges da mesma cultura, seja entre culturas distintas, requer mudanças e adaptações, sendo a primeira fase da conjugalidade marcada por diferenças acentuadas no espaço individual, demandando uma boa convivência a fim de conciliar conjugalidade e individualidade (Feres-Carneiro, 1998). Esta autora define conjugalidade como dimensão psicológica compartilhada pelo casal, com dinâmica e funcionamento específico, ou seja, marcada por uma identidade conjugal.

Segundo McGoldrick e Carter (2011) a etapa inicial do casamento caracteriza-se pelo desenvolvimento de um terceiro subsistema, distinto do sistema individual de cada sujeito envolvido no relacionamento, e apresenta como princípio-chave o comprometimento com um novo sistema (conjugalidade). Nessa etapa existe a necessidade de afirmar a identidade do casal e realinhar os relacionamentos com as famílias de origem e com os amigos.

Para Minuchi e Fischman (1990), esse momento inicial exige que os cônjuges busquem conciliar valores diferentes, perdendo na individualidade, mas ganhando no senso de pertencimento na díade. Assim, o estabelecimento da identidade de casal como um sistema supõe um longo processo de adaptação e de acomodação. Mincuchin (1990) assinala que a complementaridade e a acomodação mútua são fatores necessários para a implementação da conjugalidade sem, no entanto, resvalar para a fusão. Cada casal, ao longo da

trajetória do casamento, estabelece regras para o funcionamento da relação, criando um modelo próprio de ser casal, que vai se transformando ao longo do tempo. Os participantes do relacionamento têm como desafio o estabelecimento de regras explícitas e implícitas, sendo essas últimas denominadas por Walsch (2002) de contrato metafórico (McGoldrick, 2001; Walsch, 2002). A satisfação conjugal e a manutenção do relacionamento estão diretamente interligadas definição das regras.

Este trabalho tem como objetivo geral descrever o processo de adaptação ao casamento de mulheres brasileiras de classe média casadas com homens de outra nacionalidade no início do casamento ao residirem no país de origem do cônjuge. Como adaptação conjugal entende-se a habilidade de cada cônjuge de modificar seu comportamento para torná-lo apropriado ao ambiente social e conjugal no qual se encontra. Os seguintes objetivos específicos foram propostos: a) descrever o processo de opção pela coabitação e pelo casamento; b) identificar os motivos da escolha do local de residência; c) descrever como as diferenças culturais são percebidas no processo de adaptação ao casamento; d) identificar possíveis dificuldades no processo de adaptação conjugal.

Metodologia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa de natureza qualitativa e descritiva, adotando, em sua organização, algumas propostas de Hinde (1997) para o estudo do relacionamento interpessoal. A proposta qualitativo-descritiva não é um fim em si mesma, tratando de uma etapa inicial do desenvolvimento

teórico de uma temática. Segundo Hinde (1997), a metodologia descritiva dos fenômenos deve ser guiada por seus objetivos de longo prazo para a análise e compreensão da dinâmica dos relacionamentos interpessoais. O caráter descritivo implica detalhes relativos ao foco de investigação. Assim, a pesquisa qualitativo- descritiva trabalha com a perspectiva de que nada é trivial, todos os elementos podem ser pistas que permitem compreender melhor o objeto de estudo.

Hinde (1997), ao propor a construção de um corpo de conhecimentos que abordasse a complexidade das relações interpessoais, apontou a descrição e a classificação como sendo um dos primeiros procedimentos para o estudo científico do relacionamento interpessoal. Segundo o autor, descrever relações requer especificações não apenas do conteúdo e da qualidade das interações que a constituem, mas também de como elas se padronizam no decorrer do tempo

Participantes

Participaram deste estudo doze mulheres brasileiras pertencentes à classe média e com escolaridade média e superior e casadas com homem de origem nacional distinta. Alguns critérios foram estabelecidos na seleção da informante ideal como: a) estar em relação conjugal estável com o companheiro de outra nacionalidade (estrangeiro) que tenha sido socializado no seu país de origem e que a língua materna não fosse a língua portuguesa; b) estar em relação conjugal estável há no mínimo doze meses, tempo para que o casal tivesse experiências de convivência conjugal; definiu-se, ainda, como tempo máximo de casamento

dez anos, considerando que o objetivo deste trabalho é retratar a fase de adaptação ao casamento; c) residir ou ter residido em país estrangeiro na condição de imigrante para a mulher brasileira também por no mínimo doze meses, período que seria suficiente para que a informante tivesse tido experiências variadas na cultura do companheiro; d) possuir no mínimo nível médio de escolaridade, critério que diminuiria a probabilidade de “casamentos por conveniência” na contexto brasileiro.

Coleta de Dados e Instrumentos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo. A partir disso, os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas contendo questões referentes à opção pelo casamento, processo de escolha do local de residência e adaptações ao relacionamento conjugal. As seguintes questões nortearam a entrevista: Como foi a opção pelo casamento? Como foi o processo de escolha do local de residência? Como foi o seu processo de adaptação ao contexto de residência? Como foi o processo de adaptação ao casamento? Como as tarefas de casa são realizadas? Qual é o idioma de comunicação do casal? Como é a comunicação do casal? Você percebeu diferenças culturais no início do relacionamento? Quais são os planos do casal? O contato com as entrevistadas ocorreu a partir de indicações de pessoas da rede de relacionamentos da pesquisadora. A partir da apresentação dos objetivos da pesquisa, em seguida, no caso de concordância em participar, as entrevistadas assinavam o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido para participação na pesquisa. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo.

Devido às dificuldades específicas para realizar entrevistas presencialmente, estas foram realizadas por meio de recurso eletrônico (Skype). A duração de cada entrevista foi de aproximadamente uma hora e trinta minutos. O nome das participantes é fictício para garantir confidencialidade e proteção da privacidade. As entrevistas foram gravadas após a concordância das entrevistadas. No início da entrevista, a câmera estava ligada para a apresentação entre pesquisadora e entrevistada, e a partir do início da entrevista apenas o áudio foi utilizado, a fim de evitar inibição da entrevistada sobre exposição de imagem.

Organização e Análise dos Resultados

As entrevistas foram transcritas na íntegra e posteriormente os dados foram organizados em categorias temáticas visando à análise de conteúdo (Jovchelovitch & Bauer, 2008), definido *a posteriori*, isto é, a partir da emergência das falas das entrevistadas. A análise do material coletado buscou articular a especificidade de cada experiência narrada com as trajetórias coletivas identificadas. O conteúdo transcrito foi codificado e agrupado em temas a partir das semelhanças. Os resultados obtidos foram reunidos em quatro grandes grupos temáticos: a) coabitação e oficialização do casamento; b) escolha do local de residência c) diferenças culturais entre os cônjuges; d) dificuldades no processo de adaptação ao casamento.

O contexto interacional de residência do casal e a origem cultural distinta do casal foram levados em consideração para analisar a adaptação e a dinâmica do relacionamento conjugal. De acordo com Hinde (1997), a estrutura social refere-se ao contexto social em que as relações se desenvolvem, considerando que as relações são, em parte, culturalmente determinadas, afetadas e limitadas por outras relações. Esse mesmo autor considera níveis de complexidade social, que aqui serão objetos de estudo, ou seja, interações e relações que compõem os dois primeiros níveis do comportamento social. Desse modo, as propostas de Hinde (1997) referentes à descrição e classificação foram consideradas na forma de apresentar e analisar os temas.

Resultados e Discussão

Caracterização das Entrevistadas

Como mostra a Tabela 1, as participantes têm entre 27 e 46 anos, pertencem à classe média, oriundas de diversos Estados (São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Mato Grosso e Espírito Santo). O tempo de casamento no exterior variou bastante, sendo o menor tempo de 12 meses e o maior de 10 anos. Todas as entrevistadas são atualmente casadas no civil, sendo que algumas também consumaram o casamento religioso no Brasil e no exterior.

Em relação à escolaridade, cinco entrevistadas possuem pós-graduação *stricto sensu*, quatro possuem nível superior completo, três possuem superior incompleto. Vale lembrar que essas estão concluindo o nível superior no local

onde residem atualmente, e duas estão na etapa de conclusão do mestrado e doutorado e todas as três estão concluindo o nível superior no local onde residem atualmente. As atividades profissionais variaram muito: a maior parte desempenha atividade profissional qualificada. Para a maioria foi o primeiro casamento, sendo apenas Valentina casada anteriormente. Nenhuma delas tinha filhos na época do casamento, e hoje, apenas Lana, Heloisa, Julia e Alice são mães.

As participantes conheceram os cônjuges no Brasil ou no exterior. Oito participantes residiam no exterior quando conheceram os esposos, sendo que haviam emigrado em busca de “novas experiências” e desenvolvimento profissional. Essas mulheres viajaram para o exterior objetivando a atender anseios pessoais, novas experiências e desafios de vida, além da busca por oportunidade de trabalho, que se somasse à trajetória profissional. Dentre as entrevistadas que conheceram o marido no exterior, apenas Julia conheceu o cônjuge durante uma viagem turística. As demais participantes (Tatiana, Silvia, Heloisa e Lilian) conheceram os esposos no Brasil. Das doze participantes, apenas Diana e Julia não residem mais no exterior.

Tabela 1. Perfil Sociodemográfico das Entrevistadas e Cônjuges

Casais	Tempo de casamento	Idade	Escolaridade	Profissão	Local de residência
Alice Cônjuge Italiano	10 anos	39 38	Sup. Incompleto Médio/Tecnológico	Fotografa Designer	Itália
Beatriz Cônjuge Inglês	5 anos	33 40	Sup. Completo Sup. Completo	Gerente Advogado	Inglaterra
Diana Cônjuge Alemão	5 anos	37 43	Doutorado Doutorado	Professora Professor	Brasil
Kelly Cônjuge Norte-Americano	18 meses	34 38	Sup. Incompleto Médio/Tecnológico	Supervisora de Loja Suporte Técnico	EUA
Julia Cônjuge Chileno	2 anos	35 34	Sup. Completo Médio/Tecnológico	Exportadora Mecânico	Espanha
Lana Cônjuge Italiano	6 anos	33 40	Doutorado Ensino Médio	Professora Corretor de Imóveis	Brasil
Lilian Cônjuge Alemão	3 anos 7 meses	38 45	Doutorado Sup. Completo	Dentista Empresário	Alemanha
Heloisa Cônjuge Austríaco	7 anos	31 45	Sup. Completo/Mestranda Sup. Completo	Pedagoga Político	Áustria
Raquel Cônjuge Neozelandês	2 anos	28 36	Ens. Superior Incompleto Ens. Superior	Estagiária de comunicação Gerente de vendas	Nova Zelândia
Silvia Cônjuge Austríaco	6 anos	46 46	Ens. Superior Médio/Tecnológico	Designer Gráfico Guia turístico	Áustria
Tarsila Cônjuge Austríaco	3 anos	27 37	Mestrado/Doutoranda Ens. Superior	Professora Universitária Professor Universitário	Áustria
Valentina Cônjuge Norte-Americano	2 anos	39 45	Doutorado Ens. Superior	Pesquisadora Auxiliar Cirúrgico	EUA

Coabitação e Oficialização do Casamento

Dois acontecimentos foram relatados como de grande importância para o desenvolvimento do relacionamento: a decisão de morar juntos (coabitação) e a decisão de casar (casamento formal). A coabitação e a oficialização do casamento foram decisões aceleradas em alguns casos (Alice, Heloisa, Silvia e Tatiana), ou seja, ocorreram após curto período de namoro devido a fatores como divisão de moradia e despesas e regulamentação da condição de imigrante para um dos cônjuges.

A coabitação, além de ser um período de convivência para confirmação da decisão pelo casamento, denominado por elas de “*test drive*”, tornou-se uma opção prática para Diana, Lana e Kelly, depois de um breve namoro no que concerne ao compartilhamento de moradia e despesa.

As participantes reforçaram que a coabitação é uma prática comum no país de origem do marido. Diana, Lana e Kelly afirmaram que a decisão pela coabitação contrariava a expectativa de um casamento tradicional formal, considerando os princípios de formação moral em que foram socializadas. Diana, por exemplo, relatou que a opção pelo “*test drive*” ocorreu devido ao contexto de migração para ambos nos Estados Unidos, já que facilitaria em termos de custos. Segundo ela, caso estivessem no Brasil, ela não faria a mesma opção, porque não seria condizente com sua formação moral:

Por causa da minha formação eu não queria (morar junto), mas aí, em termos de custo, em termos de viver um test-drive, a gente

resolveu (morar junto) assim no início foi mais por causa do custo mesmo e depois pela experiência de estar junto (Diana).

Kelly relatou para o parceiro o desejo de oficializar o casamento na época: *“Olha a gente pode morar junto, mas eu quero deixar claro que não quero ficar morando só, quero casar, quero criar uma família, não é !? E depois de um ano, um ano e meio ele me pediu em casamento”* (Kelly).

A oficialização do casamento para Alice, Tarsila, Silvia e Raquel estava relacionada à permanência no país, dada a condição de estrangeira, e por isso foi uma decisão acelerada, como pode ser verificado nos depoimentos:

Eu tinha um visto de estudante, então, (...) eu passava indo na polícia tentando achar um jeito de ficar mais tempo. Por causa da burocracia mesmo e isso foi um dos motivos que ele falou: olha, eu quero casar contigo e tu está com essa necessidade burocrática de ter um visto permanente, a gente tem a mesma idade, então não teria problema da polícia de pensar que a gente fosse (...) um casamento arrumado. Teria sido de qualquer forma (...) foi tão mais rápido, porque digamos que um dos motivos era esse (Alice).

Eles (os austríacos) aqui não são muitos adeptos ao casamento oficial mesmo, *não é!?*[...] Ele falou porque para mim um papel de casado é só questão de um papel, como você é estrangeira na Áustria, então a gente vai precisar do casamento oficial, mas eu preferiria que antes a gente tivesse uma vida a dois sem papel que obrigue questões jurídicas (Tatiana).

No caso de Heloisa, era o parceiro quem precisava de autorização de visto de permanência no Brasil, por isso optou pelo casamento por “razão pragmática” após sete meses de namoro, conforme o relato da entrevistada:

A gente percebeu que se a gente quisesse continuar juntos, a gente ia ter que casar também, foi uma decisão um pouco pragmática, neste sentido assim. A gente casou para ver se iria dar (...). Foi bem rápido, eu acho que foi dentro de um ano essa decisão de casar e mudar para Áustria (Heloisa).

Ainda que a opção pela coabitação e oficialização do casamento fosse acelerada devido a razões pragmáticas, como permanência no país, minimização de custos e a pressão social da família, as participantes não consideram que haviam buscado casamento por conveniência, isto é, no caso em que o casamento ocorre devido a razões socioeconômicas e/ou para regularização do estatuto migratório.

Apenas duas participantes (Lilian e Raquel) relataram ter insistido para que o companheiro oficializasse o casamento. Raquel, por exemplo, já residente no exterior, renovou o visto de estudante durante três anos até “*dar um basta*”, e comunicar ao parceiro que não renovaria o visto de estudante e retornaria para o Brasil, caso eles não se casassem oficialmente. No caso de Lilian, o casamento não estava relacionado à migração, dado que o casal residia no Brasil, mas sim a seu projeto de vida: “*Eu não quero ficar morando junto e ‘desmorando’ junto, não quero ficar fazendo mil testes drives na minha vida*” (Lilian).

Embora o matrimônio contemporâneo esteja mais vinculado à satisfação dos membros do casal do que a razões e expectativas sociais (Zordan, Falcke &

Wagner, 2009), algumas famílias e a própria mulher têm a expectativa da oficialização do casamento. Os relatos das entrevistadas demarcam a perspectiva de consolidação da união, tornando-a mais séria quando oficializada, vinculada à ideia de que vale a pena investir, já que a relação supostamente deve perdurar. A literatura específica sobre casamento (Garcia & Tassara, 2003; Zordan et al, 2009; Feres-Carneiro, 1998) já discutiu amplamente o matrimônio no contexto atual relacionado à dimensão companheirismo e ao amor romântico em contraposição à pressão social.

Contudo, vale lembrar que perdura a ideia, no universo feminino, de que o casamento deve ser sinônimo de compromisso diante da sociedade, até porque tende a existir uma expectativa maior em relação às mulheres para que se casem oficialmente (Zordan et al, 2009). Para as entrevistadas deste estudo, o desejo de um matrimônio formal ainda persiste, mesmo que a perspectiva cultural sobre casamento formal fosse diferente para os homens de outra nacionalidade. A necessidade de uma oficialização matrimonial devido à condição estrangeira acelerou a formalização do casamento, ainda que no país de origem do cônjuge seja comum a coabitação.

Escolha do Local de Residência

A decisão do local/país de residência dos cônjuges foi um momento importante na vida dos casais, especialmente quando dependia de mudança de país para a mulher. Algumas participantes (Alice, Beatriz, Lana, Raquel, Kelly e Valentina) já moravam na nação de origem do cônjuge na condição de imigrante.

Julia e Diana conheceram o marido no exterior; contudo, possuíam estadia transitória, sendo que a primeira estava na condição de turista e a segunda realizava complementação de estudos em pós-graduação.

As demais participantes (Lilian, Heloisa, Tarsila e Silvia) conheceram o companheiro no Brasil e passaram a residir no exterior a partir do casamento, onde o esposo possuía domicílio. Para essas entrevistadas, a decisão de morar no exterior (Europa ou EUA) esteve relacionada à melhor perspectiva de qualidade de vida para o casal, já que o cônjuge possuía trabalho ou uma perspectiva profissional vantajosa e, em alguns casos, casa própria.

As participantes relataram, ainda, o desejo de residir no exterior, o que significa maior engajamento no processo de adaptação ao novo local e ao casamento. No caso de Heloisa, a decisão pela residência no país do marido seria temporária, assinalando que não se adaptou ao lugar, o que, segundo ela, dificultou a adaptação conjugal. O desejo atual de retorno para o Brasil amplia sua insatisfação em relação ao estilo de vida no local de residência e ao casamento.

Em alguns casos, a decisão de mudar para o exterior não faria diferença, pois não afetaria o projeto profissional na condição de autônoma (Silvia) e estudante de pós-graduação (Tatiana). No entanto, para outras (Heloisa e Lilian), havia a expectativa de inserção profissional no novo país de residência, representando um desafio devido a algumas exigências, como fluência do idioma e revalidação de diploma, o que, até o momento da entrevista, não haviam conseguido.

A migração pode romper com referências pessoais, tais como comunicação, sociabilidade, família e alimentação. McGoldrick e Carter (2001)

denominam a migração como processo disruptivo, ou seja, como um evento estressor que requer adaptação por parte do casal; e que em geral pode prolongar o estágio inicial de adaptação do ciclo vital familiar. Assim, o prolongamento da fase de ajustamento, poderá afetar cada membro da família diferentemente. Desta forma, o processo de adaptação migratório de um dos cônjuges requer uma série de acomodações, demandando apoio por parte do outro, etapa esta nada fácil, segundo Heloisa, já que o seu cônjuge não tem sido presente na sua inserção.

As participantes que já residiam no exterior enxergaram o casamento como “coroamento” do seu processo de inclusão na sociedade. Para Alice, Kelly e Raquel, o casamento foi uma forma de auxiliar na acomodação e inserção no contexto migratório. A adaptação conjugal com o parceiro de outra origem nacional foi vivida sem dificuldades, pois já se sentiam integradas no local de residência. A adaptabilidade refere-se à capacidade de o sistema familiar mudar a estrutura de poder, as regras e os papéis de gênero em resposta a uma situação (Olson, Gorall & Walsh, 2003), como, no caso, o contexto migratório para as mulheres entrevistadas.

Diferenças Culturais entre os Cônjuges

A principal diferença cultural percebida no processo de adaptação ao casamento pelas mulheres brasileiras estava relacionada à liberdade ou autonomia dos cônjuges no relacionamento. Ainda comentaram sobre a importância de viver no ambiente social e cultural do esposo para compreender

melhor essas diferenças culturais, e algumas ainda relataram sobre as mudanças que sofreram para se adaptar ao novo ambiente social e cultural.

A liberdade ou autonomia que a mulher possui para atividades sociais de lazer desacompanhada do marido é percebida como diferença acentuada no relacionamento. Algumas entrevistadas enfatizaram como uma vantagem do relacionamento intercultural o fato de o homem brasileiro ser mais “controlador”, ao contrário do companheiro estrangeiro, o qual concede à mulher mais liberdade de “ir e vir”. Os depoimentos abaixo ilustram tal fato:

Eu acho que a principal diferença cultural no casal é a questão da liberdade que se tem, não é? Para eles (os austríacos) um relacionamento não é como no Brasil, a gente ouve assim: nossa, eu já vivi muito então agora eu posso casar, principalmente homem fala, não é? “Já curti muito e agora eu encontrei a mulher da minha vida e posso casar”. Então, para ele o casamento é viver, curtir juntos, não é ?! Não tem que parar de curtir a vida para poder casar. Então assim, essa é uma diferença cultural no seguinte aspecto, a gente curte juntos, mas também a gente pode curtir separado para não haver uma monotonia (...) (Tarsila).

Eu posso ir e vir e sabe (...) eu tenho toda a liberdade. Se eu falar pra ele agora, oh estou indo pra ali, ou estou indo lá para casa da fulana, é aquela coisa assim, você é livre, mas tu tem alguém, não é aquele relacionamento de seu namorado liga e aí que horas tu vai voltar, onde você está, você já chegou? Deus me livre hoje eu não saberia voltar a viver como eu já vivi um dia, Deus me livre. Por

exemplo, meu irmão é poucos anos mais velho do que eu, mora aí no Brasil, é um cara novo, estudado, um cara super articulado mas é um machista. Deus me livre se eu falo para ele que eu vou sair com minha cunhada só nós duas sozinhas para um *happy hour*, vai dar briga. Quando eu estou aí (Brasil) eu causo brigas para tudo que é lado, porque eu não tenho mais essa. (Eu falo): “vamos sair vamos tomar uma cerveja?”(outra mulher responde) “não eu tenho que ligar pra ele, tenho que falar com ele” Tá tu avisa para ele para dizer que tu tá aqui, mas, tipo assim, tu não tem que pedir a permissão dele. Tu é livre ele não é dono da sua vida (Beatriz).

Ele não é do tipo “você não vai sair”, eu saio uma vez por semana pra ver minhas amigas, a gente vai pra dançar, ele não é ciumento. Saio bastante sozinha. (...) As minhas amigas que têm filhos, são casadas, então do tipo elas precisam de ter um dia pra elas saírem e deixarem os filhos em casa pra poder assim... se libertar disso. Os maridos que ficam cuidando das crianças (Raquel).

As relações conjugais atuais são demarcadas pelo individualismo, em que o objetivo do casamento contemporâneo é a satisfação das necessidades de intimidade de cada um dos cônjuges (Feres-Caneiro, 1998). Jablonski e Saldanha (2011), em pesquisa realizada com mulheres brasileiras jovens e adultas, observou que as mulheres revelaram-se mais sensíveis à “perda da individualidade” no casamento do que os homens, indicativo de resquícios de uma sociedade tradicional e patriarcal brasileira.

As características de mais autonomia e liberdade feminina mencionadas pelas participantes refletem o pertencimento do cônjuge a sociedades de baixo contexto, nas quais os indivíduos possuem uma visão-de-mundo mais individualista (Hall, 1981), em que o “eu” predomina sobre o “nós”; marcadas também pela independência e autoconfiança, além do fato de o controle social ser exercido com base na responsabilidade individual. Já para indivíduos pertencentes a países de alto contexto, os interesses e a identidade do grupo estão acima das necessidades pessoais. Em relação à diferença dos papéis de gênero nos países de baixo contexto, homens e mulheres experimentam mais flexibilidade em suas funções, ênfase na igualdade e na distribuição de poder de forma equitativa, sendo as mulheres economicamente mais independentes e defensoras de seus direitos.

Algumas entrevistadas (Tarsila, Kelly, Raquel) relataram a necessidade de adaptação a um relacionamento em que cada membro do casal tem sua individualidade acentuada, como no caso de realizarem atividades sociais independentemente.

O fato de que o casamento se tem mais liberdade aqui do que no Brasil. A mulher tem o direito de sair sozinhas com as amigas, combinar vamos ao cinema, ou vamos jantar agora, e os maridos também tem esse direito, então assim, embora no Brasil também os casamentos mais atuais sejam assim, mas eu venho de uma família que a partir do momento que você casa, você tem que fazer compras, o marido e a mulher juntos, ir no shopping o marido e a mulher juntos, e aqui não, aqui assim: olha, se a gente tem que

comprar uma meia no shopping ou comprar 1kg de carne no mercado, então quem vai comprar a meia e quem vai comprar o 1kg de carne? Então, vamos fazer separado para otimizar o tempo (Tarsila).

Outras diferenças culturais foram percebidas. Para Lilian uma diferença entre ela e o marido é a falta de romantismo e frieza por parte do esposo. Ainda que não se considere romântica, ela relata que “às vezes” sente falta de carinho e atenção. Schuler e Dias (2013) também identificaram a frieza como uma dificuldade apontada pelas entrevistadas casadas com homens suíços e residentes no exterior (Suíça). A atribuição dessa característica do marido à cultura demanda estratégia de enfrentamento, implicando negociação e adaptação do casal perante esta diferença.

Valentina apontou que uma diferença entre eles é a forma de lidar com dinheiro, considerando que a origem socioeconômica elevada do esposo contrasta com a forma como ela foi criada. Segundo ela, devido ao fato de o cônjuge ser norte-americano, tende a ser menos econômico, enquanto ela não atende ao impulso de consumo imediatista. Neste caso, observa-se que, além da diferença atribuída à cultura, ocorre ainda a diferença de classe econômica.

Kelly, Julia e Raquel mencionaram a falta de interesse do cônjuge em atividades sociais como uma distinção cultural entre eles, contudo assinalaram que têm dúvida se essa diferença deve-se à cultura ou à personalidade do marido. O aspecto cultural e o traço de personalidade do cônjuge se confundem, de forma que não se percebe a característica como cultural ou pessoal, processo denominado de “camuflagem cultural” (McGoldrick, 1991), tendendo a considerar

como cultural o que de fato diz respeito ao individual. Há uma responsabilização do fator cultural como forma de evitar a responsabilização pessoal pelos comportamentos, atribuindo-os à sua cultura ou à cultura do cônjuge. Assim, pode-se utilizar aspectos culturais, de forma seletiva, para justificar determinadas atitudes e comportamentos.

As distinções de cultura foram compreendidas de forma mais clara a partir do momento que os cônjuges passaram a viver no mesmo ambiente social do esposo. O domicílio no país de origem do cônjuge revelou-se crucial no processo de adaptação ao casamento, permitindo compreender melhor as atitudes e diferenças comportamentais do marido em relação a ela. Assim, pode-se observar a ressignificação das atitudes do esposo, ou seja, mudanças nas percepções a respeito do cônjuge a partir da residência no país de origem do mesmo. Tarsila e Silvia, por exemplo, afirmaram que passaram a compreender melhor os comportamentos do marido ao residirem no país atual, porque, a partir daí, identificaram alguns códigos culturais aos quais o cônjuge pertence, tornando compreensíveis as atitudes que criticavam no companheiro.

Silvia, por exemplo, percebia a racionalidade e frieza em algumas atitudes do esposo como sendo típicas de austríaco, reconhecendo que tais diferenças estão relacionadas à história de vida dele, porque “ele nunca teve uma festa de aniversário”. No início do relacionamento, interpretava como grosseiro o comportamento dele, mas ao morar no país do companheiro percebeu a necessidade de agir assim porque “os austríacos não são amáveis”. No entanto, ela reforça que o esposo possui um “lado brasileiro” que o torna carinhoso, lembrando ainda que a mãe dele era brasileira, embora ele tenha sido criado na

Áustria. A inserção no país de origem do cônjuge reforça a percepção desta participante sobre o fato de esta atitude do companheiro dever-se ao contexto em que foi socializado e não a uma expressão pessoal.

Diana relata a importância de ter vivido no país de origem do cônjuge, pois permitiu o compreender melhor. Ela relata as diferenças percebidas nos indivíduos do local em que residia (Alemanha) como aspectos positivos, revelando admiração, tendo inclusive incorporado algumas características alemãs ao seu modo de ser, como pode ser constatado no relato:

Questão do tempo, questão da privacidade, questão de estar mais... de não se meter na vida dos outros, de ficar tecendo comentários como o brasileiro faz (...) falar baixo, deixar o outro falar, não interromper, isso são coisas que você só vai perceber que é importante. E que todo mundo faz (no Brasil) quando você está lá no meio. Para nós é tão normal todo mundo falar ao mesmo tempo, que não é assim na Alemanha; isso é uma questão de cultura (...) é diferente (Diana).

Nota-se que a residência no país de origem do parceiro após o casamento implicou na confirmação das características culturais do companheiro, como no caso de Diana, Lilian, Tarsila e Silvia. No entanto, para Heloisa, revelou características de personalidade que ela desconhecia do esposo. Neste caso, o novo contexto de residência alterou a dinâmica conjugal, implicando em conflitos, somado à dificuldade que ela teve em se inserir na cultura majoritária.

Segundo ela:

A principal foi que o Nicholas no Brasil não trabalhava, não é? Então eu ... ele estava sempre assim com muito tempo disponível, e uma pessoa que eu considerava muito relaxada e aqui em Viena eu descobri que ele é um *workaholic*, e assim a maneira como ele se entrega no trabalho para mim foi novidade, porque eu não conhecia isso no Brasil, isso foi a característica principal que eu percebi aqui... uma mudança forte (Heloisa).

As mulheres não somente perceberam a existência de diferenças culturais importantes, como também revelaram mudanças importantes em seu próprio comportamento para se adaptar a essas diferenças. No que diz respeito às diversidades percebidas entre sua origem brasileira e o cônjuge estrangeiro, algumas participantes (Raquel, Alice e Julia) mencionaram o fato de serem mais “*expansivas*” em comparação aos residentes do local de domicílio o que implicou adequações nas interações. Raquel e Alice afirmaram que tiveram que alterar o *modo de ser*, como uma forma de adaptação ao casamento e ao novo local de residência, pelo fato de serem brasileiras e, por isso, “*expansivas*”, em comparação aos nativos do local onde residem.

Outras mudanças importantes foram relatadas. Essas duas entrevistadas (Alice e Raquel) não mais falam a língua portuguesa com fluência e carregam um forte sotaque da língua local. Ambas perderam laços afetivos com a família de origem no Brasil. Raquel associa adaptação a um processo de reeducação, afirmando que ainda está nesse processo, mesmo residindo há sete anos no país atual. Ela ressalta que o marido foi responsável por essa mudança, conforme o relato abaixo:

Você sabe como é a gente no Brasil fala com as mãos (risos), aí eu tive muita dificuldade com isso porque assim... a gente sempre toca as pessoas quando a gente tá falando, o Chris sempre pediu para eu não fazer isso mais (...). As pessoas vão pensar mal de você, não toque mais nas pessoas, você fala muito alto, tenta... É falta de educação (Raquel).

Em alguns casos de imigração, a aquisição do idioma ocorre plenamente, verificando-se a assimilação de costumes e da língua local de forma integral. Alice, por exemplo, passou por um processo de integração ao novo local no modo de assimilação (Berry, 2004), e por isso não é mais identificada como estrangeira por parte da comunidade local, devido à aquisição do nível de excelência no idioma, o que a tornou “*cidadã local*”, pois frequentemente é confundida com uma “napolitana”. Possui excelente fluência no idioma italiano, comunicando-se exclusivamente nessa língua com o marido e o filho, que não falam o português. O contato da família com o Brasil é praticamente inexistente, sendo que nem o marido nem o filho nunca estiveram nesse país.

As diferenças culturais percebidas giram basicamente em torno da liberdade e da autonomia no relacionamento. Por outro lado, passarem a viver no local de origem do cônjuge contribuiu para a compreensão das diferenças culturais por parte das mulheres. Estas ainda revelaram grandes mudanças em função de passar a viver em um novo ambiente social e cultural.

Dificuldades no Processo de Adaptação ao Casamento

As dificuldades vividas pelas entrevistadas na fase de adaptação ao casamento foram organizadas em três grupos temáticos principais: a) falta ou inadequação de vida social, b) individualismo/liberdade do parceiro ou do casal, c) divisão de tarefas e oportunidades.

Um dos temas que foram destacados pelas participantes foi a falta ou a inadequação de vida social da mulher, seja por a falta da convivência com amigos, familiares e a participação em atividades com outras pessoas, seja por uma vida social considerada inadequada. Julia, Kelly e Michelle apontaram a ausência de “vida social” compartilhada com o marido como uma dificuldade de adaptação ao casamento, pois o cônjuge não tem interesse em atividades de lazer. Julia e Kelly, por exemplo, enfatizaram que o esposo não “sente falta de sair”, relatando descontentamento intenso no início da relação. Assim, com o tempo, tiveram que se adaptar e buscar atividades sociais sem a presença do marido.

Americano é muito caseiro, acho que o nosso conflito é esse, no verão. Como temos um verão muito curto, dois meses e eu sou do Rio de Janeiro, eu fico desesperada. Eu quero ir à praia todo final de semana, eu quero aproveitar desde manhã até a noite. Eu sofri muito com isso porque ele não gosta. Se ele ficar dentro de casa pra ele é ótimo, ele não se importa, então até eu me acostumar com esta ideia demorou muito. A gente tinha que brigar, eu não aceitava, hoje em dia eu vou com as minhas amigas pra praia (Kelly).

Para Julia, a falta de amigos levou a “ausência total de vida social” no novo local de residência, o que contribuiu para o desejo de retorno futuro ao Brasil, ressaltando que “[...] *quando briga com o marido não tem ninguém para chorar as mágoas*”.

Heloisa mencionou ainda algumas diferenças culturais entre eles, que se transformaram em conflitos conjugais quando passaram a residir no exterior. Ela relatou que ele não gosta de receber amigos ou familiares com muita frequência ou por um período, o que ela só passou a perceber ao residirem no exterior. Após diversos desentendimentos e conflitos conjugais, ele “abriu mão” e aceitou receber em casa pessoas do Brasil. “Na minha casa, no Brasil, eu sempre recebia muita gente e ele achava que às vezes as pessoas estavam muito dentro da nossa casa, muitas pessoas presentes no dia-dia, coisa que eu só vim a entender o motivo aqui” (Heloisa).

Diversas participantes assinalaram que o cônjuge demonstra insatisfação com a presença frequente da família ou dos amigos na vida do casal. Diana relatou que a proximidade que ela possui com a família dela, “típica de brasileiro”, resultou em dificuldades na relação, gerando “desgosto” para ele. O casal atualmente reside no Brasil, e, segundo ela, o esposo teve que se adaptar ao fato de a família estar muito presente na vida deles. Essa situação revela a diferença de percepção no que concerne a família e amigos, ocasionando dificuldades entre os cônjuges.

Segundo Heloisa, a falta de familiares e amigos no exterior e o fato de não ter com quem contar no dia a dia foi um agravante para o relacionamento conjugal, pois ela percebeu que “a vida dele está se desenvolvendo”, enquanto o

modo de vida dela ficou prejudicado pela necessidade em ter que se adaptar a outro contexto, marcado pela ausência de família e amigos.

Por outro lado, Kelly mencionou que um aspecto que incomodou no início foi o encontro dele com os amigos aos domingos, já que seria, na perspectiva dela, um dia para a família. No contexto brasileiro, o domingo é reservado para encontros familiares, isto é, em sociedade de alto-contexto, os interesses e a identidade do grupo estão acima das necessidades individuais (Perel, 2002). Apesar da insatisfação, Kelly relata que passou a conviver com a escolha do marido em receber os amigos em casa aos domingos, o que poderia ser considerada uma forma inadequada de vida social, segundo a participante.

Uma segunda causa percebida de conflitos entre os cônjuges na fase inicial do casamento foi o individualismo e a liberdade do esposo estrangeiro ou de ambos os cônjuges. No caso de Heloisa, a principal dificuldade de adaptação ao casamento no exterior estava relacionada ao fato de que no Brasil o marido não trabalhava, logo tinha tempo disponível para ela. Ainda segundo Heloisa, no novo contexto de residência, ela percebeu o “perfil individualista” do marido, como, por exemplo, ao realizar atividades sociais sem a presença dela e possuir o próprio círculo de amizades sem incluí-la. Assim, a percepção sobre o marido mudou, como se pode observar no relato da entrevistada:

Uma pessoa (o marido) que eu considerava muito relaxada e aqui em Viena eu descobri que é um workholic e assim essa maneira como ele se entrega no trabalho para mim foi novidade porque eu não conhecia isso no Brasil, isso foi a característica principal que eu percebi aqui como uma mudança forte” (Heloisa).

Outra entrevistada, Tarsila, mencionou como dificuldade de adaptação ao casamento a “liberdade do casal”, isto é, a individualidade para realizarem atividades sociais de lazer desacompanhados do cônjuge. Essa “liberdade” não foi vista positivamente no início do matrimônio por Tatiana (uma das entrevistadas), apontando como a única dificuldade no início do relacionamento, e que “levou tempo para acostumar”. Segundo ela, a “liberdade” do casal, defendida pelo marido, é apontada como diferença cultural que pode ser melhor compreendida quando passou a residir na Áustria, uma vez que começou a observar que de fato os casais têm mais liberdade, tratando-se de um aspecto cultural e não apenas particular do marido. Verifica-se no relato da participante:

No começo eu não aceitava nem um pouco. No começo eu dei muito trabalho. Eu falava: não, o que é isso?(...) o cara é estrangeiro vem com papo para o meu lado, que se prese uma liberdade (risos), eu falei: não, comigo não tem nada de liberdade não! Mas, depois que eu vim pra cá, eu vi que realmente é uma coisa comum (Tatiana).

Por outro lado, a autonomia e a liberdade femininas para exercerem atividades individuais foram consideradas positivas pelas mulheres. A perspectiva individualista das relações agradou a maioria das participantes.

Um terceiro tema que gerou dificuldades no início do casamento foi a divisão de tarefas e de oportunidades. A sobrecarga na realização das tarefas domésticas foi vivenciada por Kelly e Alice como uma intensa dificuldade de adaptação ao relacionamento. No caso de Kelly, a recusa do marido em dividir as tarefas de casa e em contratar uma faxineira foi motivo de desentendimento do casal, sendo enfatizado por ela como conflitos na etapa inicial do relacionamento.

Alice relata a dificuldade vivida no terceiro ano de casamento com o nascimento do filho, considerando o fato de que não possuía rede de apoio e ficava responsável pelo recém-nascido em tempo integral, o que implicou em sofrimento e adoecimento psíquico, chegando a quase perder o contato com a realidade, traduzida por ela em “ficar perigosa”.

Segundo Alice, durante a etapa inicial do matrimônio, o marido não estava comprometido com o espaço doméstico e familiar, e continuava realizando suas atividades de interesse individual; mas ao perceber a dificuldade que ela estava enfrentando, por ser a única a cuidar da criança, passou a ajudá-la, “o que não é comum para um homem italiano”. Caso ela estivesse no Brasil, seria mais fácil esse processo de adaptação ao casamento e à maternidade. No caso de Alice, verifica-se o comprometimento do marido com a relação, de forma que ele passou a participar da vida doméstica e a construir um projeto de vida a dois, o que se pode constatar nas falas das participantes abaixo:

No princípio ele achava que eu tinha que fazer tudo, então a gente brigava muito com isso. E aqui é muito difícil ter uma faxineira na sua casa, a não ser que você seja rico mesmo. Então pra ele isso é o cúmulo do absurdo, assim fora do outro mundo ter uma faxineira dentro de casa... eu tive que me impor, porque a cada limpeza era uma briga estressante, tive que me impor pra ele poder me ajudar também (Kelly).

Foi difícil ser esposa, onde a esposa faz tudo e o marido chega em casa e é servido, foi difícil ser brasileira. Ele (o marido) ao invés disso a partir de um determinado passou colaborar. Ele divide

comigo a maternidade e isso para mim é maravilhoso e me ajuda até hoje, é muito bom ter uma pessoa que... mas é uma pessoa que quis mudar e chegar perto de mim como estrangeira, não é uma coisa típica de um italiano (Alice).

No caso de Kelly, apesar da expectativa de maior divisão de tarefas na sociedade estadunidense, não cabendo à mulher maior responsabilidade pelas tarefas domésticas, sua situação foi diferente. É importante notar que em outros critérios a relação mantém a perspectiva igualitária, como a realização de trabalho remunerado e autonomia para atividades sociais. Segundo Kelly, o fato de ser brasileira está relacionado à expectativa que o cônjuge possuía para que ela desempenhasse o papel feminino de cuidados com a casa.

Olha o que eu sei do homem americano, eles gostam muito de casar com uma brasileira, porque... eu não sei se você sabe mas na cultura americana a mulher é a chefe da casa, então eles fazem tudo, eles fazem a comida, eles limpam, eles fazem tudo e a mulher não faz nada. A maioria é assim, eu acho que pra ele, ele esta no céu não é? Casou com uma brasileira que gosta de cozinhar, que gosta de fazer bolo, fazer essas coisinhas diferentes, não é?! Então pra ele, ele sabe que eu cuido, ele quer ser cuidado, muito diferente. Eu tenho um primo casado com uma americana, e eles moram no Brasil. Você pode também ver essa diferença, porque ele sofre muito com isso porque ela não cozinha, por exemplo, ele chega do trabalho não tem aquela mesa preparada, sabe!?! (Kelly).

As demais participantes relataram a respeito de acordos estabelecidos pelo casal para a divisão das tarefas domésticas, não gerando conflitos ou dificuldades. Neste caso, indicando uma tendência à distribuição igualitária entre os papéis de gênero em países de alto-contexto (Perel, 2000). Algumas participantes (Heloisa, Raquel e Silvia) assumiram a maior parte das tarefas doméstica por não exercerem atividades de trabalho formais; no entanto, não significou obrigatoriedade, o que, conseqüentemente, não resultou em insatisfação. Lilian e Tarsila ressaltaram que estavam habituadas à presença de empregadas domésticas no Brasil, e tiveram que se adaptar à necessidade de realização dessas tarefas compartilhadas com o marido.

Heloisa se refere à falta de independência financeira. O casal intercultural tende a não atribuir importância às diferenças culturais entre eles até determinada etapa do ciclo vivencial familiar, ou ainda até a ocorrência de alguma dificuldade específica, como desemprego, doenças ou morte de familiares (Kim, 2003), o que pode explicar as dificuldades que surgiram, no caso de Heloisa, quando ela passou à condição de imigrante e se deparou com uma série de desafios (inserção profissional, deslocamento no local e aprendizado do idioma, por exemplo).

Então sempre teve essa discrepância do relacionamento, financeira assim, ele sempre foi a pessoa que recebeu bem, no Brasil eu também não recebia eu era estudante e trabalhava meio horário. Para mim isso é muito difícil, pois eu desejava sair da faculdade e finalmente alcançar uma independência financeira que até hoje eu não alcancei (Heloisa).

Finalmente, as possibilidades desiguais de desenvolvimento profissional de cada cônjuge aparecem como um problema específico dentro da divisão de tarefas e oportunidades, como é o caso de Heloisa. Ela relatou intenso descontentamento e insatisfação conjugal vivido a partir dos conflitos matrimoniais, o que levou o casal a realizar terapia por duas vezes durante os cinco anos de casamento. Dentre as razões conflitantes relatadas, encontra-se o desejo que ela possui de retornar para o Brasil, dadas as dificuldades de inserção profissional e na comunidade local. A divergência entre os cônjuges a respeito do retorno para o Brasil implicou em discussões frequentes e em insatisfação vivida por ela, o que a leva a cogitar em separação. Contudo, a preocupação com o filho é relatado como um “drama” para aqueles que vivem em países diferentes. É nítida, em diversos momentos da entrevista, a não integração de Heloisa à comunidade receptora, como, por exemplo, a dificuldade na comunicação do idioma e a ausência de amigos.

Shuler e Dias (2013) verificaram que a *rigidez da mentalidade suíça* na educação e na criação dos filhos foi vista como muito difícil para uma mãe brasileira. Tais dificuldades atuam diretamente sobre a dinâmica conjugal, principalmente quando o cônjuge residente tem dificuldade em oferecer suporte para o cônjuge estrangeiro, como é relatado por Heloisa. A dificuldade de inserção na cultura majoritária pode produzir efeitos negativos no imigrante, como falta de apoio emocional, podendo repercutir e sobrecarregar o cônjuge pertencente à cultura majoritária (Sluzki, 2003). Segundo ainda a entrevistada, o marido não está disposto a iniciar uma carreira no Brasil, com a idade que possui. No entanto, ela destaca que não tinha o objetivo de residir definitivamente na

Áustria, independente das condições vividas, como a falta de oportunidade profissional. Seu depoimento revela a insatisfação conjugal vivenciada por ela devido a projetos pessoais conflitantes entre os membros do casal.

A gente veio pra cá porque tinha essa facilidade do Nicholas, não com a intenção de realmente ficar e aí foi acontecendo, foi desenvolvendo de uma forma que eu percebi que cada vez mais pra ele estava claro que era aqui que ele quer ficar, e aí a gente foi tendo esse distanciamento ainda mais que engravidei, não foi planejado mas foi muito bem recebido, mas foi uma coisa que complicou mais um pouco dentro do nosso relacionamento. Mudar, uma separação com uma criança entre pessoas que tão vivendo em países diferentes é um drama muito grande, então a gente sempre discute isso em algum momento ele também tem que estar disposto a abrir mão de alguma coisa e tentar alguma coisa no Brasil, ou seja o que for.

O mais difícil para o nosso relacionamento é essa dificuldade minha em me desenvolver profissionalmente, como seria no Brasil. Eu vejo o Nicholas se desenvolvendo cada vez mais, tendo uma carreira firme e tendo todo esse círculo de amigos que tem a mesma oportunidade **e me sinto meio que prejudicada**. Eu tenho vontade de voltar para o Brasil, e isso é uma questão do relacionamento, foi por isso que a gente começou a segunda terapia de casal (...) Até quando vou estar disposta a abrir mão das coisas... eu não *tenho*

uma ligação com a Áustria tão forte que me segure aqui a todo custo
(Heloisa).

Por outro lado, a divisão de tarefas foi vista como elemento positivo em alguns casos. O processo de adaptação ao casamento, no caso de Lana, esteve relacionado à divisão das despesas financeiras. A questão financeira foi um fator de mudança vivido pelo casal, principalmente pelo marido, mas que não implicou em dificuldades ou conflitos para os cônjuges. Pode-se inferir que o compromisso do casal com a estabilização e os interesses na conjugalidade passou a prevalecer. Uma maior proximidade de papéis dos cônjuges possivelmente serviu como facilitador da adaptação conjugal, revelando-se como aspectos positivos para a maioria das participantes, quanto à divisão de tarefas.

Uma quarta fonte de dificuldades foi a comunicação, incluindo a diferença de idioma, assim como a diversidade cultural no processo de comunicação. O idioma pode transformar-se em uma dificuldade e problema sério para o casal quando o parceiro imigrante não possui fluência na língua estrangeira em que a forma de acessar os recursos disponíveis no contexto é a partir do parceiro (Kim, 2003). Apenas Raquel apontou a comunicação do casal como uma dificuldade no início do relacionamento: “Ai amor, você tem que entender que a gente aqui usa muito sarcasmo, que a gente fala isso sempre, você tem que aprender isso. Se você não aprender isso, você não vai se adaptar com a cultura inglesa”.

O conflito envolve forças construtivas que permite negociação, maior conhecimento, exposição dos envolvidos e conseqüentemente o fortalecimento do relacionamento. Segundo Crohn (2001), o conflito pode ser resultado de que

aquilo que atrai um dos cônjuges é o que esse mesmo cônjuge rejeita na sua cultura.

O local em que o casal se estabelece e mantém o relacionamento conjugal muitas vezes desempenha um papel importante na própria dinâmica da relação (Hinde, 1997; Neff & Broady, 2011). Segundo Neff e Broady (2011), os contextos estressantes dificultam a preservação de uma relação conjugal satisfatória e menos conflituosa. No entanto, a superação diante das dificuldades e situações de estresse dentro do casamento nos primeiros anos do relacionamento sugere que pode implicar em um casamento mais duradouro. Ao abordar as condições em que os casais podem ser mais ou menos suscetíveis aos efeitos colaterais do estresse, esses estudos fornecem uma apreciação mais completa das relações entre os conflitos e a qualidade matrimonial. Segundo Atacama e Berry (2002), a satisfação conjugal tende a facilitar e levar a uma adaptação mais bem sucedida ao novo local de residência.

As dificuldades mencionadas pelas entrevistadas são marcadas por elementos decorrentes de um relacionamento em que um dos cônjuges passa a viver em uma cultura diferente, na qual os padrões de relacionamento podem diferir em diferentes aspectos, seja na dinâmica interna do casal, seja na relação dos cônjuges com outras pessoas, como amigos e familiares.

Neste sentido, aparentemente, as entrevistadas que já residiam há algum tempo no exterior, e por isso já estavam mais integradas, revelaram uma maior facilidade no processo de adaptação ao casamento, pois as diferenças culturais não se apresentaram como desafios acentuados e não refletiram conflitos conjugais. Para as entrevistadas que passaram a residir no país de origem do

cônjuge após o casamento, observou-se dificuldade de adaptação conjugal, provavelmente relacionada à presença de valores individualistas dos cônjuges oriundos de países de baixo contexto (Hall, 1981), conforme citado anteriormente. A falta de apoio do marido, a ausência de compartilhamento em atividades sociais, a falta de divisão de tarefas domésticas e a não aceitação de algumas características da participante representaram para algumas desafios no processo de adaptação do casal.

No caso das mulheres que passaram a residir no exterior, pode-se considerar que o apoio do marido no processo de adaptação da esposa ao novo local de residência fortaleceu o vínculo dos parceiros, havendo cooperação e comprometimento para a estabilidade conjugal. A adaptação ao local de residência foi um fator somado ao processo de adaptação ao casamento observado nas falas das entrevistadas.

Considerações Finais

O presente trabalho buscou investigar o processo de adaptação conjugal na perspectiva de mulheres brasileiras casadas com homens estrangeiros, residindo no país de origem do cônjuge. Os principais tópicos investigados foram a adaptação nas primeiras fases do relacionamento (da coabitação à decisão para formalizar o casamento), a escolha do local de residência do casal, as diferenças culturais percebidas entre os cônjuges e as dificuldades no processo de adaptação ao casamento.

O fato de morar em outro país, aparentemente, afetou a aceitação e a prática da coabitação, mas principalmente a decisão pelo matrimônio, o que tem implicações diretas na possibilidade de permanência do casal em função de leis de migração. De forma geral, os dados sugerem que a mudança de país para a mulher brasileira casada com homem estrangeiro pode gerar dificuldades de ordem geral, como a necessidade de dominar um novo idioma, mas também dificuldades que afetam seu relacionamento conjugal, seja pela ausência de contatos sociais, seja pelas diferentes formas e expectativas percebidas no que diz respeito à convivência matrimonial por parte de cônjuge oriundo de outra nação, com uma formação social e cultural diferenciada. Estudos futuros em relação a casamentos interculturais envolvendo mulheres brasileiras são necessários para o aprofundamento de diversos pontos, como particularidades culturais em diferentes países e culturas, entre outros fatores, como a presença de filhos e de familiares no país de destino.

Referências

- Atacana, B. & Berry, J.W. (2002). Psychological, sociocultural, and marital adaptation of Turkish immigrant couples in Canada. *International Journal of Psychology*, 37 (1), 13–26. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1080/00207590143000135/abstract>
- Berry, J.W. (2004) Migração, aculturação e adaptação. In: DeBIAGGI, S. D.; PAIVA, G. I. (pp.29-45). *Psicologia, imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bustamante, R.M., Nelson, J.A., Henriksen, R.C. & Monakes, S. (2011). Intercultural couples: Coping with culture-related stressors. *The Family Journal*, 19(2), 154-164. Retirado de [S P://tfj.sagepub.com/content/early/2011/02/21/1066480711399723.abstract](http://tfj.sagepub.com/content/early/2011/02/21/1066480711399723.abstract)
- Bystydzienski, J.M. (2011). *Intercultural Couples: Crossing Boundaries, Negotiating Difference*. New York: New York University Press.
- Crohn, J. (2003) Relacionamentos Interculturais. In: McGoldrick, M. Novas Abordagens da Terapia Familiar (p.339-354) São Paulo: Rocca.
- Feres-Carneiro (1998). Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, Porto Alegre, v.11, n.2, p. 379-394. Retirado de [S P://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/S P tic_d e_comunicacao/PRC/VOL11N2/14.PDF](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/S_P_tic_d_e_comunicacao/PRC/VOL11N2/14.PDF)

- Féres-Carneiro, T. & Jablonski, B. (2005). Adolescência e relações amorosas: um estudo sobre jovens das camadas populares cariocas. *Interação em Psicologia* (Qualis/CAPES: A2), 9(1). Retirado de [_S_P://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/viewArticle/3283](http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/viewArticle/3283)
- Garcia, M.L.T. & Tassara, E.T.O. (2003). Problemas no casamento: Uma análise qualitativa. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 8 127-133. Retirado de [_S_P://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17242.pdf](http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n1/17242.pdf)
- Hall, S.A. (2000). Identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DPA.
- Hall, E.T. (1981). *The silent language*. New York: Doubleday.
- Hinde, R.A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Hove, UK: Psychology Press.
- Ibge. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2009). *Estatísticas do Registro Civil*, 36, 1-186.
- Jablonski, B., & Saldanha da Silva, M. (2011). D (e) scolar de casa: dilemas contemporâneos dos casais de aeronautas. *Psicologia em Revista*, 17(2), 196-210.
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M.W (2008). Entrevista narrativa. In: Bauer, M.W. & Gaskell, G. (Ed). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. 7. S. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 90-113.
- Karis, T.A. & Killian, K.D. (2009). *Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships*. New York: Routledge.
- Kim, B. L. (2003). Casamento de Mulheres Asiáticas com militares americanos. O impacto do gênero e da cultura. In: *Novas Abordagens da Terapia Familiar. Raça, Cultura e Gênero na prática clínica*. Roca: São Paulo.

Lind, W. (2012). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. (Tese de Doutorado). Retirado de

[_S_P://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Tese38web2.pdf](http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Tese38web2.pdf)

Martes, A.C.B. (Org.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra, 2003. P. 33-50.

McGoldrick, M. & Preto, N.G. (1984). *Ethnic intermarriage: implication for therapy*. *Family Process*, 23, 347-364. Retirado de

[_S_P://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.1984.00347.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false)

[5300.1984.00347.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.1984.00347.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false)

McGoldrick, M.; Preto, N.G., Hines, P.M. & Lee, E. (1991). Ethnicity and family therapy. *Handbook of family therapy*, 2, 546-581.

McGoldrick, M. & Rohrbaugh, M. (1987). Researching ethnic family stereotypes. *Family process*, 26(1), 89-99. Retirado de

[_S_P://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.1987.00089.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false)

[5300.1987.00089.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false](http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1545-5300.1987.00089.x/abstract?deniedAccessCustomisedMessage=&userIsAuthenticated=false)

McGoldrick, M. & Carter, B.(2001). Avanços em Coaching: A terapia familiar com uma pessoa. *Jornal de Terapia Conjugal e Familiar*, 27 (3), 281-300.

McGoldrick, M. (2003). *Novas abordagens da terapia familiar: raça, cultura e gênero na prática clínica*. São Paulo: Roca.

Minuchin, S. & Fishman, H. C. (1990). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Neff, L.A. & Broady, E.F. (2011). Stress resilience in early marriage: Can practice make perfect?. *Journal of personality and social psychology*, 101(5), 1050.
Retirado de <http://psycnet.apa.org/psycinfo/2011-12250-001/>
- Olson, D.H.; Gorall, D.M. & Walsh, F. (2003). Normal family processes. *Normal family processes*. New York: Guilford.
- Perel, E. (2002). Uma Visão Turística do Casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais (S. 193-294). In: Papp, P. (Org). *Casais em perigo*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Perel, E. (2000). A tourist's view of marriage. In: P. Papp (Ed.). *Couples on the fault line* (pp. 178-204). New York, NY: Guilford.
- Piscitelli, A. (2002). *Exotismo e autenticidade*: relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu*, 19, 195-233. Retirado de [S P://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a09.pdf](http://www.scielo.br/pdf/cpa/n19/n19a09.pdf)
- Piscitelli, A. (2004^a). El tráfico S desejo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil. *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia*, 4, 1-16.
- Piscitelli, A. (2004b). Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional e migração feminina. In: Silva, M.C.da (Org.). *Outros trópicos: novos destinos turísticos, novos terrenos da antropologia* (pp.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Piscitelli, A. (2007b) Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 3, p. 717-744, set./dez. Retirado de [S P://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a14v15n3.pdf](http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a14v15n3.pdf)

- Raposo, P.; Togni, P.C. *Fluxos matrimoniais transnacionais entre brasileiras e portuguesas: S P t e imigração*. Alto Comissariado para Imigração e Diálogo Intercultural, Observatório da Imigração, Portugal, 2009. 193p.
Retirado de
file:///C:/Users/Home/Downloads/Observatorio%20Togni%20e%20Raposo%20(1).pdf
- Rittiner, M.E. (2011). A mixidade na família heterossexual S P tica-brasileira. Trabalho apresentado na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 10 a 13 de julho de 2011 – Curitiba/PR. GT39 Fluxos migratórios regionais e continentais: Família, Gênero, Geração e Raça.
- Romano, D. (2008). *Inter-cultural marriage: Promises and pitfalls*. Yarmouth, Maine. USA: Intercultural Press.
- Rosenblatt, P. C. (2009). A Systems Theory Analysis of Intercultural Couple Relationships. In: Karis, T.A. & Killian, K.D. (Orgs). *Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships*. New York: Routledge.
- Sandoval, S. (2002). Identificações étnicas na migração. In: Carignato, T.T.; Debieux, M.R.; Filho, (Org.). *Psicanálise, cultura e migração*. São Paulo: YM. P. 15-28.
- Silva, S.M (2012). Casamento franco-brasileiro: mulheres brasileiras casadas com franceses e morando na França. *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2º Seminário sobre imigração brasileira na Europa*, 978-989-732-102-3, Retirado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3874>

- Schuler, F.M.G.; Dias, C.M.S. (2013). Brasileiras casadas com suíços: um estudo sobre diferenças culturais e relacionamento. In: Garcia, A.; Wilson, J.E. & Pereira, F.N. (Orgs.). *Relacionamento interpessoal – temas contemporâneos*. (p. 66-77). Vitória: CIPRI/UFES.
- Sluzki, C.E. (2003). A migração e o rompimento da rede social. In: McGoldrick, M. *Novas abordagens da terapia familiar*. São Paulo: Rocca. P. 339-354.
- Walsh, F. (2002). Casais saudáveis e casais disfuncionais: Qual a diferença? In: M. Andolfi (Ed.). *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*, Porto Alegre: Artmed. P. 13-28.
- Waldman, K., & Rubalcava, L. (2005). Psychotherapy with intercultural couples: A contemporary psychodynamic approach. *American Journal of Psychotherapy*, 59, 227-245. Retirado de <http://europepmc.org/abstract/MED/16370131>
- Whitty, M. T., & Carr, A. N. (2006). *Cyberspace romance: The psychology of online relationships*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.
- Zordan, E.P.; Falcke, D. & Wagner, A. (2009). Casar ou não casar?: motivos e expectativas com relação ao casamento. *Psicologia em Revista*, 15(2), 56-76. [S P://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&lng= S.](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext&lng=S)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente tese buscou investigar alguns aspectos de relacionamentos amorosos entre mulheres brasileiras e parceiro de outra nacionalidade. Para tal, buscou-se analisar perfis elaborados por mulheres brasileiras em um site de relacionamento romântico em busca de parceiro (Estudo 1); em seguida buscou-se analisar o desenvolvimento inicial do relacionamento romântico entre mulher brasileira e homem estrangeiro (Estudo 2), e por último compreender a adaptação conjugal da brasileira ao casamento no contexto migratório (Estudo 3).

A partir do conjunto de relatos das entrevistadas e dos perfis de mulheres brasileiras em site de relacionamento foi possível identificar que o relacionamento não pode ser reduzido à dinâmica de interações do casal; ao contrário, o contexto de encontro e o desenvolvimento do relacionamento afetam-se mutuamente. Segundo proposto por Hinde (1997), observou-se uma relação dialética entre o ambiente físico, a estrutura sociocultural e os relacionamentos.

A atração inicial descrita no Estudo 2 dependeu, preponderantemente, das características individuais e culturais do parceiro, o que contribuiu para o início do relacionamento romântico. No caso específico do encontro e namoro entre parceiros de outra origem nacional, o *background* cultural (experiência cultural e domínio de idiomas) foi um fator de atração preponderante. Desta forma, houve valorização dos atributos do homem estrangeiro como mais comprometido com o relacionamento. Observou-se, entretanto, surpresa e mudanças de percepção a respeito do parceiro à medida que o relacionamento avançava.

Os resultados obtidos no Estudo 3 sugerem que o relacionamento amoroso entre parceiros de origens nacionais e culturais distintas, no caso específico entre mulher brasileira e parceiro estrangeiro, esteve diretamente relacionado ao contexto de residência do casal. Em diversas respostas das participantes, encontra-se a menção ao contexto do relacionamento: Brasil e exterior. A dinâmica de relacionamento, isto é, a forma de resolver conflitos, a forma de viver a etapa inicial do ciclo familiar, o enfrentamento dos eventos desafiadores (morte e desemprego, por exemplo) vividos pelo casal alteravam-se conforme o contexto de domicílio do casal. Desse modo, os resultados reforçam a necessidade de compreender de que forma os aspectos culturais e domicílio do casal afetam o relacionamento. Constatou-se, assim, que o contexto de residência do casal (exterior) influenciou na dinâmica do relacionamento.

No caso das mulheres que passaram a residir no exterior (Estudo 3), pode-se considerar que o apoio do marido no processo de acomodação ou inserção da esposa ao novo local de residência fortaleceu o vínculo entre esses pares, por ter havido cooperação e comprometimento para a estabilidade conjugal. A adaptação ao local de residência foi um fator à adequação ao matrimônio. Nos casos em que as entrevistadas não tinham com quem contar, houve o fortalecimento da relação; já em outros, a ausência da rede de apoio à mulher sobrecarregou o marido, alterando a dinâmica do relacionamento do casal.

Fatores socioeconômicos e culturais foram importantes na decisão pelo namoro e por um relacionamento de longa duração, principalmente nos casos em que a busca de parceiro estrangeiro foi proposital. De tal forma, fatores como padrões culturais e inserção social do parceiro foram importantes para a decisão

pelo relacionamento para além das características de personalidade do indivíduo na escolha do companheiro. A parceira que imigra depara-se com desafios no contexto migratório, uma vez que não possui sua própria rede de apoio, não domina o idioma local, e, em alguns casos, não possui independência financeira. Os resultados do Estudo 3 revelaram que o casamento intercultural para as mulheres brasileiras representou desafios e dificuldades em diversos aspectos, o que significou sofrimento psíquico e mal-estar psicológico para algumas entrevistadas.

Observa-se no Estudo 3, que a escolha do parceiro relaciona-se ao contexto de encontro, o que confirma a perspectiva de Hinde (1997) de que a interação e o desenvolvimento do relacionamento configuram-se sob a influência das estruturas sócio-culturais que, por sua vez também afetam a organização do ambiente físico. Assim, as relações interculturais podem ser descritas em termos de uma sequência de interações que ocorrem na confluência de diferentes estruturas sócio-culturais que envolvem expectativas e normas de comportamento distintas para cada cônjuge. O relacionamento não se restringe ao casal, mas este está em relação dialética também com grupos, como amigos e familiares, com suas tradições culturais, e com o ambiente sócio-cultural, de modo mais amplo.

As estruturas sócio-culturais incluem normas, valores e tradições culturais que afetam a organização do ambiente físico e tornam-se mais evidentes pela origem nacional de cada membro da relação. Assim, o processo migratório e o processo de aculturação afetam não somente a vida diária do migrante exigindo sua adaptação a um novo ambiente sócio-cultural, mas também afetam suas

relações interpessoais, inclusive com seu parceiro romântico. Desta forma, um novo local de residência, influencia a dinâmica da conjugalidade.

O conhecimento sobre a cultura e contato positivo com a cultura do local de residência, e o objetivo em se inserir na comunidade local foram aspectos que favoreceram a decisão pelo casamento em alguns casos, como no caso de Bianca e Karla, por exemplo.

A dimensão individual diz respeito aos processos psicológicos e às características do indivíduo, já o meio ambiente diz respeito aos aspectos sociais, culturais e contextos históricos em que os parceiros estão inserido. No que se refere ao Estudo 1, vale registrar que o discurso dos sites de relacionamento que promovem encontros entre mulheres brasileiras e parceiro estrangeiro supõe que os potenciais pretendentes optam por iniciar relações que transcendam fronteiras sem qualquer menção às dificuldades pragmáticas, como a concessão de visto de residência. Desta forma, não há menção às questões legais, como se a conexão *online* fosse suficiente para aproximar e materializar elevadas expectativas. Por trás dos perfis, possivelmente existem mulheres engajadas na construção de uma identidade alternativa tendo em vista um projeto migratório e conjugal. Verifica-se que o aspecto cultural não é mencionado diretamente na autoapresentação da mulher em busca de parceiro estrangeiro. A possível brevidade desses relacionamentos devido a razões de visto podem levar o casal a estabelecer uma relação pautada na idealização e nos estereótipos, o que pode dificultar a adaptação conjugal.

A utilização do recurso tecnológico foi crucial tanto para os encontros quanto para a manutenção do contato das entrevistadas com o parceiro (Estudo

2). As tecnologias de comunicação têm investido em inovadoras formas de contatos e redes sociais, desestabilizando modos “convencionais” de relacionamento. Bauman (2004) discute as novas interações no contexto atual, os laços sociais pós-modernos, no qual a durabilidade, a reciprocidade e a proximidade das relações sociais são reconfiguradas. Os vínculos afetivos têm se construído e se mantido a partir de outras formas que não o presencial.

Os resultados apresentados nos três estudos sugerem que a origem nacional e a cultura do parceiro podem significar, a princípio, um fator de diversidade percebido positivamente. Assim, muitas entrevistadas apontam que as diferenças culturais representam aprendizado e “enriquecimento cultural” para si e para o outro. Contudo, o relacionamento intercultural pode ser visto desfavoravelmente ao longo da relação, devido a conflitos e tensões que frequentemente podem ocorrer na dinâmica interacional de casais, como no caso de algumas mulheres do Estudo 3. As diferenças num outro estágio da relação, em que as idealizações do namoro tendem a diminuir, podem significar uma dificuldade em alguns casos.

Os resultados apontam ainda para os aspectos positivos do relacionamento intercultural, principalmente na etapa inicial do relacionamento, como a autoexpansão e o dinamismo contínuo implicados na necessidade frequente de descrição de si, devido às diferenças culturais entre os parceiros, como descritos por Perel (2000) ao utilizar a metáfora do “turista” no processo de conhecimento do parceiro. Tais relacionamentos são marcados por dificuldades e desafios como qualquer relacionamento, seja monocultural, seja intercultural.

Os resultados encontrados indicam que não se trata apenas de culturas diferentes dos parceiros, mas ainda que o contexto de encontro apresenta implicações diversas para o casal, como assimetria de poder (Roseblatt, 2009). As diferenças culturais relacionadas a gênero é um dos maiores desafios para o casal intercultural (Perel, 2002; Roseblatt, 2009), e por isso demanda negociação se se considerar as expectativas para homens e mulheres, que podem ser diferentes para cada um deles. Ressalta-se, no entanto, que as diferenças de gênero significaram dificuldades para algumas entrevistadas e vantagens para outras, tornando-se inviável generalizações, uma vez que para algumas participantes tais relações significaram autonomia e liberdade, acreditando que não teriam com parceiros brasileiros. Entretanto, algumas entrevistadas consideraram tal “excesso” de liberdade como “distância”.

Vale registrar que não fez parte deste estudo a investigação a respeito da criação dos filhos, o que pode se supor que no caso do nascimento deles o casal pode se deparar com desafios em relação à educação e ao idioma de comunicação adotado pela família. Considerando que a dependência do cônjuge emigrante em relação ao cônjuge nativo altera a dinâmica do relacionamento, sugere-se estudo futuro para compreender as estratégias de enfrentamento de dificuldades utilizadas pelo casal diante desta dependência da mulher.

Os dados obtidos na presente pesquisa ainda poderão contribuir com temas relevantes para a área clínica de acompanhamento de casais interculturais. Um dos maiores desafios na elaboração deste trabalho foi a escassez de estudos sobre casais interculturais na literatura brasileira no campo da Psicologia. No que

se refere ao Estudo 1, seria interessante entrevistar as mulheres cadastradas no site de relacionamento a fim de ampliar a discussão sobre o tema.

Para o avanço das discussões sobre a temática é importante investigar futuramente os pares, assim o parceiro também deveria fazer parte da pesquisa. Referente ao Estudo 3, é imprescindível também estudar situações em que o marido passasse a morar no Brasil, ou seja, em um contexto migratório para o parceiro. Sugere-se ainda a realização de estudos futuros para abordar as estratégias de enfrentamento das dificuldades utilizadas pelo casal da díade intercultural para se adaptar ao casamento e ao novo local de domicílio. Da mesma forma, é relevante investigar a dinâmica conjugal em outra etapa do ciclo familiar, como em casos da presença de filhos. Pesquisas futuras também são necessárias para explorar casos de rompimentos desses relacionamentos.

REFERÊNCIAS

- Assunção, V.K, (2012). Casamentos e migração internacional: notas a partir de uma etnografia sobre os relacionamentos afetivos entre brasileiras(os) e holandeses(as). *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2º Seminário sobre imigração brasileira na Europa*, 978-989-732-102-3, Retirado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3874>
- Assis, G. de O. (2004). De Criciúma para Boston: tecendo redes familiares na migração internacional (pp. 111-133). In: DeBIAGGI, S. D. (Org). *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bauman, Zygmunt. (2004). *Amor Líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bustamante, R.M.; Nelson, J.A.; Henriksen, R. C. & Monakes, S. (2011). Intercultural couples: Coping with culture-related stressors. *The Family Journal*, 19(2), 154-164. Retirado de <http://tfj.sagepub.com/content/early/2011/02/21/1066480711399723abstract>
- Bystydzienski, J.M. (2011). *Intercultural Couples: Crossing Boundaries, Negotiating Difference*. New York: New York University Press.
- Crohn, J. (2003). Relacionamentos Interculturais. In: McGoldrick, M. *Novas abordagens da Terapia Familiar*. São Paulo: Roca. pp. 339-354.
- Debiaggi, S.D. & Paiva, G.I. (2004). *Psicologia, e/imigração e cultura*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Garcia, A. & Ventorini, B. (2005). Robert Hinde: da Etologia à Psicologia Social. In: Garcia, A. Tokumaru, R.S. & Borloti, E.B. (Orgs.). *Etologia: Uma*

- Perspectiva Histórica e Tendências Contemporâneas. Vitória: Multiplicidade. pp. 55-71.
- Geertz, C. (1989). *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC.
- Hall, S.A. (2000). *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DPA.
- Hinde, R.A. (1997). *Relationships: A dialectical perspective*. Hove, UK: Psychology Press.
- Karis, T.A. & Killian, K.D. (Orgs). *Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships*. New York: Routledge. p. xvii –xxv).
- Kaslow, F. W. (2001). Families and family psychology at the millennium. *American Psychologist*, 56, 37-46. Retirado de <http://psycnet.apa.org/journals/amp/56/1/37/>
- Killian, K.D. (2009). Introduction. In: Karis, T.A. & Killian, K.D. (Orgs). *Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships*. New York: Routledge. p. xvii –xxv).
- Laird, J. ((2003). Teorizando a Cultura Ideias Narrativas e Princípios da Prática clínica. In: McGoldrick, M. *Novas abordagens da Terapia Familiar*. São Paulo: Roca. pp. 23-42.
- Laurenceau, J.P.; Lewis-Smith, J. & Troy, A.B. (2006). Interracial and intraracial romantic relationships: The search for differences in satisfaction, conflict, and attachment style. *Journal of Social and Personal Relationships*. Vol. 23(1): 65–80. doi: 10.1177/0265407506060178
- Lind, W. (2012). *Casais biculturais e monoculturais: Diferenças e recursos*. (Tese de Doutorado). Retirado de http://www.oi.acidi.gov.pt/docs/Colec_Teses/Tese38web2.pdf

- Martes, A.C.B. (2003) In: Fleischer, S.; Martes, A.C.B. (Org.). *Fronteiras Cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra. p. 115-138.
- McGoldrick, M. & Preto, N.G. (1984). Ethnic intermarriage: implication for therapy. *Family Process*, 23, 347-364
- McGoldrick, M. & Rohrbaugh, M. (1987). Researching ethnic stereotypes. *Family Process*, 26, 89-99.
- McGoldrick, M.; Preto, N.G.; Hines, P.M. & Lee, E. (1991). Ethnicity and family therapy. In: Gurman, A.S. & Knistern, D.P. (Eds.). *Handbook of family therapy* New York: Brunner/Menzel. pp. 546-582.
- Menandro, P.R.M.; Silveira, A. E. & Rocha, M.L. (2003). Estudo exploratório do relacionamento conjugal em casais com um dos cônjuges brasileiro. *Psicologia Clínica*, 15 (2), 31-48.
- Molina, B.; Estrada, D. & Burnett, J. A. (2004). Cultural communities: Challenges and opportunities in the creation of “happily ever after” stories of intercultural couplehood. *The family journal*, 12(2), 139-147. Retirado de <http://tfj-sagepub-com.ez43.periodicos.capes.gov.br/content/12/2/139>
- Oliveira, A.C. de (2003). O caminho sem volta – classe social e etnicidade ente os brasileiros na Flórida. In: Fleischer, S. & Martes, A.C.B. (Org.). *Fronteiras cruzadas: etnicidade, gênero e redes sociais*. São Paulo: Paz e Terra. pp. 115-138.
- Perel, E. (2002). Uma Visão Turística do Casamento: desafios, opções e implicações para a terapia de casais interculturais (pp. 193-294). In: P. Papp (Org). *Casais em Perigo*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- Piscitelli, A. (2002). Exotismo e autenticidade, relatos de viajantes à procura de sexo. *Cadernos Pagu*, 19, 195-233.
- Piscitelli, A. (2004). "El tráfico del deseo: interseccionalidades no marco do turismo sexual no Nordeste do Brasil" *Quaderns de l'Institut Català d'Antropologia*, 4, 1-16.
- Piscitelli, A. (2004). Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional e migração feminina. In: Silva, M.C.da (Org.). *Outros trópicos: novos destinos turísticos, novos terrenos da antropologia* (pp.). Lisboa: Livros Horizonte.
- Piscitelli, A. (2007). Sexo tropical em um país europeu: migração de brasileiras para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Estudos Feministas*, 15 (3), 717-744.
- Piscitelli, A. (2011). *Amor, apego e interesse: trocas sexuais, econômicas e afetivas em cenários transnacionais*. In: Piscitelli, A.; Assis, G. de Oliveira; Olivar, J.M.N. (Orgs.). *Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil*. Campinas, SP: Pagu / Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP, pp. 537-582.
- Piscitelli, A. (2011). Geografia política do afeto: interesses, "amor" e migração In *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2º Seminário sobre imigração brasileira na Europa*, 978-989-732-102-3, Retirado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3874>.
- Remennick, L. (2005). Cross-cultural dating patterns on an Israeli campus: Why are Russian immigrant women more popular than men? *Journal of Social and Personal Relationships*, 22, 435-454.

- Rittiner, M.E. (2011). A mixidade na família heterossexual helvetica-brasileira. Trabalho apresentado na IX Reunião de Antropologia do Mercosul, 10 a 13 de julho de 2011 – Curitiba/PR. GT39 Fluxos migratórios regionais e continentais: Família, Gênero, Geração e Raça.
- Roer-Strier, D. & Ben Ezra, D. (2006). Intermarriages between Western women and Palestinian men: Multidirectional adaptation processes. *Journal of Marriage and Family*, 68(1), 41-55.
- Romano, D. (2008). Inter-cultural marriage: Promises and pitfalls. Yarmouth, Maine. USA: Intercultural Press.
- Rosenblatt, P. C. (2009). A Systems Theory Analysis of Intercultural Couple Relationships. In: Karis, T.A. & Killian, K.D. (Orgs). *Intercultural Couples Exploring Diversity in Intimate Relationships*. New York: Routledge.
- Seto, A. & Cavallaro, M. (2007). Cross-National Couples in the Mainland United States. *The Family Journal*, 15 (3), 258-264. Retirado de <http://tfj.sagepub.com/content/15/3/258.short>
- Silva, S.M. (2012). Casamento franco-brasileiro: mulheres brasileiras casadas com franceses e morando na França. *Novas e velhas configurações da imigração brasileira na Europa: atas do 2º Seminário sobre imigração brasileira na Europa*, 978-989-732-102-3, Retirado de <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/3874>
- Sullivan, C. & Cottone, R.R. (2006). Culturally based couple therapy and intercultural relationships: A review of the literature. *The Family Journal: Counseling and Therapy for Couples and Families*, 14(3), 221-225.

- Sullivan, C. & Cottone, R.R. (2010). Emergent Characteristics of Effective Cross-Cultural Research: A Review of the Literature. *Journal of Counseling & Development*, 88(3), 357-362. Retirado de <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/j.1556-6678.2010.tb00033>
- Triandis, H.C. (1996). The psychological measurement of cultural syndromes. *American Psychologist*, 51, 407-415.

Apêndices

Apêndice A- Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Termo de Consentimento para Participação em Pesquisa

Título da Pesquisa: Amor “estrangeiro”: relacionamentos românticos entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros

Pesquisadora: Claudia Balestreiro Pepino

Orientador: Prof. Dr. Agnaldo Garcia

Instituição: UFES – Universidade Federal do Espírito Santo / PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

Objetivo da Pesquisa: Investigar o relacionamento romântico entre mulheres brasileiras e homens estrangeiros.

Descrição do Procedimento: Serão realizadas entrevistas com mulheres brasileiras acerca de aspectos relevantes de seus relacionamentos românticos com homens estrangeiros.

Benefícios: Espera-se que os resultados contribuam para um melhor entendimento sobre as relações românticas interculturais envolvendo brasileiros.

Análise de risco e sigilo: Todo o procedimento de pesquisa descrito obedecerá rigorosamente aos critérios éticos estabelecidos pela legislação vigente que regulamenta pesquisa com seres humanos. As entrevistas seguirão técnica padrão cientificamente reconhecida e serão aplicadas em local escolhido pelo pesquisador. Serão preservados o sigilo das informações e a identidade dos participantes, sendo que os registros das informações poderão ser utilizados para fins exclusivamente científicos e divulgação em congressos e publicações científicas, resguardando-se sempre o anonimato dos participantes. O participante terá a liberdade de interromper ou desistir de sua participação em qualquer fase da pesquisa. Dúvidas, informações suplementares e esclarecimentos serão fornecidos a qualquer momento aos participantes ou seus responsáveis pelo pesquisador. Os dados coletados serão mantidos por cinco anos e depois serão inutilizados. A previsão do período para os procedimentos descritos é de setembro de 2011 a agosto de 2012.

Identificação do Participante

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

Estando de acordo, assinam o presente termo de consentimento em 02 (duas) vias.

Participante

Claudia Balestreiro Pepino – Pesquisadora

Prof. Dr. Agnaldo Garcia – Orientador

Vitória/ES. ____/____/____

Apêndice B - Cadastro de Perfil de Mulher Brasileira em Site de Relacionamento (ESTUDO 1)

Quer Namorar ainda hoje? Bem Vinda a ClubedeNamoro.com
Para mulheres novas, atrativas e solteiras que querem namorar e casar com homens estrangeiros. Cadastre seu perfil agora! (é grátis, rápido e fácil).

BEM VINDA A CLUBEDENAMORO.COM
Site de namoro e casamento para mulheres brasileiras solteiras que procuram homens estrangeiros educados, elegantes e bem sucedidos para um relacionamento. Cadastre-se com confiança. É grátis, rápido, fácil para encontrar o namoro que você quer.

PARA CADASTRAR-SE...
você terá que preencher todos os campos!

CADASTRO POR CORREIO
Envie 4 fotos o mais, perfil e endereço completo a:
QuendaMulher
110 Boteley, 1001
Ottawa, Ontario K1N 8W8, Canada

SUA PARTICIPAÇÃO...
A sua participação é confidencial e sua privacidade será sempre protegida.

Nome completo:

Detalhes para correspondência (- Rua - Qdra - Conjunto - Apto Casa Nº):
Endereço:
Bairro:
Cidade:
Estado:
Cep:
País:
(DDD)-Telefone fixo: -
(DDD)-Telefone fixo2: -
(DDD)-Celular: -
Email #1:
Email #2:
Email #3:

Data de nascimento (dia/mês/ano):

País de nascimento:

Nacionalidade:

Signo:

Idade:

Altura:

Peso:

Religião:

Cor dos olhos:

Profissão:

Escolaridade:

Língua(s) estrangeira(s)?:

Passaporte:

Estado civil:

Tem Filhos:

Você fuma:

Bebe:

Signo:

Idade:

Altura:

Peso:

Religião:

Cor dos olhos:

Cor dos cabelos:

Raça/Cor da pele:

Passaporte:

Estado civil:

Tem Filhos:

Você fuma:

Bebe:

Cotidiano:

Hobbies:

De que gosta? - Atividade - Cozinhar - Outra informações:

Qualidades pessoais e temperamento:

Tipo do homem ideal:

Descreva-se:

Tipo de relação que procura:

AVISO IMPORTANTE:
Seu cadastro será ativado somente após o recebimento das suas fotos. Fotos de boa qualidade, tipo do estúdio, aumentam a chance de encontrar alguém especial. Para enviar fotos (tipo roupa de praia / piscina / casa / natureza) de rosto, de meio corpo e de corpo inteiro: [clique aqui](#)
Não esquecem de enviar fotos...

Para mulheres do Brasil - Angola - Cabo Verde - Guiné - Moçambique - Portugal - São Tomé - Timor Leste. Eu tenho mais de 18 anos e autorizo Clube De Namoro usar minhas fotos para promover meu perfil - Boa sorte !
Inscripción GRATIS para mujeres - Inscription gratuite pour jeune femmes

Copyright 2014 ClubedeNamoro.com - Todos os direitos reservados
Procura aqui um relacionamento sério e verdadeiro!

Apêndice C - Ilustração de Perfis de Mulheres em Site de Relacionamento (ESTUDO 1)

Name	Mixeira's Profile	Daneira's Profile
Code	BR10001	BR10006
Born on	21/11/1990	15/09/1972
Nationality	Brasileira	Brasileira
Skin Type	Morena Clara	Latina
Height	164cm (5'5")	172cm (5'8")
Weight	81kg (178 lbs)	64kg (140 lbs)
Color Hair	Dark Brown	Brown
Color Eyes	Brown	Brown
Occupation	Sales Consultant	Events Promoter
Contact by	Telephone - Email	Telephone - Email
Foreign Languages	(none)	English
City	Rio Grande do Sul - Brasil	São Paulo- Brasil
Hobbies and Interests	Work, studies, travels, to know about new places, to make new friendships.	Work, family life, meeting new people, reading, watching TV to relax.
Other things I like	Social meetings, conversations, walking, cooking, parties. I adore to be with friends.	cooking, flirting, travels, etc.
About me	No vices, very sociable and communicative, likeable, friendly, good mood, good companion, passionate, discreet if needed.	no vices, traditional values, kind, affectionate, brave, authentic. I consider myself a very special and romantic woman. I have a pretty body with nice curves.
Interested In	Dating, love, romance: future marriage. I want to find a great love. dating, a stable relationship and future marriage.	Dating, a serious relationship and future marriage.
Who I Want to Meet	Someone with good humor, friendly and who loves life. I hope that you like me.	Someone attentive, mature, age from 40 to 67 years, who is affectionate and has much experience of life.

Apêndice D – Roteiro de Entrevista (ESTUDO 2)

ROTEIRO DE ENTREVISTA (ESTUDO 2)

Identificação

Nacionalidade do namorado:

Idade da entrevistada:

Idade do Namorado:

Escolaridade da entrevistada:

Escolaridade do namorado:

Tempo de namoro:

Roteiro de Entrevista Semi Estruturada

- 1- Como vocês se conheceram e em que situação?
- 2- Quais os fatores de atração por essa pessoa? O que chamou sua atenção nele ou nela?
- 3- De que forma o contato inicial passou a um relacionamento amoroso? Quando você se deu conta que estavam namorando?
- 4- Vocês têm ou tiveram alguma dificuldade durante o namoro? Que tipo de dificuldades vocês tiveram?
- 5- Você pode relatar algum momento marcante que revele alguma dificuldade entre vocês?
- 6- A que você atribui tais dificuldades?
- 7- Como foi a percepção da sua família e da família do companheiro(a) em relação ao relacionamento de vocês?
- 8- Como foi a percepção dos seus amigos e amigos do seu companheiro(a) em relação ao relacionamento de vocês?
- 9- O que você considera importante para namorar uma pessoa de outra nacionalidade?
- 10- Conte algum episódio marcante do relacionamento de vocês.

Apêndice E – Roteiro de Entrevista (ESTUDO 3)

ROTEIRO DE ENTREVISTA (ESTUDO 3)

IDENTIFICAÇÃO

Nacionalidade do cônjuge:

Idade entrevistada:

Idade do cônjuge:

Escolaridade da entrevistada:

Escolaridade cônjuge:

Profissão da entrevistada:

Profissão do cônjuge:

Tempo de namoro:

Tempo de casada:

Local de Residência:

CONJUGALIDADE E ADAPTAÇÃO AO LOCAL DE RESIDÊNCIA:

- a) Como foi a opção pelo casamento?
- b) Vocês casaram no religioso e no civil no país vivido? E no Brasil?
- c) Onde residiam antes do casamento? E após o casamento? Como foi o processo de escolha do local de residência?
- d) Fale sobre seu processo de adaptação ao casamento e ao novo lugar de residência? Encontrou alguma dificuldade?
- e) Qual o idioma de comunicação entre o casal? Houve aquisição do idioma de cada cônjuge?
- f) Como ficou a vida profissional após o casamento?
- g) Como o casal lida com dinheiro?
- h) Como são feitas as tarefas de casa?
- i) Como ocorrem as tomadas de decisões?
- j) Você percebeu conflitos e diferenças culturais? Do ponto de vista religioso?

RELAÇÕES COM FAMILIARES – DE CADA CÔNJUGE COM SUA FAMÍLIA E A DO CÔNJUGE

- a) Qual percepção da família do homem frente à união (apoio, crítica, hostilidade)?
- b) Qual a percepção da família da mulher frente à união (apoio, crítica, hostilidade)?
- c) Comente sobre seu relacionamento com os familiares do cônjuge? E seus familiares? Após o casamento teve alguma mudança?
- d) Como sua família e a família dele percebem o relacionamento de vocês? Participação da sua na vida do casal? Participação da família dele na vida do casal?
- e) Como é o seu relacionamento com a família dele? E antes do casamento? Em qual idioma você se comunica com a família dele?
- a) Como ele se relaciona com a sua família? E antes do casamento? Em qual idioma ele se comunica com sua família?

RELAÇÕES COM AMIGOS DE CADA CÔNJUGE

- a) Fala um pouco dos seus relacionamentos de amizade? Você tem amigos? E as amizades dele? E amigos comuns? Qual o idioma utilizado?
- b) Existem mudanças na sua relação com seus antigos amigos?
- c) Existem mudanças na relação do cônjuge com os antigos amigos dele?
- d) Como é a sua relação com os amigos do cônjuge?
- e) Como é a relação do seu cônjuge com seus amigos?
- f) Qual a reação / percepção dos seus amigos frente à união de vocês? (apoio, crítica, hostilidade)

- g) Qual a reação / percepção dos amigos dele frente à união de vocês?
(apoio, crítica, hostilidade)
- h) Qual a participação dos seus amigos e dos amigos dele na vida do casal?
- i) Mudanças na relação do homem com seus antigos amigos

EM CASO DE FILHOS:

- a) Vocês têm filhos? Quantos?
- b) Qual o nome dos seus filhos?
- c) Onde nasceram seus filhos?
- d) Qual a língua materna deles?
- e) Eles falam a língua do pai?
- f) Qual a cultura que prevalece na criação dos filhos?

RELAÇÕES SOCIAIS

- a) Como a mulher brasileira é vista ao casar com estrangeiro no contexto de residência?
- b) Como a mulher brasileira é vista ao casar com estrangeiro no contexto brasileiro?